



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
TECNOLÓGICA
CENTRO DE FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE, AMBIENTE E
QUALIDADE DE VIDA**

JOÃO PAULO PANTOJA BRAGA

**PROJETO FELICIDADE: BEM-ESTAR SUBJETIVO PARA CRIANÇAS DE 8 A 12
ANOS EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL EM SANTARÉM, PARÁ**

**SANTARÉM-PARÁ
2019**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

- B813p Braga, João Paulo Pantoja
Projeto Felicidade: bem-estar subjetivo para crianças de 8 a 12 anos em uma Escola Pública Estadual em Santarém, Pará. / João Paulo Pantoja Braga. – Santarém, 2020.
93 p. : il.
Inclui bibliografias.
- Orientadora: Iani Dias Lauer Leite
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica, Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida.
1. Crianças Amazônicas. 2. Infâncias. 3. Felicidade. I. Leite, Iani Dias Lauer, *orient.*
II. Título.

CDD: 23 ed. 362.73098115

Bibliotecária - Documentalista: Renata Ferreira – CRB/2 1440

JOÃO PAULO PANTOJA BRAGA

PROJETO FELICIDADE: BEM-ESTAR SUBJETIVO PARA CRIANÇAS DE 8 A 12 ANOS EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL EM SANTARÉM, PARÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida da Universidade Federal do Oeste do Pará para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade, Saúde e Sustentabilidade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Iani Dias Lauer Leite.

**SANTARÉM-PARÁ
2019**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PRó -REITORIA DE PESQUISA, PóS -GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO TECNOLóGICA
CENTRO DE FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PóS GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE, AMBIENTE E QUALIDADE DE VIDA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

ATA N 14

Aos quatorze dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e dezenove, às quatorze horas e trinta minutos, na sala trezentos e dezenove, instalou-se a banca examinadora de dissertação de mestrado do discente João Paulo Pantoja Braga. A banca examinadora foi composta pelos professores: Dr. Edilan de Sant'Ana Quaresma, Ufopa, examinador externo ao programa, Dra. Helionora Alves da Silva, Ufopa, examinadora interna, Dr. Thiago Almeida Vieira, Ufopa, examinador interno, e Dra. Iani Dias Lauer Leite, Ufopa, orientadora. Deu-se início a abertura dos trabalhos, por parte da professora Iani Dias Lauer Leite, presidente da banca, que, após apresentar os membros da banca examinadora e esclarecer a tramitação da defesa, solicitou ao discente que iniciasse a apresentação da dissertação, intitulada "Projeto Felicidade: Bem-estar Subjetivo para Crianças de 8 a 12 anos em uma Escola Pública Municipal em Santarém, Pará", marcando um tempo de quarenta minutos para a apresentação. Concluída a exposição, a professora Iani Dias Lauer Leite, passou a palavra aos examinadores para arguir o discente. Terminadas as arguições, a presidente da banca solicitou aos presentes que se retirassem da sala para a realização do julgamento do trabalho, concluindo a Banca Examinadora por sua **Aprovação**, conforme as normas vigentes na Universidade Federal do Oeste do Pará. A versão final da dissertação deverá ser entregue ao programa, no prazo máximo de sessenta dias, contendo as modificações sugeridas pela banca examinadora e constante na folha de correção anexa. Conforme o Artigo 57 do Regimento Interno do Programa, o discente não terá o título se não cumprir as exigências acima.

Professora Dra. Iani Dias Lauer Leite
Presidente

Professor Dr. Edilan de Sant Ana Quaresma
Examinador Externo ao Programa- UFOPA

Professor Dr. Thiago Almeida Vieira
Examinador Interno- UFOPA

Professora Dra. Helionora da Silva Alves
Examinador Interno- UFOPA

João Paulo Pantoja Braga
Discente

Para
Paulo César Santil Braga
Terezinha de Jesus Medeiros Pantoja
Alaide Santil Braga
Veritas e Odilo Fernandes
Saulo Tavares
Terezinha Matos
Raimundo Nonato Medeiros
Que estão com certeza acompanhando minha caminhada lá de cima, vocês não sabem a falta
que me fazem.
E para Ananda Pantoja
Que você se orgulhe muito do titio.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato muito importante em qualquer situação da vida e nesta etapa da minha vida eu não poderia deixar de pontuar aqui esses agradecimentos.

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus que em sua infinita misericórdia me concedeu a oportunidade de viver uma experiência tão fantástica como essa do mestrado.

A minha família, principalmente minha mãe Elisabete Pantoja que por muitos anos assumiu as rédeas da minha criação a duras penas de ter de trabalhar distante, durante a noite para poder investir na minha educação que segundo ela era o único bem que ela poderia me deixar, e que mesmo depois de adulta resolveu fazer uma faculdade pública, passou, se formou e se tornou mais ainda um exemplo de garra e dedicação aos seus ideais. As minhas tias Vera e Maria que são com minhas segundas mães e meu tio Durval que também é meu pai, que juntamente com minha mãe me deram o sustento necessário para chegar até aqui, e minhas primas Elisa, Bel, Lia e Laise, pessoas que me incentivam sempre a ir adiante e não ligar para o tamanho dos obstáculos, pessoas que me provaram o quanto estarão sempre ao meu lado independentemente de qualquer coisa, essas pessoas são minha estrutura, minha base e é por eles que eu sempre irei buscar o melhor, buscar mais e mais. Aos meus tios Odete e Denis que mesmo a KM de distância incentivavam a chegar onde quer que eu quisesse. Amo vocês!

Aos meus amigos, mas principalmente a Jamile Fernandes que me atura desde 2006, que segura a minha mão em todas as minhas crises, sejam elas físicas ou psicológicas e que com certeza queria mais que ninguém nesse mundo ver esse título nas minhas mãos. Ao querido Luan Menezes que ao longo desses últimos meses me deu apoio pra chegar até aqui e acreditou que era possível alcançar. Aos meus amores Mariana Omena, Camila Lameira, Anna Luisa Sena, Rafael Monteiro, João Lima, Railany Benoá, Clara Aguiar, Geovanna Oliveira e todos os que não estão aqui nominalmente, mas que sabem da importância nessa jornada e que me ajudaram no que estava ao seu alcance, mas acima de tudo, me ajudaram me acolhendo e me dando o conforto em todos os momentos em que eu não acreditava mais que ia conseguir, amores, muito obrigado mesmo, pode parecer pouco, mas o abraço, o beijo e o carinho naqueles momentos foram alavanca que me impulsionou para frente. Amo vocês!

A Priscila Castro por ter estado comigo nessa jornada desde quando estivemos juntos lutando por uma vaga no PPGE mas que eu fiquei no caminho, mas como ela mesma disse ainda na seleção *“Eu vou passar por nós dois”* e assim ela fez, minha amiga, eu te amo e tenho muito orgulho de você!

Ao meu eterno grupo de amigos do Mestrado, Kamila Mendes, Thiago Borges e Bruno Calzavara, vocês foram aquilo que precisei durante essa caminhada, foram a amizade no momento difícil, foram o apoio no momento que não acreditávamos que ia dar certo, mas gostaria de agradecer infinitamente ao Bruno, por tudo, desde os infinitos momentos de conversa e conselhos até a ajuda nos últimos momentos,

você é um amigo que eu vou guardar dentro do meu coração eternamente. Amo vocês!

As queridíssimas Estelina Bento e Joice Aquino por me aturarem nesses longos anos, ouvindo meus choros, me dando conselho, me incentivando e me mostrando o quanto eu podia conseguir essa vitória, vocês também são parte disso tudo.

A minha psicóloga Niziane Andrade, pessoa que me ajudou em uma fase da minha vida que eu não conseguiria caminhar sozinho, que me mostrou que eu era capaz, me mostrou que as barreiras não eram mais fortes do que eu, muito obrigado, você também é parte disso.

Ao Laboratório de Pesquisa Crianças e Infâncias Amazônicas (LAPCIA) por me proporcionar essa experiência de convivência tão diferente e tão enriquecedora, a me ajudarem nesta etapa final, sendo uma família. Estar ao lado de vocês é sem dúvida nenhuma uma experiência singular.

As queridas Raquel, Iana e Samara por terem sido disponíveis a me ajudar nessa etapa final da caminhada, muito obrigado meninas, vocês são maravilhosas.

A Escola São Raimundo, todo seu corpo técnico e principalmente as crianças que fizeram esta pesquisa possível, sem elas não haveria resultado algum a ser apresentado.

Aos professores do programa e aqui gostaria de agradecer nominalmente pois cada um dos que esteve presente em sala de aula repassando seus conhecimentos é uma parte da minha formação profissional. Professor Itamar e sua eterna paixão pelo educar, professora Fátima Matos por ter sido a minha primeira orientadora, pessoa pela qual eu entrei neste programa e que esteve presente na primeira etapa importante dessa caminhada que foi a qualificação, muito obrigado. Itamar, Thiago, Helionora, Mirtes, Maxwell, Alana, Jailson e Bruno que nos mostraram sem medo nenhum o caminho a seguir durante esses dois anos, agradeço também a Professora Irani Lauer, pelas preciosas contribuições, o meu mais sincero agradecimento a esses seres tão maravilhosos e iluminados.

A grandiosa *Iani*, que é muito mais que uma professora, muito mais que uma orientadora, muito mais que uma amiga, é uma MÃE! Eu não conheço palavras suficientes para agradecer o quanto ela foi importante na minha jornada, quando eu quis desistir ela segurou minha mão e não me abandonou. Quando eu pensei que não íamos conseguir ela disse que íamos e me mostrou que íamos. Enfim, essa mulher com essa aparência pequena e frágil é muito mais forte do que eu podia imaginar e eu estendo esse agradecimento ao seu marido e suas filhas que nos permitem conviver com essa fantástica mulher, muito obrigado por existir e por ser luz na vida das pessoas que lhe buscam.

Professora, sua vivência e experiência serão reflexos no meu perfil profissional para sempre, posso não ter sido o orientando dos sonhos, mas ainda lhe darei muito orgulho no futuro, isso está escrito para servir de compromisso. MUITO OBRIGADO!

As crianças são quase sempre felizes, porque não pensam na felicidade. Os velhos são muitas vezes infelizes, porque pensam demasiadamente nela.

Paolo Mantegazza

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar a adequabilidade de dois instrumentos que avaliam o bem-estar subjetivo de crianças, para a realidade do norte do Brasil. Para se alcançar esse objetivo geral definiu-se por objetivos específicos: a) Realizar um diagnóstico inicial das médias de bem-estar subjetivo de crianças na cidade de Santarém; b) Verificar a aplicabilidade de instrumentos já validados para a realidade de crianças da região norte. O estudo envolveu 101 crianças com idade entre 8 e 12 anos incompletos devidamente matriculadas em uma Escola da rede Estadual de Santarém. Os instrumentos utilizados foram: a) Escala Multidimensional de Satisfação de Vida infantil (ESMVI); b) O método do Desenho da Figura Humana onde as crianças são levadas a responder a seguinte pergunta: “Como é uma pessoa feliz” e responde-las através de um desenho. A análise dos dados da EMSVI foi realizada mediante os softwares Excel e PSPP. Os resultados relativos ao DFH foram analisados utilizando-se os critérios validados por Viapiana, Bandeira e Giacomoni (2016). Quanto aos resultados do EMSVI, não foi possível teste de revalidação. Utilizou-se, portanto, os fatores validados em estudo anterior. As crianças apresentaram os seguintes índices de bem-estar relativo aos fatores: Escola (m=4,07), Família (m=3,94), self (m=3,71), self comparado (m=2,42) e não violência (m=1,57). Quanto ao DFH as maiores médias foram nos critérios 3 (Integração da figura) (m=4,75), 12 (boca expressando sorriso) (m=4,72) e 14 (roupa) (m=4,62). Por outro lado, as menores médias foram nos critérios 10 (símbolos afetivos) (m=1,59), 18 (objetos inanimados) (m=1,62) e 8 (pano de fundo) (m=3,00). Surgiram ainda outros elementos não evidenciados no estudo de validação inicial dessa técnica, como a presença de desenhos do tipo minecraft e a lembrança trazida pelas crianças, de familiares que são felizes, exteriorizados nos desenhos. Não foi encontrada correlação entre os fatores do EMSVI e os critérios do DFI. Com base nesse último resultado, são sugeridas medidas que visam refinar o desenho de pesquisa, para averiguar a existência dessa correlação com amostra de crianças da região norte do país.

Palavras-chave: Crianças Amazônicas. Infâncias. Felicidade.

ABSTRACT

This research had as general objective to analyze the suitability of two instruments that evaluate the subjective well-being of children, for the reality of the north of Brazil. In order to achieve this general objective, the following specific objectives were defined: a) To carry out an initial diagnosis of means of subjective well-being of children in the city of Santarém; b) Check the applicability of instruments already validated for the reality of children in the northern region. The study involved 101 children aged between 8 and 12 years of age who were duly enrolled in a School of the State of Santarém. The instruments to be used were: a) Multidimensional Scale of Child Life Satisfaction (ESMVI); b) The Human Figure Drawing method where children are asked to answer the following question: "How happy is a person" and answer them through a drawing. The analysis of EMSVI data was performed using Excell and PSPP software. The results on HF were analyzed using the criteria validated by Viapiana, Bandeira and Giacomoni (2016). Regarding the EMSVI results, no revalidation test was possible. We used, therefore, the factors validated in a previous study. (M = 4.07), Family (m = 3.94), self (m = 3.71), self compared (m = 2.42) and non-violence (m = 1.57). Regarding HFD, the highest means were 3 (Integration of the figure) (m = 4.75), 12 (mouth expressing smile) (m = 4.72) and 14 (clothing) (m = 4.62). On the other hand, the lowest averages were in criteria 10 (affective symbols) (m = 1,59), 18 (inanimate objects) (m = 1,62) and 8 (background) (m = 3,00). Other elements that were not evidenced in the initial validation study of this technique, such as the presence of minecraft drawings and the recollection brought by the children, of relatives who are happy, exteriorized in the drawings. No correlation was found between EMSVI factors and DFI criteria. Based on this last result, measures are suggested that aim to refine the research design, to verify the existence of this correlation with a sample of children from the north of the country.

Keywords: Amazon Children. Childhood. Happiness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
SEÇÃO I – ESTUDO BIBLIOGRÁFICO	15
1. Um panorama das pesquisas desde a qualidade de vida até o bem-estar subjetivo infantil	15
1.1 Qualidade de Vida, Bem-Estar e Bem-Estar Subjetivo	16
1.2 Bem-estar Subjetivo Infantil	30
1.2.1 Instrumentos de Avaliação	39
1.2.1.1 Autoquestionnaire Qualité de Vie Enfant Imagé - Qualidade de vida em Imagens para crianças (AUQEI)	39
1.2.1.2 Child Health Questionnaire - Parent Form 50 - Questionário de Saúde da criança - Formulário Pai 50 - (CHQ-PF50)	40
1.2.1.3 Pediatric Quality of Life Inventory - Inventário de Vida Qualidade Infantil (PedsQL™) Versão 4.0.	40
1.2.1.4 Kidscreen-52.	41
1.2.1.5 Questionário de Satisfação da Criança	42
1.2.1.6 Instrumento de Mensuração da Satisfação de Vida Global em Crianças.	43
1.2.1.7 Instrumento de Mensuração e Satisfação com Domínios da Vida Infantil	43
1.2.1.8 Desenho da Figura Humana	44
SEÇÃO II – ESTUDO EMPÍRICO	48
2. PERCURSO METODOLÓGICO	48
2.2 Local da Pesquisa:	48
2.3 Participantes:	49
2.3.1 Critérios de Exclusão:	50
2.4 Instrumentos:	50
2.4.1 Ficha de dados sociodemográficos:	50
2.4.2 Desenho da Figura Humana	50
2.4.3 Escala Multidimensional de Satisfação de Vida Para Crianças – Giacomoni (2002).....	50
2.5 Etapas da Pesquisa:	52
2.6 Coleta de Dados:	52
2.7 Análise dos Dados	55
2.7.1 Dados Sociodemográficos.....	54
2.7.2 Análise de Dados do DFH	55

2.7.3 análise da Escala Multidimensional de Satisfação de Vida Infantil	56
SESSÃO III – RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	58
3. ALGUNS INDICATIVOS DO BEM-ESTAR SUBJETIVO DAS CRIANÇAS PARTICIPANTES	58
3.1 Perfil dos Participantes.....	58
3.2 Resultados Relativos ao Desenho da Figura Humana.....	59
3.3 Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Crianças	70
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
4.1 Objetivos	75
4.2 Limitações do trabalho.....	76
4.3 Contribuições e caminhos futuros.....	77
4.4 Sobre o pesquisador e suas impressões	77
REFERÊNCIAS.....	80

INTRODUÇÃO

Pesquisas sobre bem-estar e qualidade de vida tem se avolumado nos últimos anos. Há interesse, tanto por parte da mídia, empresas e da ciência em compreender, ainda que talvez por diferentes motivações, quais fatores influenciam esses construtos.

Há relatos do uso do termo bem-estar por volta do século XVI mas foi no século XVII que esse termo passou a ser utilizado com um significado mais próximo ao conhecido hoje em dia, ou seja relacionado às necessidades da existência humana.

Existem atualmente várias definições para o termo Bem-estar; especificamente, para bem-estar subjetivo. Nesse sentido, há autores que consideram o termo sinônimo de Qualidade de Vida, enquanto outros afirmam que são conceitos distintos e o BES é uma das dimensões da QV (GIACOMONI, 2004).

Nessa pesquisa adota-se esse pressuposto inicial, ou seja, de que o BES é uma dimensão da QV. Também se escolheu a definição de Diener (1984), segundo o qual bem-estar subjetivo vem a ser a compreensão do indivíduo sobre felicidade, fortalecidas por suas experiências de vida, sua avaliação acerca dos aspectos de sua vivência e a subjetividade que o mesmo caracteriza dentro dessas experiências.

Vários estudos foram realizados com adultos e crianças, no intuito de mensurar o BES e identificar quais domínios ou fatores o influenciam. Em se tratando das crianças, no início da década de 90, iniciaram os estudos voltados ao bem-estar Subjetivo Infantil. Tais estudos avançaram significativamente fora do país, destacando-se aqueles realizados na Espanha por Casas e Bello (2012), que juntamente com uma equipe de pesquisadores, trouxeram um apanhado de informações relevantes sobre a qualidade de Vida e o bem-estar subjetivo das crianças Espanholas. Os resultados dessa pesquisa foram obtidos através da aplicação de um estudo onde avaliou-se vários domínios que poderiam influenciar o BES infantil.

No Brasil são referências os estudos de Giacomoni (2002), e colaboradores como Hutz (2009), Viapina e Bandeira (2016) e Barboza (2017). Esses estudos demonstraram que não há considerável influência de variáveis como sexo, idade, série escolar, raça e composição familiar, no BES infantil. Contudo, há influência de fatores de personalidade e de domínios específicos da vida da criança,

como a família, a vizinhança, escola e amizades, assim como outros domínios do self e oportunidades de lazer no local onde a criança reside (GIACOMONI, 2002).

Contudo, uma ressalva deve ser feita: os estudos sobre BES infantil no Brasil foram realizados até o momento apenas nas regiões sul e sudeste do país, portanto, não se sabe como está o bem-estar subjetivo das crianças nortistas e nordestinas, assim como não se conhece quais domínios influenciam o bem-estar delas.

Antes de se pesquisar, não é possível afirmar que os domínios que tem relação com o BES são os mesmos, assim como é preciso descobrir se os instrumentos desenvolvidos até agora para mensurar o BES infantil em outras partes do país se adequam às crianças nortistas.

Nesse intuito, a presente pesquisa, teve por objetivo geral analisar a adequabilidade de dois instrumentos que avaliam o bem-estar subjetivo de crianças, para a realidade do norte do Brasil. Para se alcançar esse objetivo geral definiu-se por objetivos específicos: a) Realizar um diagnóstico inicial das médias de bem-estar subjetivo de crianças na cidade de Santarém; b) Verificar a aplicabilidade de instrumentos já validados para a realidade de crianças da região norte. Para cumprir esses objetivos, o autor da pesquisa realizou uma Bibliometria dos últimos 30 anos acerca dos estudos sobre Qualidade de Vida, Bem-Estar Subjetivo e Bem-Estar Subjetivo Infantil e aplicou os instrumentos escolhidos para uma amostra de crianças de uma escola pública na cidade de Santarém, Pará.

O caminho metodológico escolhido objetivou tanto validar um instrumento de pesquisa que possa ser utilizado com crianças em escolas urbanas na região norte, quanto compreender melhor os domínios considerados importantes pelas crianças e que influenciam o BES das mesmas. Assim, o estudo é caracterizado como quantitativo e qualitativo, pois será necessário lançar mão de técnicas características de ambos.

Ainda sobre o delineamento da pesquisa, este se caracteriza como um estudo focado na busca por compreender melhor um construto: como mensurá-lo e quais os domínios a ele ligados. Não se pretende generalizar os resultados, mas ter uma compreensão inicial de um conceito ainda não pesquisado com crianças nortistas.

Nesse sentido, a pesquisa contribui ao auxiliar na adequação e validação de instrumentos para uso com crianças da região norte, além de trazer um recorte,

ainda que pequeno e não generalizável, de como está o BES de um grupo de crianças vivendo na Amazônia e permite identificar quais domínios interferem nesse BES.

Obviamente com esse estudo, não se pretende dar a palavra final sobre o BES infantil no Norte, ao contrário, dar o passo inicial, apontar caminhos, para melhor compreender e intervir, quando necessário, de maneira a garantir o melhor desenvolvimento possível para crianças amazônicas.

Esta dissertação está organizada na forma de sessões. A primeira sessão se refere a uma Bibliometria acerca das pesquisas realizadas sobre o Bem-Estar Subjetivo infantil nos últimos 30 anos. A segunda sessão apresenta o percurso metodológico adotado nesta pesquisa e pôr fim a terceira e quarta sessões apresentam os resultados dos estudos.

SEÇÃO I – ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

1. UM PANORAMA DAS PESQUISAS DESDE A QUALIDADE DE VIDA ATÉ O BEM-ESTAR SUBJETIVO INFANTIL

Em 1967 um dos primeiros pesquisadores a estudar o Bem-Estar Subjetivo – BES foi Warner Wilson. Ele apresentou uma revisão sobre felicidade nomeada “*Correlates of Avowed Happiness*” que trazia os dados existentes até aquele período.

No entanto, foi somente a partir de 1984 com os estudos de Diener que esse termo passou a ser mais conhecido. Além disso, sua relação com qualidade de vida e as variadas hipóteses que sempre determinavam um bem-viver saudável, onde o indivíduo tem o mínimo de doenças, tem uma boa relação com a natureza e sociedade, possui um bom emprego, tem uma relação social estável com as pessoas, enfim, possui um grande bem-estar social e emocional.

No estudo de Diener o autor apresenta características existentes na literatura voltada ao BES existente na época, incluindo felicidade, satisfação de vida e afeto positivo, e separava em três áreas: medição, fatores causais e teoria. Ainda neste estudo são apresentadas pelo autor instrumentos de avaliação, escalas de item único e multi-item.

O autor apresenta possíveis influências existentes nas pesquisas bem como os achados sobre outras influências como saúde, contato social, atividade e personalidade.

O que por muito tempo significou a verdade absoluta a respeito do que era ou não Bem-Estar, veio ganhando ênfase no cenário científico internacional. Com o passar dos anos, pesquisadores trouxeram novas verdades a respeito do termo Bem-Estar.

Em termos de Bem-Estar Subjetivo internacionalmente, Diener é o maior nome da pesquisa, sendo um dos percussores dos estudos em grupo focal aplicados primeiramente com adultos e idosos e posteriormente realizando pesquisas com crianças como público. Já o cenário brasileiro autoras como Giacomoni, Viapiana e Rutz lideram as maiores pesquisas sobre o BES e o BES Infantil.

Giacomoni (2002) apresenta dados em sua pesquisa, datados da década de 70, que relacionam os estudos de cientistas sociais e do comportamento acerca da felicidade, o que para eles é chamada cientificamente de BES. Esses estudos são apresentados por Diener (1984) como surgidos em 1973 e 1974 no *Psychological Abstracts* e *Social Indicators Research*, respectivamente.

Portanto, o crescimento e reconhecimento do Bem-Estar Subjetivo como área de pesquisa da psicologia vêm crescendo ao longo dos anos com nomeações variadas como: felicidade, satisfação, estado de espírito e afeto positivo (Giacomoni, 2002).

1.1 Qualidade de Vida, Bem-Estar e Bem-Estar Subjetivo

Para verificar como está a pesquisa sobre o BES é necessário ainda se conhecer o cenário de que ele faz parte. Para isso foi realizada uma bibliometria, que é uma ferramenta utilizada para analisar o quanto está sendo produzido cientificamente sobre um determinado assunto. Através desta busca, objetivou-se conhecer: onde podem ser encontradas as pesquisas sobre o Bem-Estar Subjetivo e Felicidade de crianças, quais autores que tem pesquisado este tema, onde estes estudos estão sendo realizados e, por fim, traçar uma linha histórica a respeito das primeiras e últimas publicações. O recorte temporal escolhido foi de 1988 a 2018.

Para alcançar os resultados, foram adotados todos os termos nos idiomas inglês, português e espanhol, sempre com pesquisas de títulos, no período de 1988 a 2018 e em todas as bases da *Web of Science* (WOS): Quality of Life, Qualidade de vida e Calidad de vida; Subjective Well Being, Bem-Estar Subjetivo, Bienestar subjetivo; Subjective Well-Being in childhood, Bem-Estar Subjetivo Infantil, Bienestar Subjetivo Infantil; Happiness, Felicidade, Felicidad.

Estabeleceu-se uma sequência partindo-se do assunto mais amplo – Qualidade de Vida - até se alcançar o tema relativo à pesquisa: Bem-Estar subjetivo Infantil. Após, expandiu-se os termos referentes a Bem-Estar subjetivo de crianças, utilizando também satisfação com a vida e felicidade, combinando infância e as variações de plural do termo criança em cada um dos idiomas adotados.

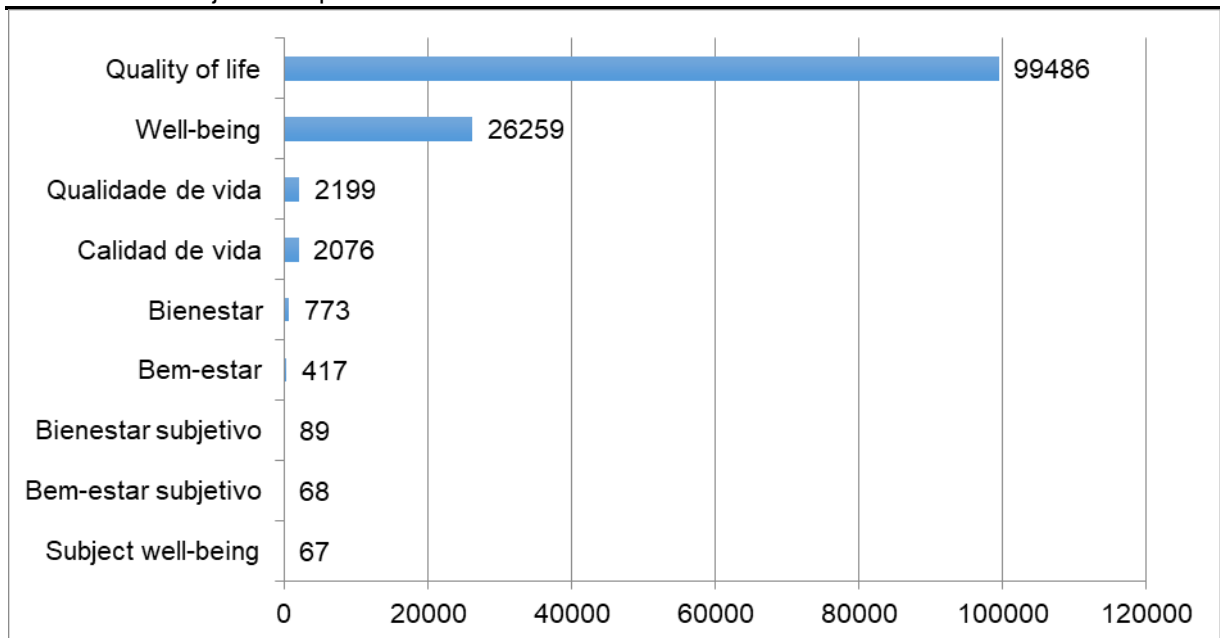
Utilizou-se também como base de informações o Relatório de Pesquisas da CAPES produzido pela a Clarivate Analytics que mostra o cenário da pesquisa no Brasil publicado em 2017, onde são apresentados os índices de pesquisa pelos

estados brasileiros, suas produções, a colaboração internacional do Brasil em pesquisas, os impactos das pesquisa e a comparação do Brasil com outros países de acordo com as bases de dados da *Web of Science*.

Observa-se que o termo *Quality of life* concentra o maior número de publicações sobre o assunto. De fato, os resultados referentes a este termo nos três idiomas estão entre os quatro termos mais pesquisados dentro do período pesquisado. Em contrapartida, os termos relacionados ao BES representam os menores quantitativos registrados em todos os idiomas pesquisados.

O gráfico a seguir apresenta resultados relevantes aplicados ao termo “*Quality of life*” onde foram encontrados mais estudos que em qualquer termo registrado na base de dados.

Figura 1 – Quantidade de publicações tituladas com termos relativos à Qualidade de Vida, Bem-Estar e Bem-Estar Subjetivo no período de 1988 a 2018.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019) a partir de dados da *Web of Science*.

Quando se trata do termo “*Quality of Life*” nota-se um considerável crescimento ano após ano (Figura 2). Havia 216 pesquisas no ano de 1988 enquanto registram-se 7.645 pesquisas publicadas no ano de 2018.

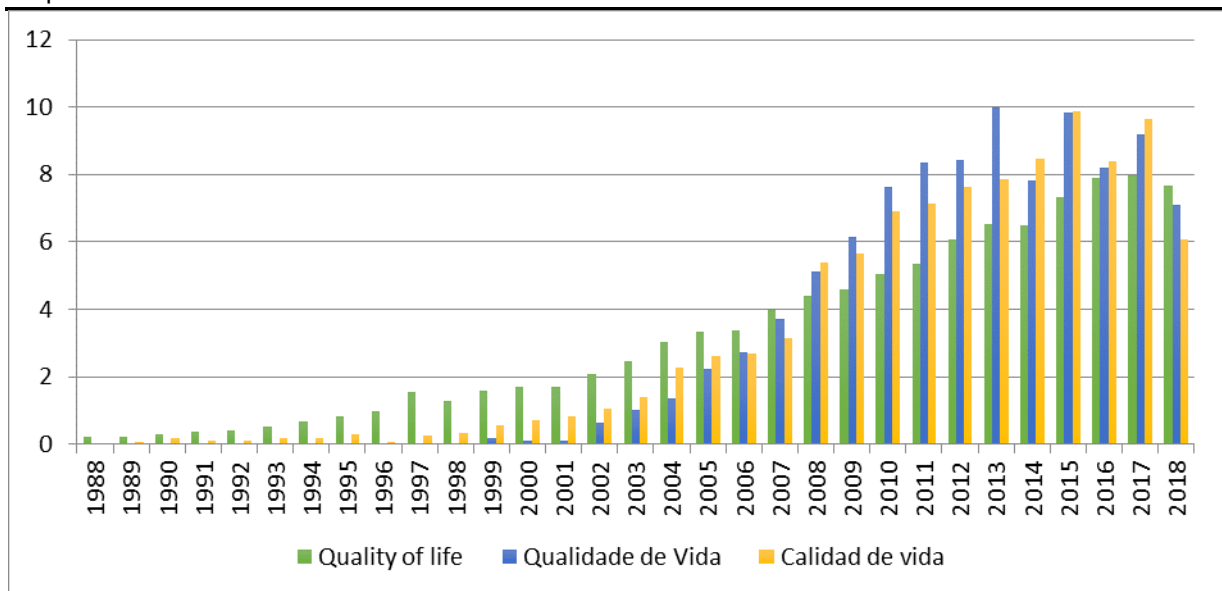
Já em relação ao termo “Qualidade de Vida”, nota-se que de 1992 a 1997 não houveram publicações relacionadas a este termo. Entende-se que o Brasil tem uma gama pequena de pesquisas nos anos iniciais aos estudos, o que é compreensível pois o cenário da pesquisa vem aumentando dos anos 2000 em diante.

Em 1992 tivemos o lançamento do Estatuto da Criança e do Adolescente, marco histórico para os estudos voltados a crianças no Brasil, e em nosso recorte de tempo esse ainda é um período com baixo registro de pesquisas publicadas.

No que se relaciona a “Calidad de Vida” o ano com maior número de publicações foi o ano de 2015, com um total de 205 pesquisas publicadas. O termo em espanhol representa a menor parcela quantitativa nos resultados da busca, porém os resultados são semelhantes aos dados encontrados em português.

Pode-se compreender nesse panorama que países que possuem o inglês como língua nativa, produzem e publicam mais. Um dos fatores que pode ser relacionado é o de incentivo financeiro à pesquisa, que no Brasil, por exemplo, até os dias de hoje ainda é reduzido em comparação aos países com maior índice de publicações, e infelizmente vem perdendo força com o passar dos anos devido à escassez de políticas públicas e de amparo a pesquisa no Brasil.

Figura 2 – Percentuais de publicações tituladas com termos relativos à Qualidade de Vida em função do período de 1988 a 2018.



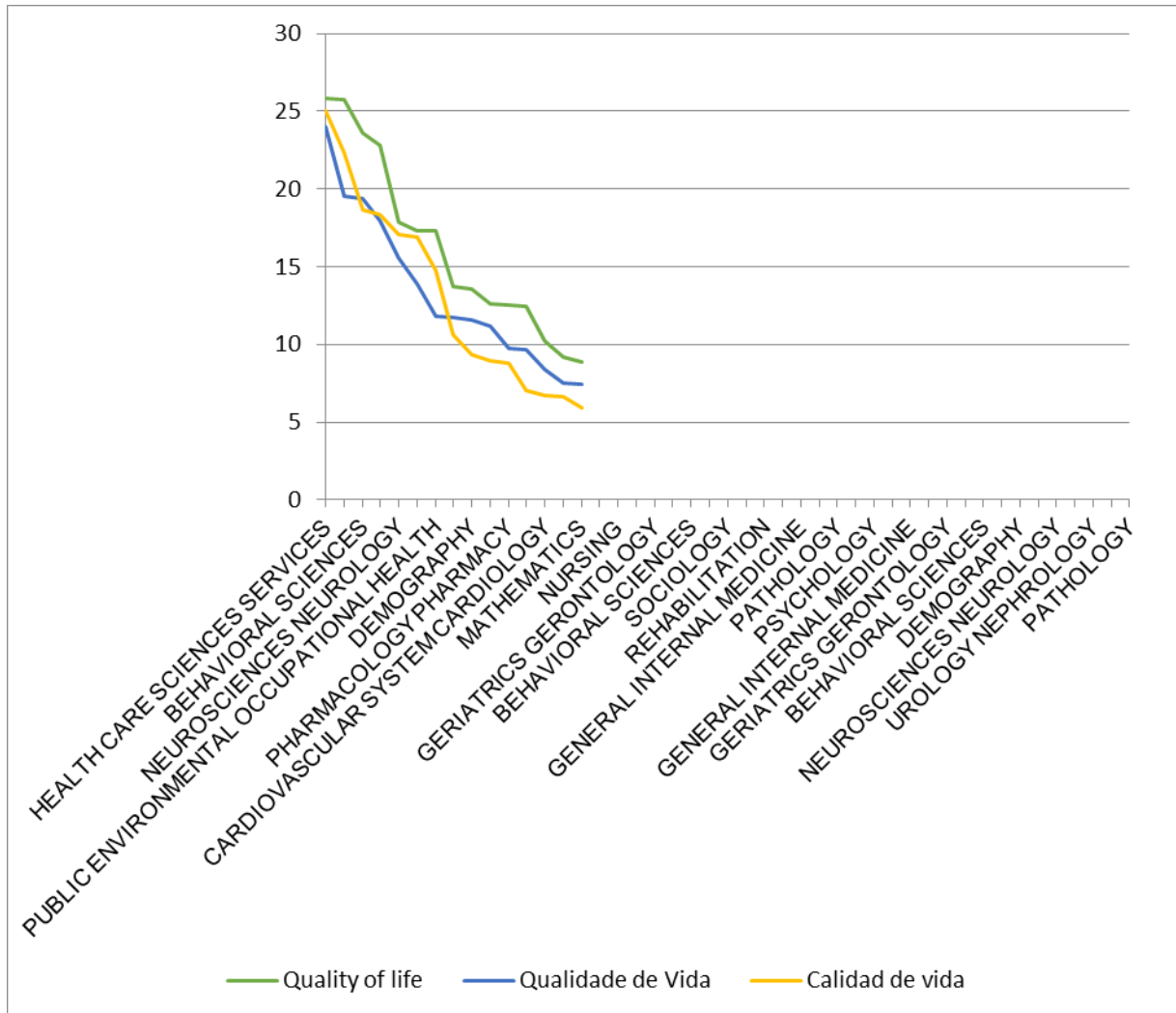
Fonte: Elaborado pelo autor (2019) a partir de dados da *Web of Science*.

Os valores percentuais da última década estudada seguem o constante aumento no número total de publicações, contudo apresenta oscilações a partir de 2014, havendo decréscimo no número total de publicações com os termos em português e espanhol. Já as pesquisas utilizando termos em inglês, mantêm-se em crescimento durante todo o período pesquisado, exceto no ano de 2018, quando tem uma queda de 3,58 %.

Na distribuição percentual entre as principais áreas do conhecimento destes trabalhos, observou-se que as áreas de Serviços de Ciências da Saúde e de Psicologia despontam como as mais relevantes nos três idiomas (Figura 3). A área com mais trabalhos sobre Qualidade de Vida foi a que relaciona as pesquisas com Serviços de Ciências da Saúde, com 25.706 trabalhos publicados. As demais áreas de pesquisa encontradas foram Psicologia, Ciências Comportamentais, Gerontologia de Geriatria, Neurologia, Oncologia, Saúde Ocupacional Ambiental Pública, Cirurgia, Demografia, Psiquiatria, Farmacologia, Pediatria, Cardiologia, Medicina Interna Geral e Matemática.

Apesar do predomínio dos estudos sobre o assunto nas áreas de saúde, mesmo somente entre as quinze áreas que mais se destacaram, pode-se perceber o viés interdisciplinar da temática, abrangendo publicações das áreas de ciências humanas e exatas também.

Figura 3 – Percentuais de publicações tituladas com termos relativos à Qualidade de Vida em função das principais áreas do conhecimento, no período de 1988 a 2018.

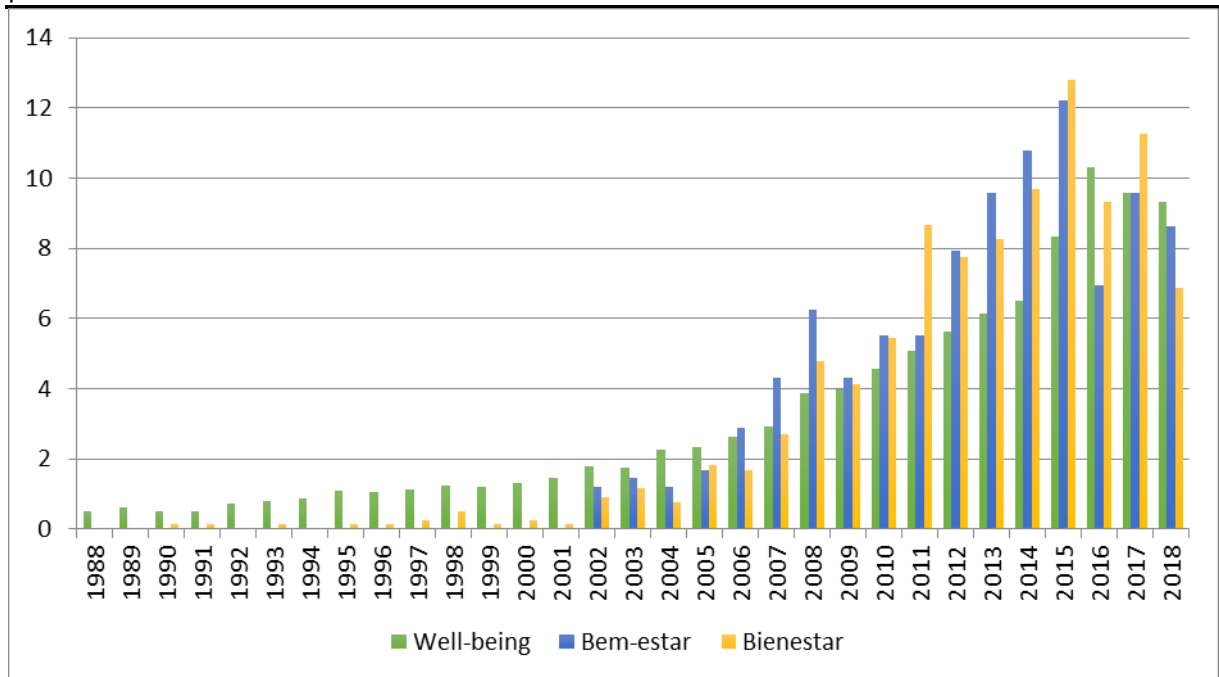


Fonte: Elaborado pelo autor (2019) a partir de dados da *Web of Science*.

Para busca com os termos relativos à Bem-Estar nos três idiomas pesquisados foi encontrando 27.449 registros, sendo o ano de 2016 o ano mais produtivo. No idioma inglês foram observados registros durante todo o período estudado. Já em português, foram encontrados registros somente a partir de 2002, portanto, posterior ao início das produções científicas sobre Qualidade de Vida neste idioma. As publicações em espanhol aparentam ter começado antes das produções em português, havendo poucos anos sem nenhum registro de publicação dentro do recorte temporal adotado (Figura 4).

De maneira semelhante aos percentuais de publicações referentes à Qualidade de Vida, houve crescimento percentual constante nas pesquisas com os termos relativos ao Bem-Estar, havendo decréscimo somente a partir do ano de 2016.

Figura 4 – Percentuais de publicações tituladas com termos relativos à Bem-Estar em função do período de 1988 a 2018.

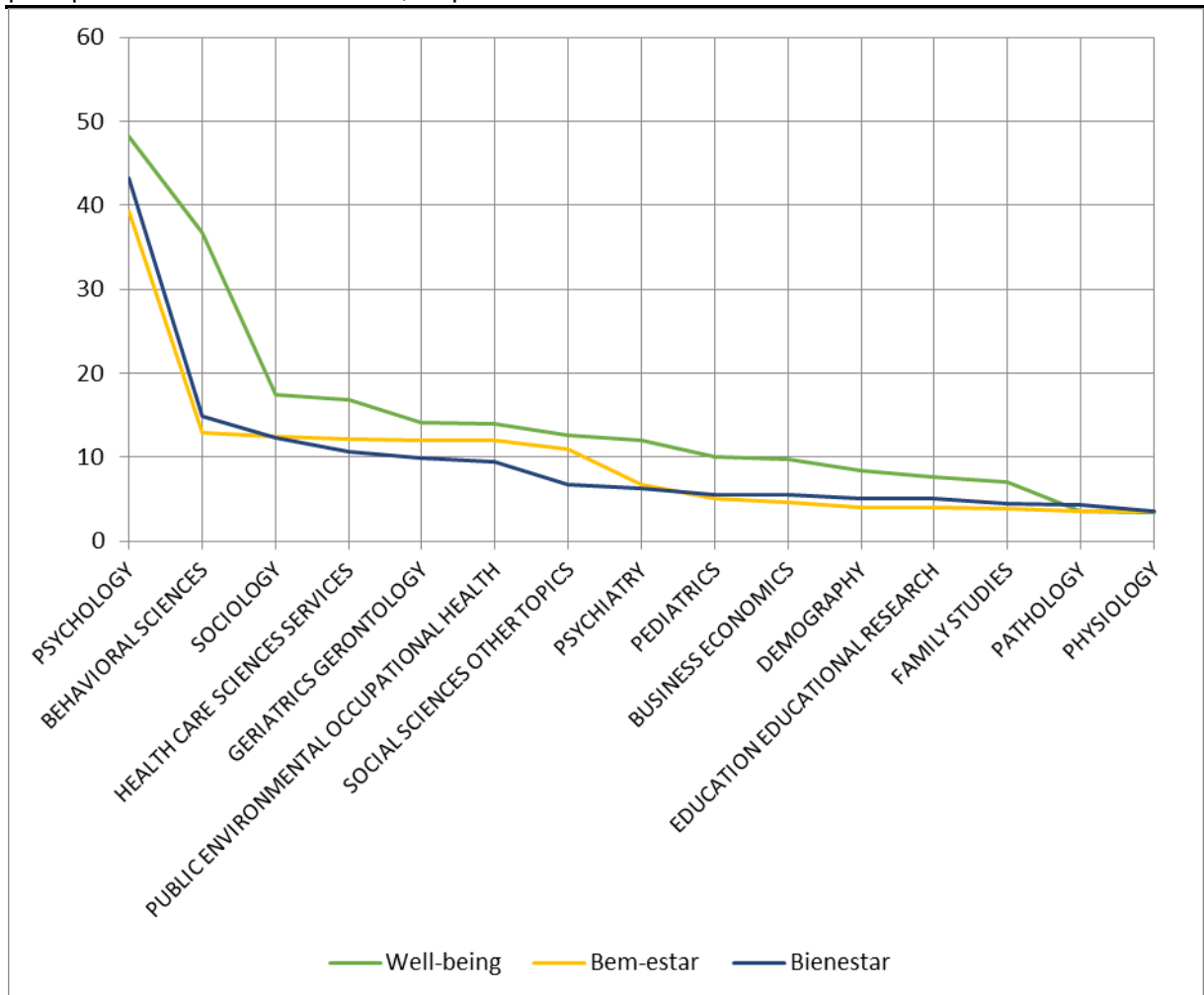


Fonte: Elaborado pelo autor (2019) a partir de dados da *Web of Science*.

Observa-se que as publicações com o termo em português só começaram no ano de 2002, o que pode indicar um atraso das pesquisas brasileiras em se apropriar do assunto. De fato, em quantidade de publicações, as pesquisas de Bem-Estar em português representam apenas 1 % do total. No entanto, em termos percentuais, o crescimento no número de publicações em português, entre os anos de 2006 e 2015, superaram o crescimento no número de publicações em inglês. Da mesma forma, o crescimento no percentual de publicações na língua espanhola superou os de língua inglesa entre os anos de 2008 a 2017.

Refinando os resultados por área do conhecimento, encontraram-se 13.138 resultados somente na área da Psicologia que desponta com os maiores percentuais registrados (Figura 5). Percebe-se que as 15 principais áreas de Qualidade de vida e Bem-Estar não variam muito entre si. Além disso, confirma-se o caráter interdisciplinar desse tipo de estudos, com pesquisas na área de ciências biológicas, exatas e humanas dentre as principais áreas identificadas na busca, semelhante ao padrão identificado entre as principais áreas de pesquisa com os termos de Qualidade de Vida.

Figura 5 – Percentuais de publicações tituladas com termos relativos à Bem-Estar em função das principais áreas do conhecimento, no período de 1988 a 2018.

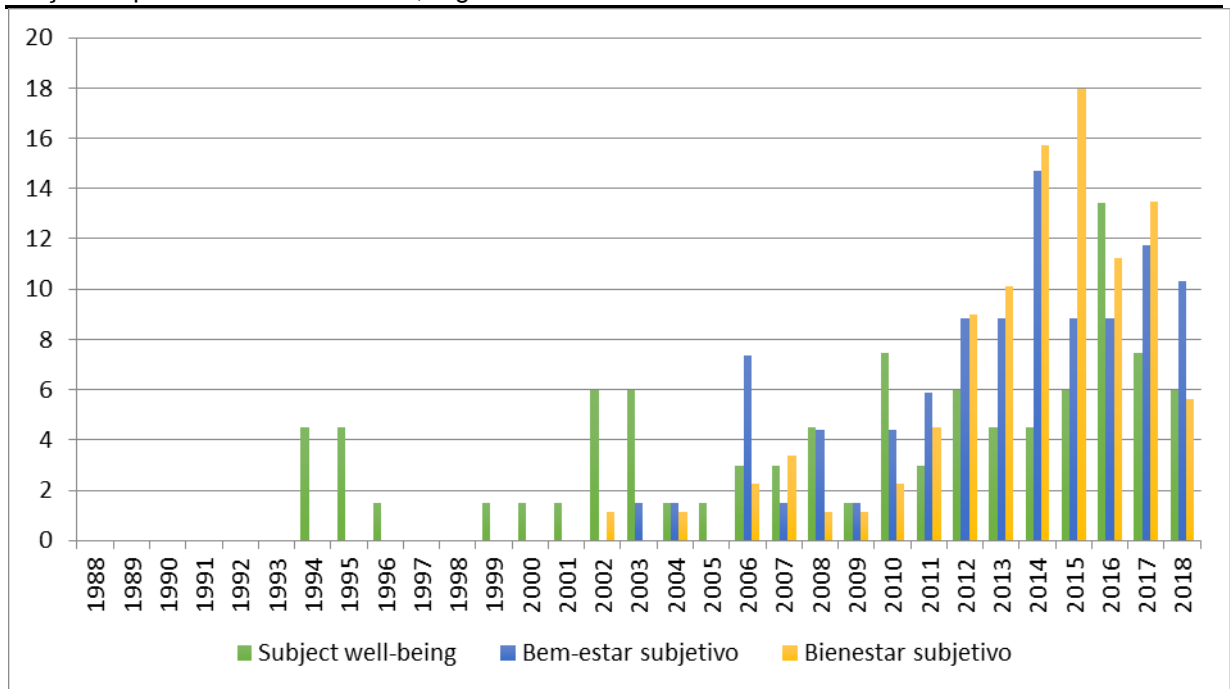


Fonte: Elaborado pelo autor (2019) a partir de dados da *Web of Science*.

No que diz respeito à autoria das pesquisas, não é uma novidade que Diener estaria como o autor que mais publicou a respeito do Bem-Estar/*Well-being*. A ferramenta da WOS apresentou 79 trabalhos que levam a autoria de Diener que partem desde o “Subjective Well-Being” publicado em 1984, até o “Advances in subjective well-being research” de Diener, Oishi, e Louis publicado em abril de 2018.

As buscas pelos termos indexadores referentes à Bem-Estar Subjetivo resultaram num montante de 417 pesquisas dentro do recorte temporal adotado (Figura 6). Nesse período, os primeiros registros de publicações na base de dados são encontrados somente a partir do ano de 1994 no idioma inglês. Já nos idiomas espanhol e português, os registros começam nos anos de 2002 e 2003, respectivamente.

Figura 6 – Percentuais de publicações tituladas com termos relativos à Bem-Estar Subjetivo em função do período de 1988 a 2018, registrados na *Web of Science*.



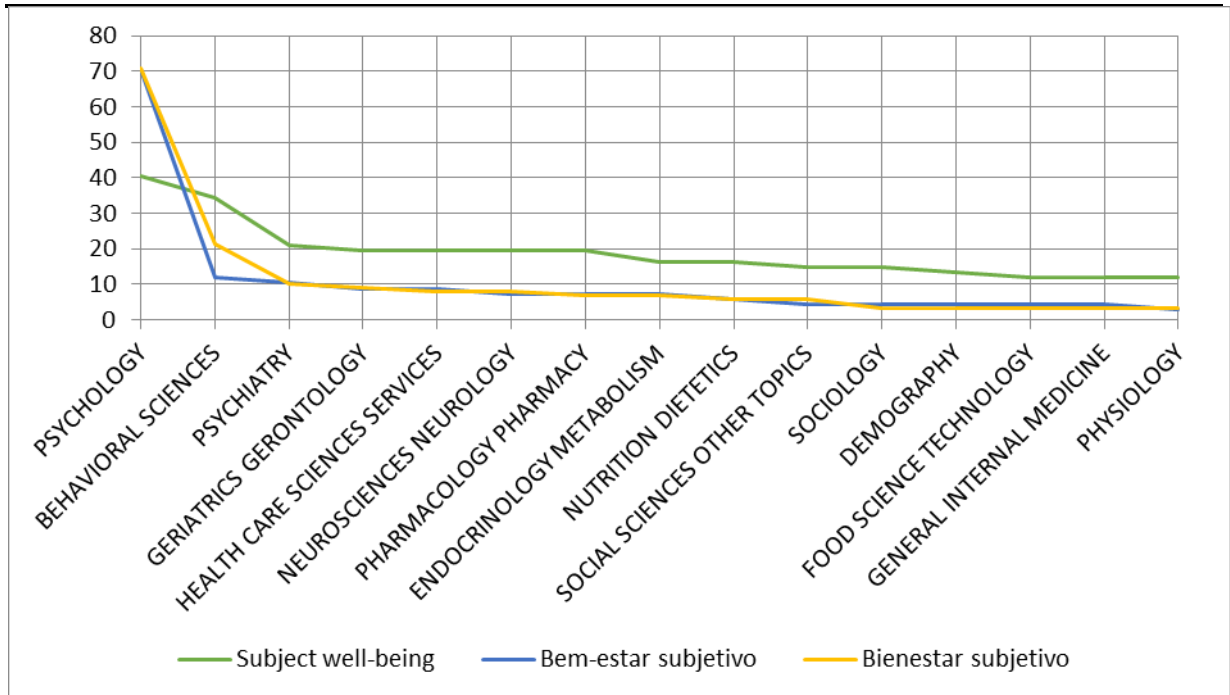
Fonte: Elaborado pelo autor (2019) a partir de dados da *Web of Science*.

Apesar do claro aumento ao longo dos anos, percebe-se sensível oscilação nos registros de ambos os idiomas, diferentemente do observado com os termos mais amplos. Isso pode indicar que a produção científica sobre Bem-Estar Subjetivo ainda está em fase de consolidação.

Um fato interessante sobre essa distribuição diz respeito a quantidade total de publicações por idioma. Observou-se que o número de publicações em espanhol foi superior ao de publicações em português e inglês, respectivamente. Portanto, o padrão identificado com a consulta dos termos referentes à Qualidade de Vida e Bem-Estar não se repete com as pesquisas tituladas com termos sobre BES nos três idiomas adotados.

Em português estão datadas a partir do ano de 2003, que se subdividem em 25 áreas de pesquisa, onde 48 dessas são na área de Psicologia, o que representa 70,6% do total (Figura 7).

Figura 7 – Percentuais de publicações tituladas com termos relativos à Bem-Estar Subjetivo em função das principais áreas do conhecimento, no período de 1988 a 2018, registrados na *Web of Science*.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019) a partir de dados da *Web of Science*.

Psicologia, Ciências Comportamentais, Ciências Sociais, Sociologia, Educação em Pesquisa Educacional, Pediatria, Estudos Familiares, Psiquiatria, Trabalho Social, Serviços de Ciências da Saúde, Ciências da Vida, Biomedicina, Tecnologia da Ciência, Saúde Ocupacional Ambiental Pública, Economia de Negócios e Demografia foram as áreas encontradas na busca relacionada a Bem-Estar Subjetivo.

Galinha e Pais Ribeiro (2005) realizaram revisão de literatura concernente ao Bem-Estar Subjetivo (BES), na qual expuseram os movimentos sócio históricos da evolução do conceito. Os autores apresentaram a história do conceito analisada por diferentes investigadores, identificando a primeira herança advinda dos movimentos sociais inspirados no Iluminismo e no Utilitarismo que deram o impulso a pesquisas de Qualidade de Vida. Uma segunda herança foi apontada pelos autores, relacionando-se com os desenvolvimentos da Saúde, designadamente, a 2ª Revolução da Saúde, objetivando defender o retorno a uma perspectiva ecológica na saúde e mudança do enfoque das questões da doença para as questões da saúde.

Dadas essas considerações históricas quanto ao BES, é relevante realizar algumas considerações sobre a definição do termo e o que ele abrange. Nessa linha, Galinha e Pais Ribeiro (2005) em revisão de literatura sobre o BES, consideraram que o termo ainda é muito abrangente e “conceitualmente difuso”. Há concordâncias e discordâncias quanto ao que ele significa e o uso de outros termos como sinônimos.

Com o passar dos anos, a história do Bem-Estar Subjetivo apresenta um conceito abrangente e conceitualmente difuso, pois para autores como Andrews e Robinson (1991); Campbell, Converse, e Rogers (1976); George (1981); Horley (1984) o termo ainda é muito utilizado de forma pouco respeitosa, tornando ainda o conceito distante de uma definição única e universal.

Para um dos autores que mais trouxe contribuições teóricas e metodológicas a esse campo de estudo, o Bem-Estar subjetivo é caracterizado como o nível de Bem-Estar que as pessoas vivem e experimentam a partir das avaliações subjetivas que fazem da sua própria vida a respeito de situações positivas, negativas, julgamentos e sentimentos no trabalho, família, saúde, relações e eventos positivos e negativos (DINER e RYAN, 2009).

Nickerson e Nagle (2004) definiram que o Bem-Estar subjetivo se refere ao que as pessoas pensam e sentem, integrando três fatores associados: afeto positivo, afeto negativo e satisfação de vida. Poletto (2011) confirmou essa lógica ao afirmar que os dois primeiros fatores são definidos por respostas afetivas, enquanto que a satisfação com a vida se baseia em respostas cognitivas e avaliativas.

Casas e Bello (2012) afirmaram que o Bem-Estar é entendido como um conjunto de percepções, avaliações e aspirações das pessoas sobre suas vidas. Ao tratar da questão do uso do termo e do que ele abarca, os autores indicaram que, apesar de não haver uma correspondência exata entre o BES e os termos felicidade, qualidade de vida, satisfação de vida ou Bem-Estar pessoal, estes são usados como sinônimos nas pesquisas, por serem termos que talvez sejam mais familiares aos leitores, o que justifica a utilização dos termos como sinônimos em grande parte da literatura disponível atualmente.

Já Albuquerque e Tróccoli (2004) trouxeram diversas nomeações para o termo do BES que são felicidade, satisfação, estado de espírito, afeto positivo, sendo também considerado como uma avaliação subjetiva da qualidade de vida.

Para Diener (1984) as definições de Bem-Estar e felicidade podem ser agrupadas em três categorias. A primeira define o Bem-Estar por critérios externos, como a virtude ou a sanidade, a segunda concentra-se na avaliação da vida em termos positivos, na qual a definição de BES passou a ser rotulada como satisfação e a terceira a um significado de felicidade que mais se aproxima do modo como o termo é usado diariamente, ou seja, essa definição enfatiza uma experiência emocional agradável. Nesse sentido, Diener, Oishi e Lucas (2003) afirmam que o Bem-Estar Subjetivo é chamado pelos leigos de felicidade, prazer ou satisfação com a vida.

Ainda nesse sentido, Diener (1984) apresenta três características definidas: primeiramente é subjetivo, em segundo o BES inclui medidas positivas e em terceiro as medidas subjetivas de Bem-Estar incluem uma avaliação global de todos os aspectos da vida de uma pessoa.

Nesse estudo, a definição adotada para o Bem-Estar Subjetivo é aquela apresentada por Diener (1984), segundo este vem a ser a compreensão do indivíduo sobre felicidade, fortalecidas por suas experiências de vida, sua avaliação acerca dos aspectos de sua vivência e a subjetividade que o mesmo caracteriza dentro dessas experiências.

Diversos são os fatores que interferem no Bem-Estar subjetivo, de acordo com pesquisas realizadas em diferentes países. Diener (1984) apontou, em um extenso artigo sobre o tema, alguns fatores que, à época, foram encontrados como influenciando o BES. Dentre eles destacam-se: renda, idade, cultura, emprego e educação, eventos da vida e outros. Tais fatores são comentados a seguir.

Para Diener (1984) existe uma relação positiva entre renda e BES. Levando em consideração vários estudos por ele analisados, há uma relação de alguns dados que afirmam que pessoas de países mais desenvolvidos tendem a ser mais felizes, porém, o efeito da renda ainda é pequeno frente a conceitos considerados mais importantes como educação e saúde. Contudo, com o passar dos anos foi-se verificando que embora haja um aumento na renda de uma população de determinado país, isso não significaria aumento no nível de felicidade o que se confirmou nas pesquisas de Campbell (1978) e Easterlin (1974) presentes no estudo de Diener (1984) que apontou um crescimento considerável na renda dos Estados Unidos da América e não houve absolutamente nenhum aumento nos relatórios médios de felicidade.

Para Diener, Diener e Diener (1995) apontam que indivíduos de países mais ricos e individualistas tendem a demonstrar maior BES, pois esses indivíduos têm mais capacidade de seguir seus próprios desejos e vontades assim conseguindo realizá-los com mais frequência.

Albuquerque e Tóccoli (2004) viram que níveis maiores de felicidade foram encontrados em nações mais ricas, mas observando através do estudo de Schyns (1998) que esses resultados não puderam ser replicados provavelmente pelo envolvimento de poucas nações envolvidas e à falta de medidas longitudinais.

Uma segunda variável apresentada pelo autor é a questão Demográfica. No que diz respeito a idade e gerações os primeiros estudos apontavam que jovens eram mais felizes que idosos. O autor usou os estudos de Bortner e Hultsch (1970) e Braum (1977) onde os pesquisadores descobriram que entrevistados mais jovens relataram níveis mais fortes de efeitos positivos e negativos, porém, indivíduos mais velhos relatam níveis maiores de felicidade global, o que Campbell (1976) também apresenta informando que satisfação e seus índices de Bem-Estar geral correlacionam-se positivamente com a idade.

Campbell et al. (1976) descobriram que idosos relatam maior satisfação em todos os campos exceto na saúde. Já para Diener, Larsen, Levine e Emmons (1984), os jovens parecem experimentar níveis mais elevados de alegria, enquanto os idosos julgam suas vidas de maneiras mais positivas.

Dentro da variável Demográfica é elencado também a questão de gênero. Embora haja pouca variante entre sexos, e as mulheres relatem um impacto mais negativo elas também vivenciam experiências mais alegres. O autor relata dois estudos Midiey (1980) e Spreitzer e Snyder (1974) que relatam uma modesta interação entre sexo e idade, onde mulheres mais jovens são mais felizes que homens mais jovens e mulheres mais velhas menos felizes que homens mais velhos.

Existe uma multifatorialidade ao falar na questão da raça como uma variante de resultados. Negros e brancos diferem-se em geral por idade, educação, renda, estado civil e urbanidade. Além disso, é importante que esses fatores sejam controlados se quiser saber se a raça tem efeito sobre isso.

Nos EUA encontravam-se geralmente níveis mais baixos de BES em negros de que nos brancos. Diener (1984) diz que além dos fatores como urbanidade e baixa renda, os negros carregam fatores adicionais que diminuem o BES, mas

apenas para alguns grupos. Campbell et al. (1976) mostra que o pós-primeira guerra nos anos de 1957 a 1972 houve diminuição na felicidade tanto de brancos como em negros, mas Diener alerta sobre os estudos que relacionam raça, educação e outros dados por serem relacionados a subgrupos específicos e muitas vezes pequenos (amostras por exemplo de 10 a 30 pessoas) portanto as conclusões são bastante incipientes.

A variante referente a questão emprego tem um impacto devastador no BES segundo Diener (1984). No estudo de Campbell et al. (1976) foi descoberto que os desempregados formavam o grupo de pessoas mais infelizes. Wright (1978) levantou a questão de que donas de casas não eram menos felizes do que pessoas que tinham empregos assalariados.

Já em questões que envolvem educação e formação observou-se no estudo de Diener que não haviam efeitos significativos quando haviam outros fatores controlados como, por exemplo, a renda do indivíduo.

Quando se procura uma relação de variantes referentes a religião, Diener explica embasado em estudos de (Spreitzer e Snyder, 1974) que a religião teve um efeito significativo em pessoas com menos de 65 anos, mas não em idosos, mas afirma que muitas questões referentes a religiosidade ainda permanecem sem respostas, se há relações com outros fatores controlados e se esses fatores têm poder de influenciar essas variantes. Sabe-se que muitas pessoas buscam respostas aos seus questionamentos e até mesmo depositam suas crenças de melhora nos tempos difíceis em sua fé e crenças e são agradecidas quando tem essas preces ouvidas atribuindo-as as suas forças superiores.

Lykken e Tellegen (1996) dizem que o BES é um construto que também sofre influência cultural. Diener, Diener e Diener (1995) constataram que a cultura influencia personalidade e personalidade influencia cultura, tornando as análises dos níveis fundamentais para entender o BES dentro desta perspectiva cultural.

Lykken e Tellegen (1996) afirmam que o BES também sofre uma variante cultural, embora 52% da variação responda a hereditariedade. Isso tende a mostrar que as experiências vividas em sociedade transmitem ao indivíduo expectativas sobre o mundo, o que também traz a afirmação de Diener, Diener e Diener (1995) que essa cultura influencia a personalidade do indivíduo e que a personalidade vem a influenciar a cultura e que essas análises são fundamentais para o entendimento do BES dentro de uma perspectiva cultural.

Diener ainda apresenta o fator comportamento como uma das variantes que podem afetar o BES. Wilson (1967) concluiu em seu estudo que pessoas extrovertidas podem ser mais felizes, porém isso não diz que o contato social seja fator de melhoramento do BES. Para Diener os estudos sugerem que os extrovertidos sejam mais felizes, mas o próprio contato social é importante para influenciar o Bem-Estar, podendo então ser levado em consideração que quando o sujeito está feliz ele seja mais sociável.

Quando se relacionam os eventos positivos e negativos na vida do indivíduo, entende-se que ambos podem ter influências sobre o BES. Todavia, são necessários um entendimento e um controle a respeito do impacto que esses eventos têm diante da vida do sujeito, o que não deixa nada provado que eventos ruins tendem a diminuir o BES, pois existem relatos que até mesmo os eventos positivos são passíveis de diminuição deste Bem-Estar de acordo com Guttman (1978) e Reich e Zautra (1981).

Levando em consideração todas essas variantes e provavelmente a existência de outras, Diener (1984) apresentou necessariamente três características fundamentais do BES que podem distingui-lo dos outros conceitos: a subjetividade, medidas positivas e uma avaliação global. Albuquerque e Tróccoli (2004) conceituam que o BES elevado inclui experiências emocionais positivas, raras experiências negativas, satisfação não somente com vários aspectos da vida, mas com o todo. Os autores ainda concluem que a variação de humor, as suas emoções e julgamentos autoavaliativos, mudam naturalmente com o passar dos anos o que não vem a implicar na instabilidade do fenômeno.

Diener (1984) deu o maior incentivo nas pesquisas sobre Qualidade de Vida e Bem-Estar Subjetivo ao redor do mundo. Suas pesquisas servem de base para estudos atuais e são capazes de dar subsídios a pesquisas nas mais variadas áreas do conhecimento, em busca do entendimento das teorias a respeito da QV e BES.

Apesar de seus estudos iniciais serem voltados para pesquisas com adultos, Diener construiu e ajudou a construir diversos instrumentos que são fundamentais para o estudo com os mais variados públicos, suas influências sobre sexo, raça, religião, situação financeira e cultura sobre os sujeitos.

Nesse contexto Diener, Diener e Diener (1995) afirmam a importância de entender como a cultura é responsável pelo entendimento do BES, como essas diferenças culturais podem ser fortes variantes no estudo e tenderem a um

diagnóstico mais claro e objetivo do que venha a causar verdadeiramente essa diferença no desenvolvimento.

Seligan (2009) entende o estudo das experiências humanas a partir de três ângulos, sendo o primeiro associado à análise das experiências positivas (Bem-Estar, satisfação com a vida, felicidade), o segundo ao estudo das forças psicológicas (capacidade para afeto, perdão, espiritualidade, talento e sabedoria) e o terceiro as características como ética, altruísmo, tolerância e responsabilidade que configuram e determinam as organizações positivas.

Na visão de Seligan (2009), podemos analisar nossas experiências de vida e em cima delas traçar aquilo que possa ter resultados característicos, por exemplo, em nossos traços de personalidade. Logo no primeiro ângulo de avaliação o autor expõe os princípios básicos dessa avaliação, e leva em consideração justamente os conceitos de Bem-Estar, satisfação com a vida e felicidade.

Mas de fato, será que todos estamos aptos a fazer esse julgamento a respeito do que nos tem dado satisfação na vida?

O ser humano é ser de constante inquietação e insatisfação. Sempre há algo que precisa ser mudado, melhorado, alterado, diversificado; é como se nada fosse suficiente para agradar até mesmo a si próprio. Um nariz que é muito grande, um cabelo que não é da cor que acha que fica melhor, uns pesos a mais que incomodam, a parede da sala que não está verde o suficiente, as folhas da planta que estão nascendo mais para a esquerda do que para a direita, tudo isso torna a inquietação e a insatisfação inevitáveis.

Sendo assim, o que nos torna felizes e capazes de acreditar que é possível encontrar um equilíbrio para tornar-se pleno? O segundo ângulo vem fazer uma associação dos fatores de satisfação e felicidade com o que nos leva a acreditar nisso. Nossas crenças, nossa capacidade de relação com os outros, o ato de perdoar e ser perdoado e nossa relação com nossos talentos.

Nesse ponto se inicia o primeiro contraponto entre felicidade e completude versus satisfação e competências. Passamos pela fase de conhecimento próprio, descoberta de talentos e chegamos ao período de avaliar o que eles têm trazido para as nossas vidas de diferente, de melhor. Geralmente nessa etapa é que aprendemos a lidar com os medos e até mesmo chegamos a lidar com a “autopiedade”.

Por fim, chegamos ao ângulo que trabalha nossa definição moral e ética, no qual definimos valores e o quanto eles podem ser necessários e importantes para nossa formação ética e social.

Giacomoni (2002) trouxe para o Brasil inúmeras pesquisas sobre o BES e dando os primeiros passos nesse estudo voltado para crianças. Seus estudos são bases de instrumentos de pesquisa de diversos pesquisadores e servem de base teórica para mapear as características do BES infantil no Brasil.

Na pesquisa de Viapiana, Bandeira e Giacomoni (2006) o cenário do BES Infantil ainda é caracterizado com a realidade de seu estado e suscita a necessidade dessas pesquisas ganharem novos horizontes para pesquisa no país, que ainda precisa materializar-se em um espaço considerável no *hall* da pesquisa sobre Qualidade de Vida e Bem-Estar Subjetivo.

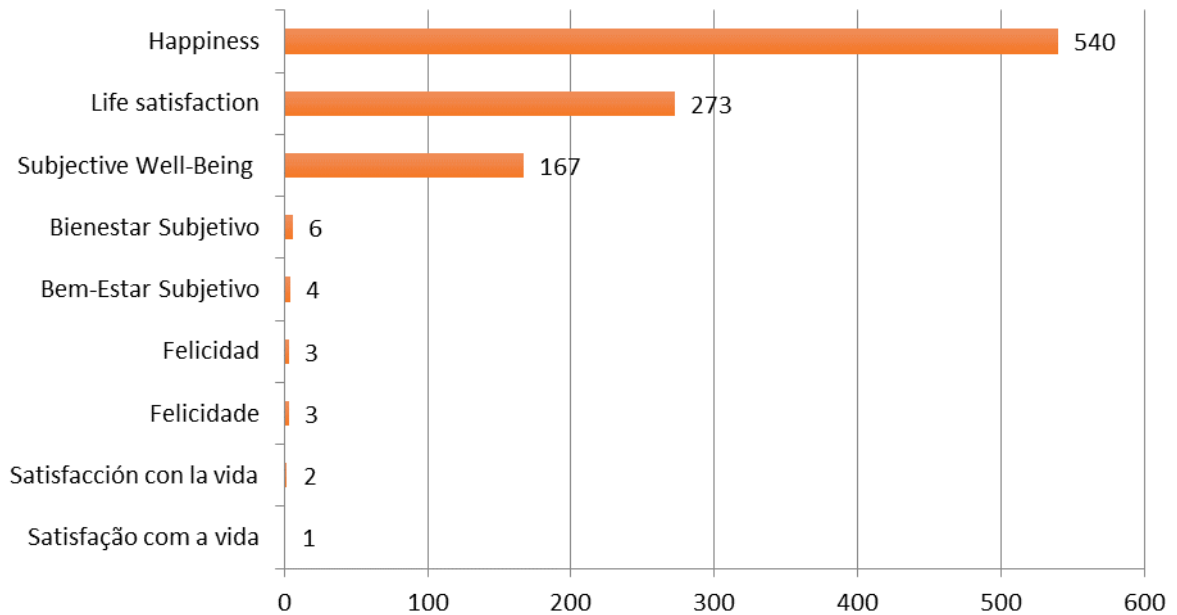
1.2 Bem-Estar Subjetivo Infantil

Compreender o funcionamento das emoções, as formas e comportamentos relacionados aos sentimentos era o desejo desde os filósofos da antiguidade. Eles consideravam a felicidade como melhor bem e a motivação final para a ação humana.

Para encontrar na literatura diferenciados termos utilizados para relacionar o Bem-Estar subjetivo de crianças, utilizamos a *web-of-science* adotando os termos “Happiness”, “Life Satisfaction” e “Subjective Well-Being” na língua inglesa, “Bienestar Subjetivo”, “Felicidad” e “Satisfacción con la vida” na língua espanhola e “Bem-Estar Subjetivo”, “Felicidade” e “Satisfação com a vida” na língua portuguesa. O termo infância e criança(s), nos três idiomas, também foram utilizados, porém, o primeiro só se mostrou relevante nas pesquisas com o idioma em inglês. Para os demais idiomas, somente os termos relativos à criança, nas suas respectivas variações de plural, apresentam resultados nesta pesquisa.

A partir disso, observou-se que as pesquisas no idioma inglês foram as que mais se destacaram no número total de publicações sobre o BES com crianças, principalmente aquelas intituladas com o termo Felicidade, apresentando mais da metade das publicações totais sobre o assunto, cerca de 54% (Figura 8).

Figura 8 – Quantidade de publicações intituladas com termos relativos ao Bem-Estar Subjetivo com Crianças no período de 1988 a 2018.

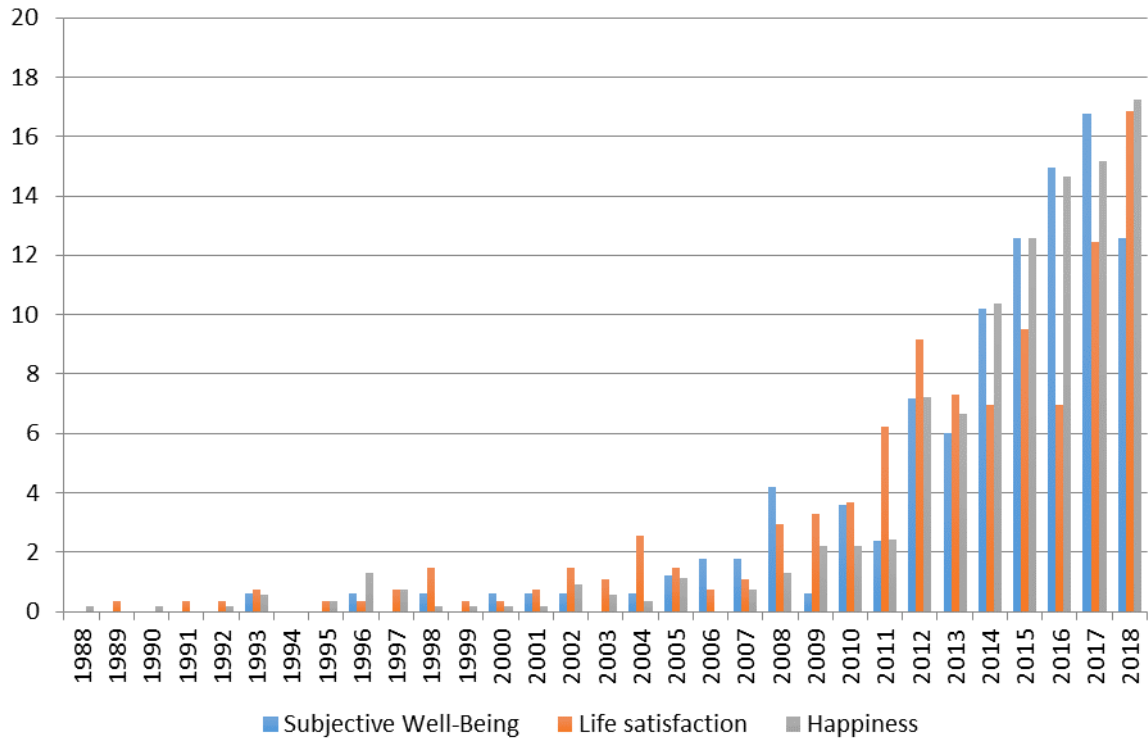


Fonte: Elaborado pelo autor (2019) a partir de dados da *Web of Science*.

Esses dados apontam que as pesquisas na área mudaram significativamente desde que Diener, Oishi e Lucas (2003) afirmaram que as expressões felicidade e satisfação com a vida são usadas por leigos para se referir ao Bem-Estar subjetivo. Ambos os termos despontam com o maior número de pesquisas registradas na plataforma durante o intervalo temporal adotado na pesquisa bibliométrica.

A distribuição dessas pesquisas com termos em inglês, ao longo das três décadas estudadas, apontou um aumento quase constante com o passar dos anos, alcançando pico percentual de produção científica com o termo “*Happiness*” no ano de 2018 (Figura 9). Com claro predomínio das pesquisas sobre o assunto, foram totalizados 980 trabalhos ao longo do período estudado.

Figura 9 – Percentuais de publicações em inglês intituladas com termos relativos à Bem-Estar Subjetivo com Crianças em função do período de 1988 a 2018.

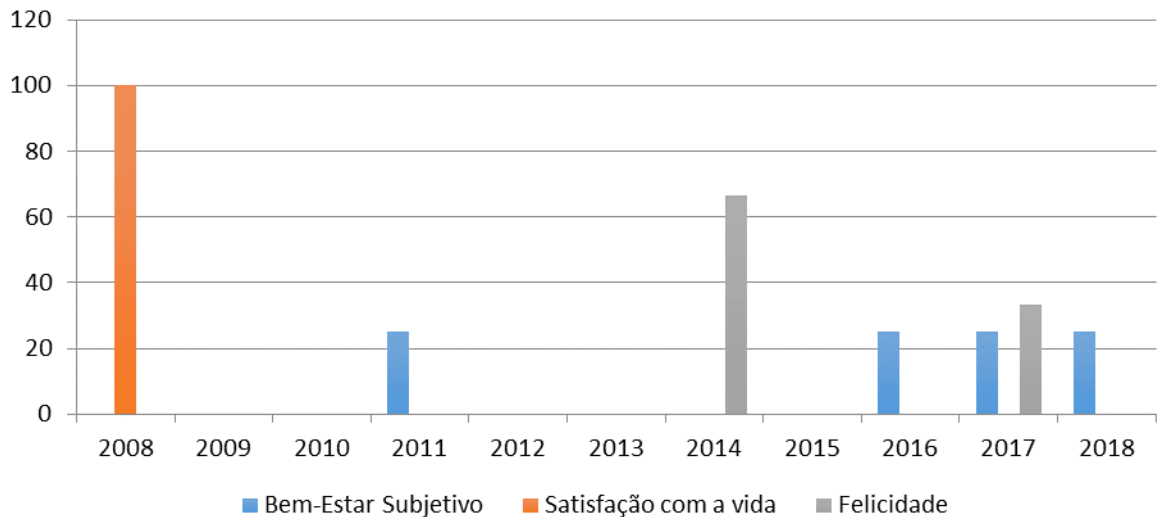


Fonte: Elaborado pelo autor (2019) a partir de dados da *Web of Science*.

As pesquisas com o termo “*Subjective Well-Being*” só foram identificadas no período estudado a partir do ano de 1993. De fato, foram as que tiveram o menor número total de publicações, apenas 167. Já os termos “*Happiness*” e “*Life satisfaction*” tiveram 540 e 273 publicações totais, respectivamente.

Com relação aos termos em português, a distribuição percentual mostrou-se bastante difusa dentro do intervalo temporal pesquisado (Figura 10). Comparativamente, a quantidade de pesquisas utilizando os termos nesse idioma foram as menores do período, totalizando apenas 8 trabalhos encontrado na WOS, sendo o termo “satisfação com a vida” o menor de todos, com apenas um trabalho registrado. Já os termos “Bem-Estar Subjetivo” e “Felicidade” apresentaram quantidades semelhantes, com 4 e 3 trabalhos publicados no período, respectivamente.

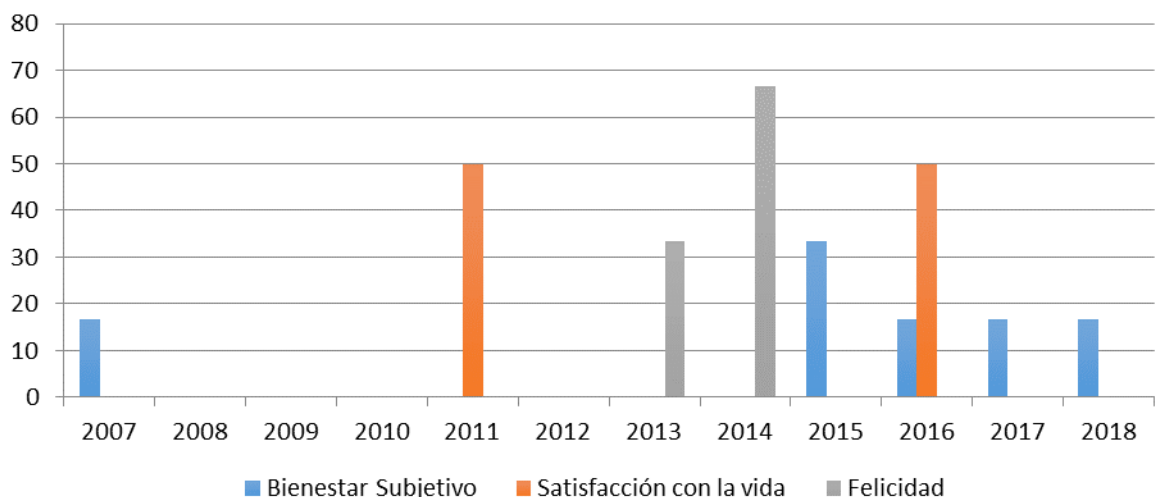
Figura 10 – Percentuais de publicações em português intituladas com termos relativos à Bem-Estar Subjetivo com Crianças em função do período de 1988 a 2018.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019) a partir de dados da *Web of Science*.

O comportamento das produções utilizando o idioma espanhol mostrou-se igualmente difuso, da mesma forma com relativa constância do termo “Bienestar Subjetivo” (Figura 11). No entanto, quantidade de trabalhos semelhante ao idioma português foi encontrada, totalizando 11 trabalhos.

Figura 11 – Percentuais de publicações em espanhol intituladas com termos relativos à Bem-Estar Subjetivo com Crianças em função do período de 1988 a 2018.

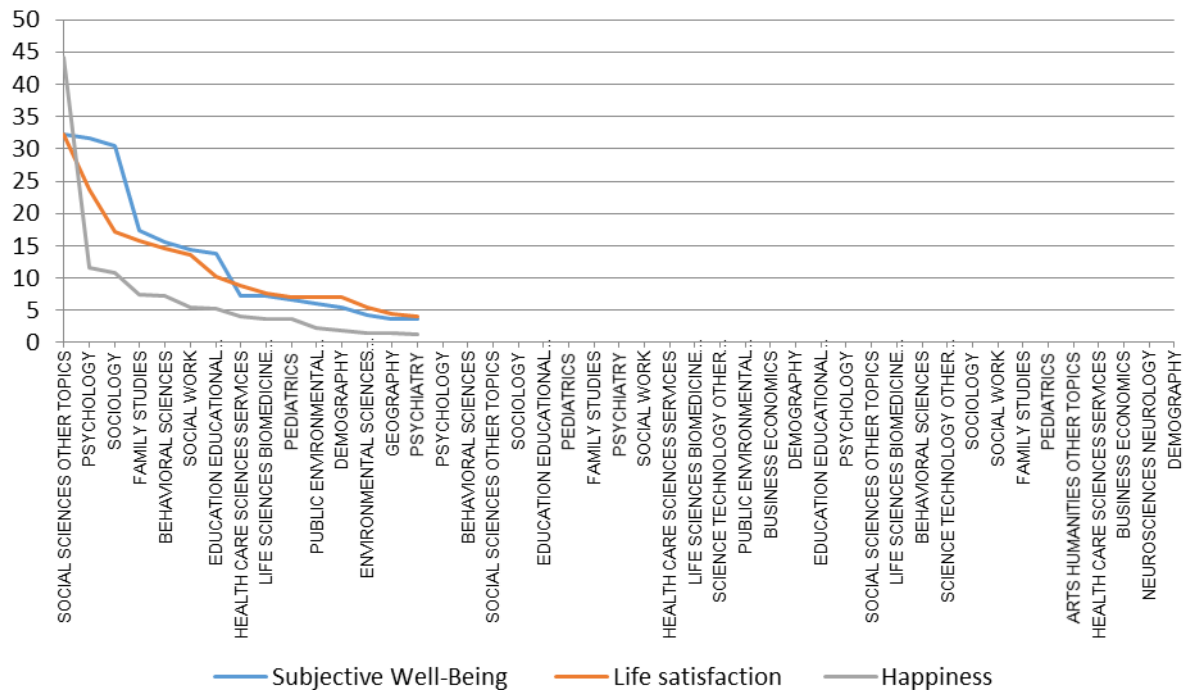


Fonte: Elaborado pelo autor (2019) a partir de dados da *Web of Science*.

Com relação às áreas do conhecimento dos trabalhos encontrados, a área da Psicologia também se destaca fortemente entre os termos pesquisados, nos três

idiomas analisados. No idioma inglês, a área de Ciências Sociais e Outros Tópicos foi a mais relevante, principalmente para o termo “*Happiness*” (Figura 12).

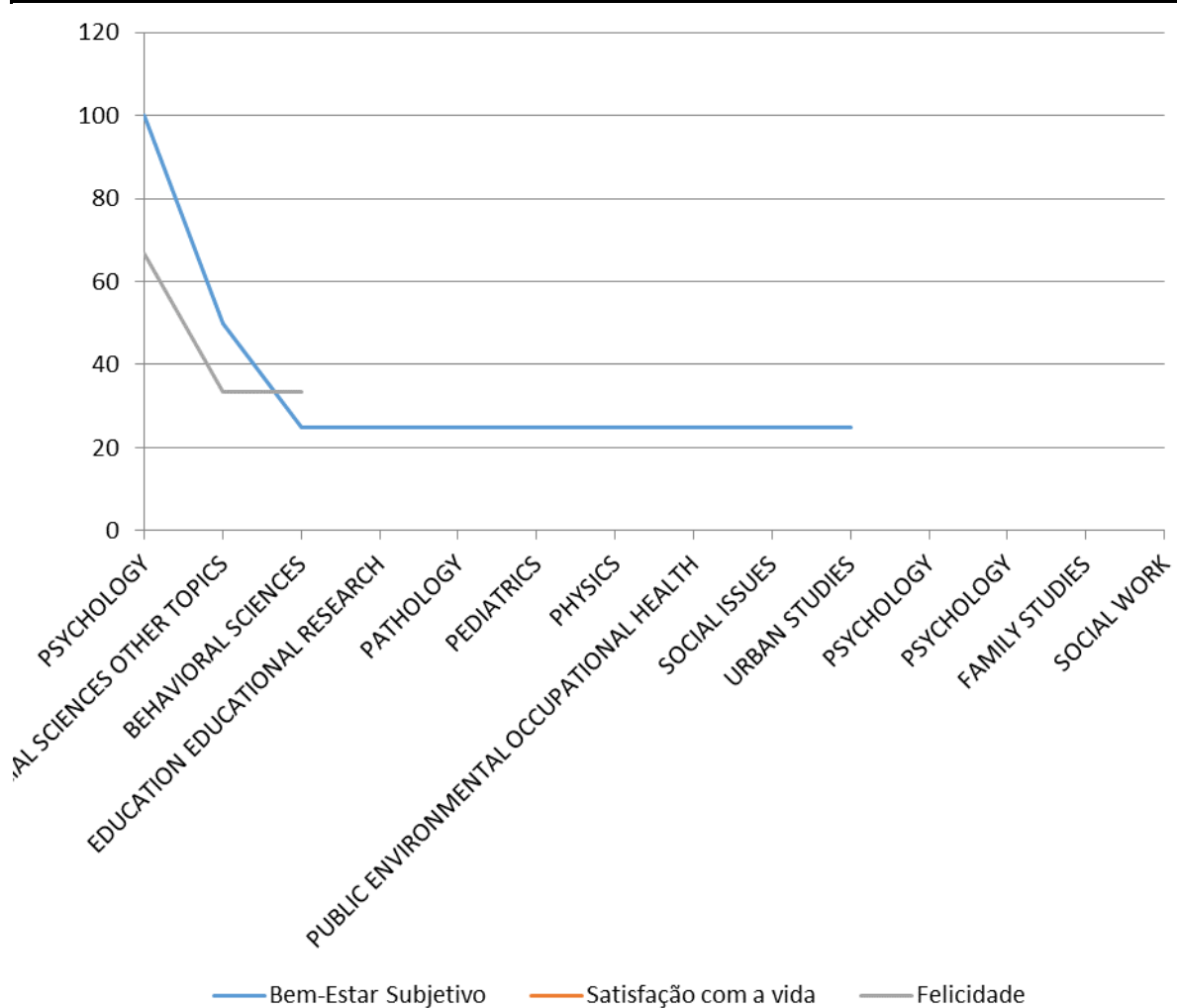
Figura 12 – Percentuais de publicações em inglês intituladas com termos relativos à Bem-Estar Subjetivo com Crianças em função das principais áreas do conhecimento, no período de 1988 a 2018.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019) a partir de dados da *Web of Science*.

Mesmo com um número reduzido de publicações totais com os termos indexadores em língua portuguesa, observou-se que a dispersão entre as áreas de conhecimento segue de forma semelhante ao observado nas análises dos termos gerais, com predomínio de publicações na área das ciências biológicas, seguido das ciências humanas e sociais, com destaque para a área da Psicologia (Figura 13).

Figura 13 – Percentuais de publicações em português intituladas com termos relativos à Bem-Estar Subjetivo com Crianças em função das principais áreas do conhecimento, no período de 1988 a 2018.

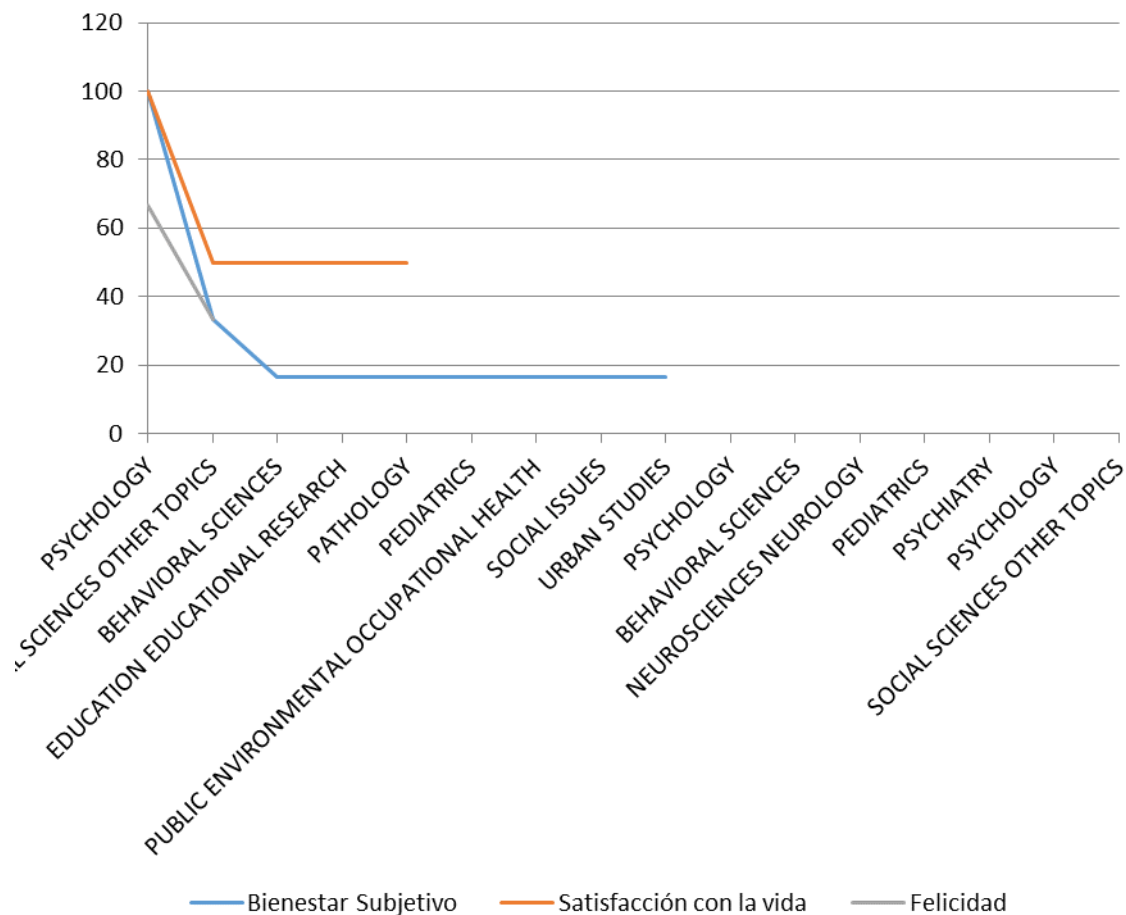


Fonte: Elaborado pelo autor (2019) a partir de dados da *Web of Science*.

Comportamento semelhante também se observa com os termos em espanhol, com destaque também para a área da Psicologia nos três termos indexadores adotados na pesquisa (Figura 14).

De fato, os três quadros indicam que as pesquisas de Bem-Estar Subjetivo com crianças estão muito relacionadas aos estudos de psicologia. Esse fato, sugere que o objetivo desse tipo de pesquisa é fazer relações com as concepções dos sujeitos e indivíduos a respeito de suas vidas, aos fatores que compõem essas concepções.

Figura 14 – Percentuais de publicações em espanhol intituladas com termos relativos à Bem-Estar Subjetivo com Crianças em função das principais áreas do conhecimento, no período de 1988 a 2018.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019) a partir de dados da *Web of Science*.

Casas e Bello (2012), afirmam que o Bem-Estar subjetivo infantil se refere ao conjunto de percepções, avaliações e aspirações de meninas e meninos a respeito das suas vidas.

Um dos primeiros estudos sobre a satisfação de vida na infância e correlações do tema foi realizado por Huebner em 1991, com o objetivo de investigar sobre possíveis correlatos para a satisfação de vida infantil, além de fornecer evidências para validação do construto para a Escala de Satisfação de Vida de Estudantes.

Em 1993 Huebner e Alderman elaboraram dois estudos que reforçavam as evidências de validade da Escala de Satisfação de Vida de Estudantes. O primeiro estudo examinou padrões de correlação entre a satisfação de vida global e medidas de angústia psicológica e de satisfação escolar. O segundo, objetivou encontrar evidências de validade discriminante.

Diante dessas informações e conceitos observa-se a grande necessidade de se adentrar cada vez mais nesse universo de pesquisa, pois ainda são poucos resultados a respeito do conceito de Bem-Estar Subjetivo com crianças.

A UNICEF no ano de 2012 publicou na Espanha uma pesquisa intitulada “*El bienestar infantil desde al punto de vista de los niños*” que se propusera a falar sobre o Bem-Estar Subjetivo das crianças espanholas, os resultados gerais a respeito do construto, a questão do Bem-Estar Subjetivo Infantil (BESI) em áreas, as diferenças territoriais e as diferenças de gênero.

Em princípio os autores procuraram conceituar o que era o Bem-Estar Subjetivo dizendo que se entende como um conjunto de percepções, evoluções e aspirações das pessoas (neste caso das crianças) acerca de suas próprias vidas (CASAS e BELLO, 2012), mas ainda associando o BES à Qualidade de Vida (QV).

Para os autores, falar de BES e QV implica em aceitar as medidas subjetivas de determinadas realidades sociais podem ser tão úteis como as objetivas para a tomada de decisões e medir conjuntamente aspectos materiais.

Meireles, Xavier e Cortes *et al* (2012) em sua pesquisa intitulada Bem-Estar da criança e do adolescente: um construto multidirecional apresenta o tema Bem-Estar subjetivo como uma das pautas da agenda internacional desde o início do ano de 2010 como pode ser observado no editorial do mês de janeiro da Revista Science e no Relatório da UNICEF do mês de fevereiro intitulado “*Launch of State of the World’s Children 2012 – Children in an Urban World*” traduzido para o português como “Lançamento do Estado da Criança Mundial 2012 - Crianças em um mundo urbano”.

Giacomoni (2002), traz um apanhado dos estudos realizados a respeito do construto satisfação de vida infantil, onde mostra que um dos primeiros estudos apresentados foi o estudo de Huerber (1991) objetivando investigar possíveis correlatos para satisfação infantil, além de fornecer evidências de validação do construto.

A visão das crianças sobre a felicidade é o título de uma pesquisa realizada por Giacomoni, Souza e Hurtz em 2014 na cidade de Porto Alegre que teve como público duzentas crianças com idade entre cinco e doze anos. O construto dessa pesquisa baseou-se em duas perguntas de uma entrevista semiestruturada que eram as seguintes: 1) “O que é ser feliz?” e 2) “Como tú achas que uma pessoa feliz é”? Que resultaram de uma indicação de que “ser feliz” é alcançado quando se tem

um *self* positivo, isto é, quando se possui atitudes e traços positivos, entre eles ser altruísta, ético, empático, quando se possui capacidade para amar, para perdoar, quando se tem vocação, coragem, otimismo, entre outros (GIACOMONI, SOUZA e HURTZ, 2014).

Pesquisas ao longo dos anos vêm mostrando que a felicidade muitas vezes no conceito das crianças independe de sexo e escola da qual participam, como observado nas pesquisas de Giacomoni, Souza e Hurtz (2016) e Thioillez (2011), cujas pesquisas mostram que crianças mais novas se perceberam mais felizes.

O entendimento das crianças sobre felicidade é material fértil para a criação de intervenções, por exemplo; em escolas infantis e de ensino fundamental (GIACOMONI, SOUZA e HURTZ, 2014).

O BES infantil traz barreiras e dificuldades por tratar a subjetividade um campo sensível, afinal estamos vivendo uma era muito emocional onde as crianças tem cada vez mais cedo acesso a problemas de saúde mental e emocional que até umas décadas atrás não faziam parte da realidade desse público.

A constância de validação e aplicação de instrumentos para o conhecimento do BES e BES infantil se faz necessidade para o meio da pesquisa, construindo ferramentas sólidas para conhecimento dos sujeitos no Brasil, já que grande parte desses instrumentos são criados, aplicados e validados em outros países.

1.2.1 instrumentos de Avaliação

A avaliação do Bem-Estar Subjetivo ainda apresenta poucos instrumentos utilizados e que sejam traduzidos para o português, que facilitem a captação de informações necessárias e essa gama se reduz mais ainda quando se referem ao estudo voltado às crianças. Encontra-se na literatura apenas dois instrumentos testados e validados para esse público o que nos leva a ter uma compreensão ainda superficial a respeito de quais são os fatores que tendem a influenciar o Bem-Estar Subjetivo Infantil (BESI).

Diener (1984) apresenta em seu estudo um apanhado histórico das escalas que foram utilizadas para medição de qualidade de vida no decorrer dos anos a partir de 1960 até fim do ano de 1983. Estes estudos tiveram como foco indivíduos adultos e idosos para chegarem aos primeiros entendimentos a respeito dos

conceitos sobre o Bem-Estar Subjetivo, entender ao que esses sentimentos estavam relacionados, o que poderia ou não influenciar direta ou indiretamente os resultados na concepção das pessoas envolvidas, utilizando diferentes públicos de variados grupos sociais, meios de vivência, culturas diferentes, gêneros, raças, idades, pessoas em estado de saúde fragilizada e até mesmo pessoas que se encontravam internadas.

Os valores encontrados nos estudos são variados e demonstram que existem diversos fatores que vêm a influenciar positiva ou negativamente a visão do indivíduo a respeito do seu Bem-Estar. Acredita-se que esses estudos mais adiante serviram de base para um entendimento de como aplicá-los a um público mais jovem como adolescentes e até mesmo crianças, que é o foco deste presente estudo.

Faz-se necessário entender, conhecer e apresentar esses instrumentos, tendo em vista que a aplicabilidade deles diferencia-se em público e necessidade e assim entender qual se encaixaria melhor neste estudo.

1.2.1.1 Autoquestionnaire Qualité de Vie Enfant Imagé - Qualidade de vida em Imagens para crianças (AUQEI).

O AUQEI é uma escala de qualidade de vida desenvolvida por Manificat et al (1997) traduzido e validado para a língua e cultura brasileira, aplicado em crianças de 4 a 12 anos.

O questionário apresenta 26 questões que abrangem os domínios: autonomia, lazer, funções e família. Para facilitar a compreensão das crianças na aplicação do questionário são utilizadas imagens de faces que apresentam diferentes estados emocionais (muito infeliz, infeliz, feliz, muito feliz).

Para a validação deste instrumento para a língua brasileira, foram avaliadas 353 crianças entre 4 e 12 anos de idade no Estado de São Paulo, estabelecendo um ponto de corte de 48, considerando insatisfatória toda qualidade de vida abaixo deste escore.

O AUQEI é aplicado em crianças saudáveis ou que apresentem algum tipo de doença. Por possuir um número relativamente baixo de questões, ser autoaplicável e com tempo indeterminado de aplicação, pois a criança precisa de um tempo para refletir a respeito do sentimento expressado pelas faces, mas ainda assim é considerado de fácil entendimento para as crianças.

1.2.1.2 Child Health Questionnaire - Parent Form 50 - Questionário de Saúde da criança - Formulário Pai 50 - (CHQ-PF50).

O CHQ-PF50 é um instrumento genérico com o objetivo de avaliar a qualidade de vida e Bem-Estar relacionadas a saúde e foi adaptado para a cultura brasileira por Machado et al (2001), utilizado em crianças com artrite idiopática juvenil e crianças saudáveis com obtenção de coeficiente de Cronbach de 0,7.

A composição do questionário se faz de 50 questões que avaliam o Bem-Estar físico e psicossocial de crianças e adolescentes de 5 a 18 anos e são respondidos pelos responsáveis das crianças.

Segundo Souza e Pamponet et al (2014) o questionário se compõe por 15 domínios com pontuação de zero a 100 cada, quanto maior a pontuação, melhor o estado de saúde e o grau de satisfação e do Bem-Estar. Desses domínios, 10 são agregados em dois índices onde o escore físico e psicossocial são medidos de zero a 50 para cada escore. Os domínios agregados são: capacidade física, papel social da limitação das atividades diárias devido à capacidade física, dor corporal ou desconforto, comportamento, saúde mental, autoestima, percepção sobre o estado de saúde, impacto emocional na família e impacto no tempo dos pais.

Os outros domínios são avaliação global da saúde, avaliação global do comportamento, mudança no estado de saúde, atividade familiar e coesão familiar.

1.2.1.3 Pediatric Quality of Life Inventory - Inventário de Vida Qualidade Infantil (PedsQL™) Versão 4.0.

Para Varni, Seid e Rode (1999), o PedsQL™ é um instrumento que foi feito para aferir a qualidade de vida relacionada à saúde em crianças e adolescentes com idade entre 05 a 18 anos e inclui um questionário para os pais de crianças e adolescentes de idade entre 02 e 18 anos, podendo ser aplicado em pacientes com distúrbios de saúde crônicos ou em crianças e adolescentes saudáveis.

O Inventário foi traduzido para o português Klatchoian et al (2008). Possui 23 itens que abordam as seguintes dimensões: física com 8 itens, emocional com 5 itens, social com 5 itens e escolar com 5 itens.

As avaliações das crianças incluem as seguintes faixas-etárias: cinco a oito anos, sete a doze e treze a dezoito, já o questionário dos pais inclui as faixas-etárias de dois a quatro anos (pré-escola), cinco a sete anos (criança pequena), oito a doze anos (criança) e treze a dezoito (adolescentes).

O questionário vem a indagar os indivíduos a respeito do que cada item representou um problema no último mês utilizando uma escala de respostas, onde perguntas negativas são pontuadas de forma inversa. As respostas são apresentadas na escala de 0 a 4 seguindo a seguinte ordem: 0 – nunca é um problema (100 pontos); 1 – quase nunca é um problema (75 pontos); 2 – algumas vezes é um problema (50 pontos); 3 – frequentemente é um problema (25 pontos); 4 – quase sempre é um problema (0 pontos), assim quanto maior o escore maior a qualidade de vida e o Bem-Estar.

O PedsQL tem uma grande vantagem por apresentar suas versões, uma versão para crianças ou adolescentes e outra para seus pais o que permite uma maior possibilidade de utilização. Ele originalmente foi criado para ser autoaplicável, porém o estudo de validação para a cultura brasileira o que demonstrou a possibilidade de ser aplicado por um entrevistador seguindo o relato de Varni, Seid e Rode (1999).

1.2.1.4 Kidscreen-52.

O Kidscreen é um instrumento que possui 52 questões e foi produzido na Europa por Ravens-Sieberer (2001) e validado no Brasil por Guedes e Guedes (2011), onde os autores utilizaram uma amostra de 758 crianças em escolas, de ambos os sexos e 653 pais/tutores, obtendo valores satisfatórios de Crombach entre 0,725 e 0,894.

As dimensões avaliadas pelo *Kidscreen* são: saúde e atividade física, sentimentos, estado emocional, autopercepção, autonomia e tempo livre, família/ambiente familiar, aspecto financeiro, amigos e apoio social, ambiente escolar e provocação/*bullying*.

Pode ser utilizado em crianças saudáveis ou que apresentem um quadro de saúde com doenças crônicas.

As respostas do questionário são distribuídas em escala Likert que busca medir atitudes ou o comportamento de alguém utilizando opções de resposta que variam de um extremo a outro. A escala Likert permite descobrir níveis de opinião. As respostas são colocadas na escala de 1 a 5 e referenciam-se aos acontecimentos ocorridos na semana anterior a aplicação do questionário.

O instrumento apresenta uma versão para pais/responsáveis que avaliam os mesmos componentes do questionário aplicado as crianças.

1.2.1.5 Questionário de Satisfação da Criança

Questionário aplicado por Casas e Bello (2012), na pesquisa sobre Bem-Estar Subjetivo com crianças espanholas. O questionário é composto de 42 perguntas que visam medir satisfação, questões de gênero, condições ambientes imediatas em que a criança vive, percepções e avaliações da criança, relações interpessoais e tratamento recebido, atividades, preocupações e emoções, valores e aspirações, o entendimento sobre seus direitos.

O Questionário aplicado faz um misto de várias escalas apresentando itens referentes a escalas de item único e multi-item. Apresenta também escalas ancoradas, questionários de personalidade e escalas de efeito e experiências positivas.

A pesquisa original de Casas e Bello (2012), foi aplicada em 5.934 sendo 2.973 meninos e 2.961 meninas com idades de 11, 12, 13 e 14 anos, nascidas na Espanha e estrangeiras.

1.2.1.6 Instrumento de Mensuração da Satisfação de Vida Global em Crianças.

Este é um modelo já adaptado para língua e cultura brasileira por Giacomoni (1998) que origina do trabalho de Huebner (1991). Esta escala foi inspirada nos estudos de Diener e seus colegas e busca avaliar a satisfação e vida global de crianças e está baseada na hipótese da satisfação de vida global das crianças como um todo.

A escala se compõe de sete itens que são respondidos pela criança utilizando uma das quatro opções de frequência: (1) nunca; (2) às vezes; (3) geralmente e (4) quase sempre. Os resultados encontrados através dos estudos anteriores demonstram que essa escala é apropriada para estudos que visem esse tipo de resposta. O coeficiente encontrado por Heubner (1991) foi de 0,82.

Esses estudos devem ser aplicados por pesquisadores treinados, pois se utilizados de forma inadequada pode surtir efeito e produzir respostas tendenciosas nas crianças, alterando severamente os resultados.

1.2.1.7 Instrumento de Mensuração e Satisfação com Domínios da Vida Infantil

Para a elaboração deste instrumento, usou-se a Escala de Satisfação de Vida Multidimensional de Crianças de Heubner (1994), que avalia percepções subjetivas

de satisfação de vida através de cinco domínios relevantes: família, amigos, escola, *self* e ambiente onde vive.

Nos estudos de Heubner (1991a, 1994a), foi identificado entre os domínios do Bem-Estar subjetivo infantil: família, escola, *self*, amizade, oportunidades de lazer e ambiente onde vivem. No estudo anterior onde investigou-se o conceito de felicidade, suas características, indicadores e principais eventos positivos e negativos da vida infantil, propõe um novo modelo de satisfação infantil constituído a partir de nossa realidade (GIACOMONI, 2002. Pág 171).

A partir daí, acrescentou-se ao modelo de Heubner (1994a), novos domínios de satisfação de vida infantil: família, amizade, *self*, lazer, escola, não violência, satisfação de necessidades básicas e desejos. Com esses domínios definidos foram criados em um grupo de pesquisa de 15 a 25 itens para cada um dos domínios de satisfação de vida e para a escala de satisfação de vida global.

Obtendo uma primeira versão final, foi apresentada a um grupo de 10 crianças com faixa etária entre 7 e 12 anos onde suas respostas indicavam o grau de concordância com o item através de uma escala de resposta do tipo Likert de cinco pontos.

Giacomoni e Hurtz (2002) explicam como a escala foi produzida e criada, qual a forma de aplicação e o que se buscava com sua elaboração.

O estudo de Giacomoni (2002), que investigou o conceito de felicidade, suas características, os indicadores de qualidade de vida e os principais eventos positivos e negativos da vida infantil, propõe um novo modelo de satisfação de vida infantil, construído a partir da realidade do brasileiro. Assim, foram adicionados ao Modelo Multidimensional de Satisfação de Vida Infantil novos domínios de satisfação, finalizando-se com a seguinte estrutura: família, amizade, *self*, lazer, escola, não-violência, satisfação de necessidades básicas e de desejos. A partir desse modelo, discutido anteriormente, foram geradas sentenças (itens) para cada um dos domínios, assim como sentenças específicas sobre a satisfação total de vida infantil. Inicialmente, foram elaborados, aproximadamente, de 15 a 25 itens para cada domínio de satisfação de vida (GIACOMONI e HURTZ, 2002).

Após a elaboração da escala, a mesma foi apresentada a 10 crianças para verificar o entendimento e compreensão antes de ser aplicada ao público oficial. Esta dinâmica ainda é aplicada em diversas pesquisas como estudo de público teste, onde se aplica em um grupo que não vá participar da pesquisa.

Segundo Giacomoni e Hurtz (2002) as respostas das crianças indicavam o grau de concordância com o item, conforme o exemplo: “eu me acho uma pessoa bonita”, e as possibilidades de resposta: (1) nem um pouco; (2) um pouco; (3) mais ou menos;

(4) bastante e (5) muitíssimo. Essa etapa foi importante para verificar quais itens estavam confusos e se haveria a necessidade de alteração para a melhor compreensão das crianças.

O estudo inicial gerou uma escala de 60 itens aplicada e validada em Escolas selecionadas por amostragem por área, participaram 600 crianças seguindo as orientações de Pasquali (1999) que diz que para validação do instrumento necessita-se que haja pelos menos 10 sujeitos para cada item de avaliação quando os fatores ou domínios são desconhecidos.

O modelo aplicado nesse estudo foi retirado da pesquisa de Giacomoni (2002) que buscava avaliar o Bem-Estar subjetivo de crianças do Rio Grande do Sul.

1.2.1.8 Desenho da Figura Humana

O crescente interesse pelo desenho infantil surge ainda no século passado. Inicialmente era relacionado com os primeiros trabalhos de psicologia experimental, depois relacionando-se a disciplinas como psicologia, pedagogia, sociologia e estética que foram beneficiadas com essas contribuições (MÈREDIEU, 1974).

A psicologia ao longo dos anos tem se interessado na avaliação e construção de características humanas positivas (SELIGMAN e CSIZENTMIHALVI, 2000). Até o século XX os desenhos eram alvo apenas de dois grupos específicos de colecionadores, os pais e os professores que guardavam os desenhos das crianças que eram considerados excepcionais para eles, porém com o crescimento exponencial no campo da psicologia desenvolvimentista e o repensar radical da arte moderna no ocidente esse interesse ganha um novo espaço na ciência (ANNING e RING 2009).

Segundo Barboza (2017), os estudos sobre o Desenho da Figura Humana no cenário internacional iniciaram em 1926 com as pesquisas de Florence Goodenough, seguida por Harris (1963), Koppitz (1984), Naglieri (1988). Para a autora os estudos no Brasil apontam os autores Lessa (1953), Wechsler (2003) e Sisto (2005). Apresenta também os estudos de Arteché (2006), Sagabnzai (2010) e Viapina, Bandeira e Giacomoni (2016), estudo este que norteou esta pesquisa.

Ainda assim os estudos sobre o Desenho da Figura Humana (DFH) e seu uso na avaliação psicológica são alvo de debates entre pesquisadores que “acreditam” e os que não acreditam em sua eficácia (SEGABNAZI e BANDEIRA, 2010), porém,

mesmo com essa controvérsia histórica o DFH continua sendo aplicado em pesquisas de Avaliação Psicológica (ARTECHE e BANDEIRA, 2006).

Bandeira e Giacomoni (2016) apresentam que o Desenho da Figura Humana (DFH) é considerado uma medida do desenvolvimento cognitivo infantil a partir dos estudos de Goodnough (1929).

Para especificação deste instrumento utilizou-se um estudo de Carboni e Morrow (2011), realizado na Zâmbia que buscava investigar o Bem-Estar psicológico de crianças por meio do DFH. Foi solicitado pelos pesquisadores que as crianças fizessem um desenho de uma criança que se sentisse bem e uma criança que se sentisse mal. Obtendo como resultados nos desenhos relacionados as crianças que se sentiam bem, observou-se aspectos como mochilas de escola, sapatos nos pés, roupas limpas e cabelos bem penteados, já nos desenhos que representavam crianças que se sentiam mal, representando *mal-estar* percebeu-se a falta dos sapatos, cabelos despenteados, roupas sujas e rasgadas.

Para Sagabinazi, Artech e Bandeira (2010), o Desenho da Figura Humana (DFH) tem sido um foco nas pesquisas em Psicologia relacionadas à avaliação emocional de crianças, pois possibilita examinar o ajuste emocional das crianças a partir da inspeção geral de seus desenhos. O DFH vem sendo alvo de debates entre pesquisadores que confiam e os que não confiam em sua aplicabilidade por mais de 50 anos (Sagabinazi e Bandeira, 2010).

Albornoz (2011) utilizou o DFH para avaliação de indicadores de abandono, abuso sexual e abuso físico em crianças, aplicado em grupos clínico e de comparação. Sagabinazi, Artech e Bandeira (2010) utilizaram o DFH para levantar evidências de validade das escalas globais para avaliação emocional. Barboza (2017) buscou encontrar, através do DFH, indicadores emocionais e relacioná-los ao Bem-Estar Subjetivo Infantil.

Os estudos do DFH mesmo sendo ainda criticados por diversos autores que divergem da ideia de que é um instrumento confiável para avaliação, tem ganhado muito espaço no cenário científico nacional e internacional. Pesquisas que buscam avaliação emocional o utilizam como ferramenta forte e eficaz baseado em pesquisas já validadas.

No Brasil, este instrumento associado a escalas de avaliação global e Bem-Estar subjetivo trazem apontamentos para índices confiáveis do conhecimento acerca de sua aplicabilidade. O estudo de Viapiana, Bandeira e Giacomoni (2016)

realizado em Porto Alegre trouxe indícios que nortearam essa pesquisa a fim de conhecer como a aplicabilidade deste instrumento em outra realidade cultural, social e geográfica iria se comportar.

Neste estudo as autoras objetivaram desenvolver um sistema de avaliação do BES infantil por meio do DFH e apresentar evidências para sua validação. A pesquisa se dividiu em duas etapas onde na primeira foram realizados três grupos focais com um *experts* em desenvolvimento infantil e outros dois com crianças com idade entre 8 e 10 anos. A partir dos grupos foram criadas afirmações sobre características de crianças felizes que após passarem por juízes treinados, resultaram de 18 itens de avaliação do BES no DFH.

Na segunda etapa do estudo testou-se a validade dos itens onde participaram 50 crianças com idade entre 8 e 10 anos que fizeram o DFH e responderam as escalas de autorrelato de BES. As análises correlacionais mostraram que os aspectos do DFH de crianças podem ser considerados indicadores de características positivas do desenvolvimento humano (VIAPIANA, BANDEIRA e GIACOMONI, 2016).

SEÇÃO II – ESTUDO EMPÍRICO

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Nessa seção são apresentados os elementos que compuseram o desenho da pesquisa: o local onde ocorreu a pesquisa, os participantes, os instrumentos utilizados, os aspectos éticos, e os tipos de análises realizadas.

2.2 Local da Pesquisa:

Esta pesquisa foi realizada em uma escola de ensino fundamental e médio na cidade de Santarém, no Estado do Pará. Atualmente, a cidade apresenta cerca de 500 escolas envolvendo rede municipal, estadual e particular; as quais atendem Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino para Jovens e Adultos (EJA), além do Ensino Técnico e Tecnológico.

A escola escolhida para ser local da pesquisa está localizada na zona norte da cidade, conforme a nova divisão territorial do Município de Santarém. Essa escola recebeu 932 alunos regularmente matriculados em suas turmas que vão desde o terceiro ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio. A Instituição funciona mediante Acordo de Cooperação Técnica com o Estado do Pará, pelo qual a Congregação das Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo fornece o prédio ao Estado para o funcionamento da escola. Optou-se por essa instituição, em razão da mesma, devido a sua localização, receber alunos de vários bairros da cidade, o que poderia garantir maior variabilidade da amostra. Tal variabilidade ocorre porque a escola realiza um processo seletivo entre os alunos interessados em concorrer às vagas, o que gera uma demanda para além dos arredores da escola, com origem em bairros e realidades diversas.

Quanto ao detalhamento da instituição, possui prédio que dispõe de 13 salas de aulas, 1 laboratório de informática, 1 biblioteca, 1 laboratório multidisciplinar, 1 sala de vídeo, sala dos professores, secretaria, coordenação pedagógica, diretoria, tesouraria, quadra coberta, salão, cozinha, lanchonete administrada pelas irmãs e uma maloca que serve tanto para aulas como para ambiente de convivência.

O corpo docente é composto por 29 professores e o corpo administrativo é formado por 2 porteiros, 2 merendeiras, 3 serventes, 1 secretária, 1 auxiliar

administrativa, 1 auxiliar de biblioteca, 2 pedagogas, 1 técnico em informática, 1 auxiliar de serviços gerais, 2 vice-diretoras e 2 diretoras, sendo uma mantida pela congregação e uma pelo Estado.

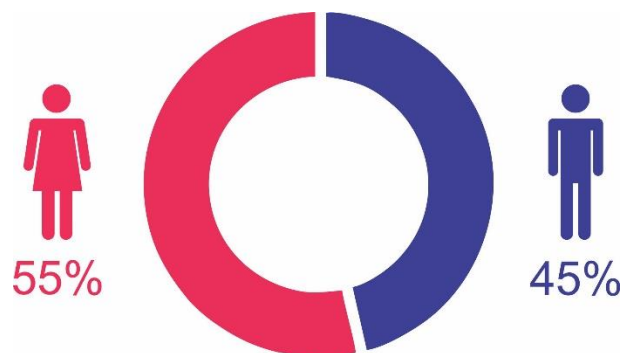
No ano de 2017, a Escola foi premiada nas Olimpíadas Brasileiras de Matemática das Escolas Públicas e Particulares e também recebeu o reconhecimento de Melhor IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) entre as Escolas Estaduais no ano de 2017.

Para atender a uma notificação da banca examinadora durante a qualificação, a Escola foi escolhida por receber um grande número de alunos dos mais variados bairros da cidade. Isso ocorre por que diferentemente das demais escolas do município em que basta à família efetivar a matrícula da criança,

2.3 Participantes:

A Pesquisa envolveu 101 crianças, cerca de 10,7% dos alunos matriculados em 2018, das quais, 46 meninos e 55 meninas. Todas as crianças estavam devidamente matriculadas no ensino fundamental com faixa etária entre 8 e 12 anos incompletos. Todas assinaram o Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE) e tiveram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) devidamente assinado pelos responsáveis.

Figura 15 – Infográfico de percentual de crianças estudadas dentro da amostragem.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020) a partir de dados fornecidos pela instituição de ensino e compilado com os formulários preenchidos pelos alunos.

A faixa etária adotada para a pesquisa se justifica em decorrência de uma questão metodológica-instrumental e de definição. Em se tratando do aspecto metodológico, o instrumento escolhido para a coleta de dados é adequado para

crianças a partir de 8 anos. Quanto a questão de definição, adotou-se aquela preconizada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente que afirma que estão nessa faixa etária aquelas pessoas com idade até 12 anos incompletos.

Para a etapa do DFH todas as crianças participaram. Para a etapa da escala, permaneceram apenas 94 crianças, pois 2 se recusaram a responder à escala, 4 crianças não atingiram o critério de preenchimento adotado (mais de 90% de preenchimento), e 1 criança estava fora da faixa etária da pesquisa.

2.3.1 Critérios de Exclusão:

Por critério de exclusão aplicou-se que toda criança que não apresentasse os Termos de Assentimento e Consentimento devidamente assinados, ou que mesmo com os termos assinados, se recusasse a participar seria excluída da pesquisa isentando-a de qualquer participação obrigatória.

2.4 Instrumentos:

Os instrumentos utilizados na coleta dos dados foram:

2.4.1 Ficha de dados sociodemográficos:

Os dados sociodemográficos das crianças foram coletados mediante a ficha de matrícula fornecida pela secretaria da instituição, separadas as informações entre masculino, feminino, idade e bairro. Todos os dados coletados permanecem sob sigilo e nenhuma informação pessoal foi apresentada nesta pesquisa.

2.4.2 Desenho da Figura Humana

Viapiana, Bandeira & Giacomoni (2016) definiram 18 indicadores para avaliação do DFH que foram obtidos a partir da observação dos desenhos e das discussões dos grupos focais.

A aplicação se dá em solicitar que as crianças façam a representação de uma pessoa feliz e dependendo do objetivo do estudo, solicita-se também que seja feito o desenho de uma pessoa normal. Os desenhos são avaliados pelo Compêndio de Indicadores Emocionais de Albornoz (2011) e da Escala de Avaliação Global do Desenho de Sagabinazi (2010), assim os desenhos são pontuados com mensuração da moda, extraída das análises dos juízes.

Tabela 1 – Critérios para avaliar o Bem-Estar subjetivo mediante o DFH

Critérios e descrição
1. Linhas firmes, bem controladas, sem nenhuma ondulação (mais da metade da figura)
2. União das linhas: os pontos de união das linhas devem encontrar-se sem tendência a se cruzar, sem espaço entre as extremidades, considerando o desenho como um todo
3. Integração da figura: a cabeça unida ao pescoço ou topo do tronco, dois braços unidos ao limite superior do tronco, duas pernas unidas ao limite inferior.
4. Proporção adequada: existe adequação dos membros (inferiores e superiores) em relação ao tamanho
5. Simetria adequada: ambos os braços e pernas tem a mesma forma
6. Limpeza: figura com bom aspecto, falta de rasuras, borrões e linhas pagadas
7. Tamanho médio da figura: o tamanho total do desenho da figura humana em sua altura deve estar entre 6cm e 22 cm
8. Figura central: o desenho ocupa os 4 quadrantes da folha
9. Pano de fundo: presença de elementos da natureza, animais, automóveis, construções, sol, lua, nuvens, arco-íris.
10. Símbolos afetivos: desenho de corações, sorrisos, escritas ou outros detalhes que representam afeto (não inclui a face da figura humana sorrindo).
11. Penteado: qualquer tentativa de representar um corte ou penteado dos cabelos.
12. Boca expressando sorriso (por exemplo: boca em formato de meia lua, com uma ou duas linhas)
13. Braços não estendidos: ao mesmo um braço afastado do tronco, em um ângulo igual ou maior que 45°
14. Roupas: pontua-se se há a presença de alguma peça de roupa no desenho da figura humana: calças, bermudas, saias, vestido, etc.
15. Sapato: qualquer tentativa de representar um sapato.
16. Detalhes: pontua-se se houver algum tipo de detalhe no desenho da figura humana (qualquer detalhe nas vestimentas, como botões e estampas, acessórios, jóias, óculos, cadarços, artigos esportivos, brinquedos – exclui-se símbolos agressivos).
17. Objetos: quando há a presença de um ou mais objetos junto à figura ou sendo segurados por ela (exclui-se símbolos agressivos).
18. Objetos inanimados: características humanas em desenhos não humanos (ex: sol com rosto, balões com rosto, etc).

Fonte: Viapiana, Bandeira e Giacomoni (2016)

2.4.3 Escala Multidimensional de Satisfação de Vida Para Crianças – Giacomoni (2002)

A Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Crianças é um instrumento de avaliação gerado por meio de uma Escala Likert, na qual os sujeitos são convidados a responderem 50 perguntas relacionadas ao seu cotidiano e experiências positivas e negativas. As respostas vão de 1 a 5 onde 1 representa “nem um pouco” e 5 “muitíssimo”.

Este instrumento foi criado baseado no estudo de Huebner (1994a) e validade no estudo de Giacomoni (2002) que avalia as percepções subjetivas de satisfação de vida a partir de cinco domínios relevantes: família, amigos, escola, *self* e ambiente onde vive.

A aplicação deste instrumento foi feita uma única vez, em todas as turmas participantes da pesquisa, obedecendo uma observação feita pelo pesquisador de não ser feita na primeira aula do dia ou após o intervalo, pois esses horários poderiam ter influência nos resultados coletados.

2.5 Etapas da Pesquisa:

A pesquisa se dividiu em duas etapas. Na primeira, o pesquisador foi até a escola no dia 30 de agosto de 2018 e fez uma explicação à direção sobre as intenções da pesquisa e levou o termo de aceite para que pudessem ser aplicados os Termos necessários para autorização de participação dos alunos, obtendo autorização da escola no dia 11 de setembro do mesmo ano.

Ainda fazendo parte da primeira etapa, o pesquisador foi novamente até a escola e entregou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (ACELE). No primeiro havia a explicação detalhada da pesquisa a ser realizada com as crianças e deveria ser assinado pelos pais ou responsáveis. O segundo compunha-se de uma explicação resumida sobre a pesquisa em que as crianças assinavam dando ciência de que gostaria de participar da pesquisa. As crianças só poderiam participar se tivessem assinatura em ambos os termos e se fosse de vontade própria participar.

2.6 Coleta de Dados:

Inicialmente seriam coletados os desenhos com as crianças devidamente matriculadas nas turmas do terceiro ano do ensino fundamental até o oitavo ano do ensino fundamental, contemplando crianças na faixa etária dos oito anos aos treze e totalizando aproximadamente 450 crianças, o que seria uma amostra razoavelmente grande para esta pesquisa. Entretanto, devido a adversidades ao decorrer do prazo, optou-se por fazer a coleta com as crianças das turmas de terceiro ano do ensino

fundamental dos turnos da manhã e da tarde e do quarto ano vespertino, totalizando 101 crianças, o que ainda nos dá uma amostra considerável.

A coleta foi realizada no dia 07 de dezembro durante uma manhã e uma tarde, realizada nas salas de aula com as crianças. As crianças já esperavam pelo dia da atividade do “Projeto da Felicidade” como elas mesmas intitularam, então estavam bem empolgadas e entusiasmadas com a atividade. Individualmente, uma folha de papel foi entregue a cada criança e a elas foi pedido que desenhassem uma pessoa feliz.

Não impomos que nenhuma forma fosse aplicada a maneira da criança de desenhar, a mesma escolheria se utilizaria da disposição retrato ou paisagem para a produção do desenho. Não identificamos em nenhum estudo relação sobre esse item, portanto ele não foi considerado.

Os sujeitos tiveram à disposição lápis de cor e lápis grafite, os professores auxiliavam apenas em manter a sala organizada e para que a atividade não acabasse virando algazarra. Apesar de algumas crianças terem um bloqueio inicial na hora de colocar no papel o que representava para elas uma pessoa feliz.

Observamos não utilizar nenhum tipo de sinônimo para “feliz”, pois qualquer palavra poderia ser influenciável na produção do desenho das crianças. Essa observação consta na pesquisa de Giacomoni. Para a atividade durou em torno de 30 minutos.

Durante a produção dos desenhos, ouviam-se alguns comentários a respeito das criações. Algumas crianças associavam seus desenhos a amigos, parentes ou conhecidos que consideravam pessoas felizes, outros faziam a representação de um dos personagens de seus desenhos animados preferidos, alguns desenharam o personagem de seus jogos (*minecraft e free fire*) preferidos.

O uso das cores nesse estudo não foi levado em consideração, mas observou-se que muitas crianças faziam questão de “deixar seus desenhos mais bonitos”, outros achavam que os traços monocromáticos eram melhores, utilizando somente uma cor de lápis ou mesmo caneta esferográfica.

Após a produção dos desenhos de uma pessoa feliz, estes foram recolhidos e uma nova folha em branco foi entregue, pedindo-se que desenhassem uma pessoa que não fosse feliz. O que os levou em cerca de 90% a considerar a opção de desenhar uma pessoa triste, a pesar de o termo “triste” não ter sido apresentado durante a coleta, justamente para não criar uma tendência referente a este sinônimo.

Como este estudo visou compreender o conceito de felicidade para estas crianças, os desenhos de pessoas normais não foram considerados nas avaliações.

Vale ressaltar que desenhar a pessoa normal gerou um bloqueio inicial muito maior do que o da pessoa feliz. As crianças tiveram muitas dúvidas sobre que era uma pessoa normal, mas para algumas a representatividade de alguém que eles já conheciam, os fez produzir o desenho mais facilmente.

Após a produção do segundo desenho, as crianças receberam a Escala de Satisfação de Vida Infantil de Giacomoni (2002), a qual foi respondida conjuntamente. Foi-lhes explicado como deveriam marcar suas respostas e as perguntas foram lidas uma por uma, então lhes foi pedido que marcassem as respostas de acordo como consideravam que deveria ser. Essa atividade durou em média 20 minutos.

O que pude perceber enquanto aplicador é que alguns termos eram de difícil compreensão para as crianças. Acredito que a adaptação desta escala, utilizando termos mais compreensíveis e talvez até regionalizando-a pode vir a produzir resultados mais vigorosos em relação as respostas das crianças.

Algumas se recusaram a participar do preenchimento da Escala, outras a preencheram somente pela metade. Essas tiveram suas vontades respeitadas e suas escalas não foram consideradas nas análises.

Observou-se, ao longo da produção dos desenhos, que as crianças estão suscetíveis a novas informações como personagens de desenhos e programas infantis, e personagens de jogos, mas é a convivência com outras pessoas que torna suas referências mais amplas, ou seja, os acontecimentos familiares e até mesmo a vivência com seus colegas de turma os leva a ter mais dados sobre o que deveria ser expressado, em cada desenho.

Isso fica bastante exemplificado em alguns desenhos onde as crianças utilizaram a representação de familiares, professores ou colegas de escola e até mesmo de amigos da convivência externa.

Um grupo de crianças de uma das turmas do terceiro ano disse que iria desenhar o colega na pessoa normal porque ele havia perdido a mãe recentemente, ou seja, eles detêm certa compreensão, mesmo com a pouca idade que têm, sobre quais são os fatores que podem influenciar em seus conceitos sobre o que é uma pessoa feliz e o que é uma pessoa não-feliz.

Também se notou que pelo fato de estarem submetidas a uma rotina, elas já fazem algumas coisas de maneira inconsciente. Todas as crianças foram informadas de que não necessitavam identificar os seus desenhos com seus nomes, mas acredito que pelo fato de ser uma escola, o mecanicismo de identificar-se nas atividades é tão natural que algumas delas puseram seus nomes tanto nos desenhos quanto na escala. As identidades permanecem mantidas e não são apresentadas na pesquisa, somente nos anexos digitais, mas não há possibilidade de referenciar a algum dado da pesquisa.

A parceria com a direção da Escola e com os professores foi fundamental para a coleta, pois o corpo docente cultivava nas crianças a vontade de participar de uma pesquisa e a direção visualizou nessa atividade uma possibilidade de parceria futura, através da qual possa ser realizada alguma atividade fixa com os alunos no “Projeto da Felicidade”.

O fato de realizar uma atividade que envolve o lúdico (desenho), ainda que seja uma atividade comum em sala de aula para esta faixa etária, gerou um estímulo maior para as crianças participarem. As crianças demonstravam prazer em fazer seus desenhos, em mostrar a sua visão acerca de algo que para eles era conversa de adultos.

Por fim, ao chegar ao fim da coleta, itens suficientes foram obtidos não só para alcançar resultados para essa pesquisa, mas também para elaborar outros projetos e atividades em parceria com a escola, a fim de que os resultados transcendam aos números de uma pesquisa, e possam gerar na escola um novo produto, de modo que o “Projeto da Felicidade” deixe de ser algo sobre o que as crianças falam e se torne um motivo de vínculo para produção cultural e científica.

2.7 Análise dos Dados

Os dados foram analisados de diferentes maneiras, de acordo com as características e orientações encontradas na literatura, para cada instrumento de pesquisa.

2.7.1. Dados sociodemográficos:

Os dados foram coletados nas fichas de matrícula dos alunos, transportos para uma planilha do Excell e foram realizadas análises descritivas, com evidencia de medidas de tendência central.

2.7.2 Análise dos dados do DFH

A análise dos dados foi feita mediante ferramenta do Office, utilizando-se o programa Microsoft Excel, onde foram medidos os scores exigidos pela escala com sua média de corte já definida e também o programa PPSP, um software livre para análises estatísticas.

Os Desenhos foram analisados dentro dos parâmetros exigidos pelo método, conforme descritos na Tabela 1. Os avaliadores foram pesquisadores ligados ao Grupo de Pesquisa em Desenvolvimento coordenado pela Prof^a. Dr^a. Iani Dias Lauer Leite já treinados e com experiência em avaliação desse tipo de método. Os dados foram rodados no programa PPSP fazendo as análises necessárias e exigidas para encontrar resultados da análise.

Os 101 desenhos foram analisados por 3 avaliadoras que já tinham experiência prévia com a análise do DFH com utilização dos critérios propostos por Viapiana, Bandeira e Giacomoni (2016).

Cada desenho recebeu uma atribuição de pontos para cada item de Avaliação do Bem-Estar Subjetivo do DFH. Foram 18 itens avaliados recebendo pontuações de 1 a 5 sendo 1 nem um pouco, 2 um pouco, 3 mais ou menos, 4 bastante e 5 muitíssimo.

Os dados de classificação segundo esses critérios foram colocados em uma planilha do excell, depois transpostos para o software PSPP, que realiza análises estatísticas.

Os desenhos foram pontuados individualmente mediante a mensuração da moda retirada das análises das avaliadoras (VIAPIANA, BANDEIRA & GIACOMONI, 2016). Posteriormente foi realizada a análise de concordância dos resultados, a partir desses dados.

Para o cálculo dos escores dos participantes em cada critério optou-se pela média entre as três pontuações dadas pelas avaliadoras, seguindo a fórmula: $av1 + av2 + av3 = X/3$, na qual foi atribuída a pontuação de cada avaliadora, somadas as três pontuações e o resultado dividido por três. Esse cálculo foi realizado para cada participante, utilizando-se recursos da planilha Excel.

Para ter uma média global de cada participante (na somatória dos critérios), as médias por critério foram somadas e divididas pelo total de fatores, ou seja, 18.

Após o cálculo da média de cada participante em cada critério, foi realizada a média geral por critério, somando-se todas as médias dos participantes no critério em questão e dividido pelo total de participantes.

2.7.3 Análise da Escala Multidimensional de Satisfação de Vida infantil

A Escala Multidimensional de Satisfação de Vida infantil (EMSVI) utilizada neste estudo é a mesma utilizada na pesquisa de Giacomoni (2002). A autora juntamente com Hurtz fizeram o uso de um instrumento reduzido em 2008, e fizeram a validação do mesmo. Porém como buscava-se a validação do instrumento na região norte, optou-se por utilizar o instrumento inicial que amparava os seis fatores de influência no Bem-Estar Subjetivo.

Esta escala apresenta seis fatores que são: *self*, família, amizade, escola, não violência, Self comparado. Cada uma dessas categorias é avaliada por meio de respostas dadas a 50 questões por meio de uma escala Likert que vão de 1 a 5 onde um é “Nem um pouco” e 5 “Muitíssimo”.

Inicialmente, ainda que a amostra estivesse fora dos parâmetros para realizar uma análise fatorial, esta foi realizada, para averiguar se os mesmos fatores encontrados no estudo de Giacomoni (2002), se mantinham. Com o objetivo de averiguar se a matriz de correlação entre itens era fatorável, foram utilizados dois indicadores: o índice de KMO e o Teste de Esfericidade de Bartlett. Esses testes são utilizados para indicar a possibilidade da extração de fatores, realizada mediante Análise Fatorial. Um KMO acima de 0,70 e um resultado do teste de esfericidade com $p < 0,05$ são desejáveis, apesar de autores como Gouveia, Santos e Milfont (2009) definirem um mínimo de 0,60 no KMO, para indicação de extração de fatores na análise. Após a primeira solução, realizou-se uma 2ª análise, utilizando rotação oblíqua, pois esta foi a rotação utilizada na validação inicial (GIACOMONI, 2002).

Na sequência, foram calculadas as médias dos fatores, realizados testes t, para averiguar diferenças entre grupos e análises de correlação entre os fatores e em relação aos resultados do DFH.

SESSÃO III – RESULTADOS E DISCUSSÃO

3. ALGUNS INDICATIVOS DO BEM-ESTAR SUBJETIVO DAS CRIANÇAS PARTICIPANTES

Nessa seção são descritos os resultados obtidos mediante o desenho da figura humana e os resultados da escala Multidimensional de satisfação de vida infantil.

3.1 Perfil dos Participantes

Participaram deste estudo 101 crianças matriculadas em uma escola da Rede Pública Estadual, 46 eram meninos (45%) e 55 meninas (55%), que estavam matriculados nas turmas de 3º e 5º ano do ensino fundamental com idade entre 8 e 12 anos. A média de idade foi de 9,54 anos (d.p.=1,14), com moda e mediana de 9,0.

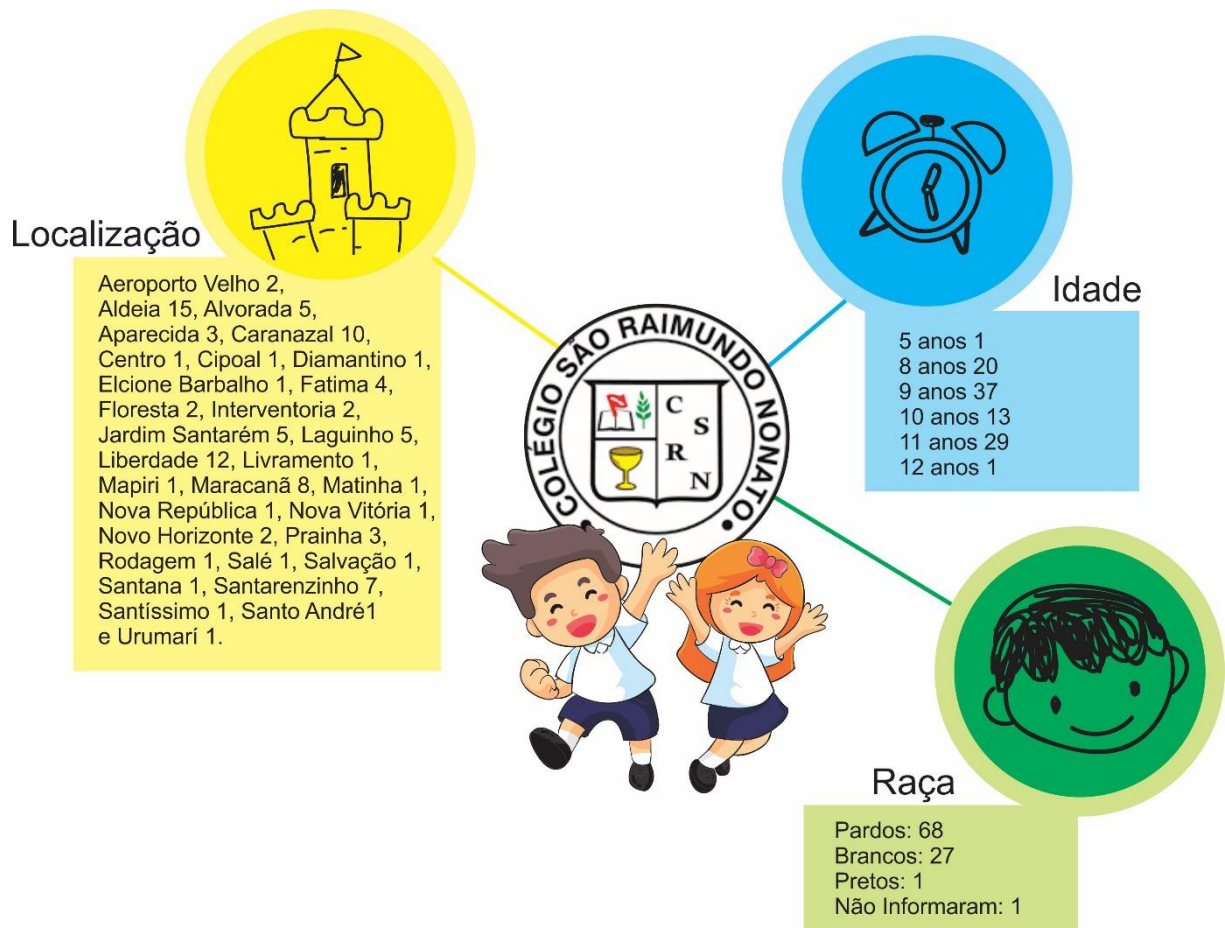
Sobre como as crianças se consideram em relação a cor e raça, foram obtidos 3 tipos de respostas: pardas, brancas ou pretas. Apenas 6 crianças não responderam nenhuma opção de cor e raça, 68% se declararam pardas, 25% brancas e apenas uma criança se declarou preta. Houve 5,9% de crianças que não fizeram declaração de nenhuma sobre raça.

Foram identificados 31 bairros de moradia: Aeroporto Velho, Aldeia, Alvorada, Aparecida, Caranazal, Centro, Cipoal, Diamantino, Elcione Barbalho, Fatima, Floresta, Interventoria, Jardim Santarém, Laguinho, Liberdade, Livramento, Mapiri, Maracanã, Matinha, Nova República, Nova Vitória, Novo Horizonte, Prainha, Rodagem, Salé, Salvação, Santana, Santarenzinho, Santíssimo, Santo André e Urumarí.

Dos 31 bairros encontrados, 14 crianças participantes são moradoras do bairro da Aldeia, bairro em que a Escola está localizada, seguido por 12 crianças residentes no bairro da Liberdade e 10 no Caranazal, bairros relativamente próximos

Das crianças, 15 estão divididas entre 15 bairros diferentes. Uma criança é residente da Região de Planalto distante em linha reta de Santarém cerca de 108.2 km.

Figura 16 – Infográfico de dados sócio demográficos



Fonte: Elaborado pelo autor (2020) a partir de dados fornecidos pela instituição de ensino e compilado com os formulários preenchidos pelos alunos.

3.2 Resultados relativos ao Desenho da Figura Humana

Em relação à análise de concordância entre as três avaliadoras, houve concordância total em 56,44% dos casos e concordância parcial (duas avaliadoras) em 32,67%, o que se somando dá 89,11% dos casos, um percentual menor do que o obtido no estudo de Viapiana, Bandeira e Giacomoni (2016), que obteve concordância de 91%.

Pode-se justificar essa divergência, primeiramente pela quantidade de crianças participantes da pesquisa de 2016 o que traz uma margem muito maior, podendo assim trazer um resultado também maior ao percentual final.

O perfil dos participantes e os resultados indicaram níveis médios de Bem-Estar subjetivo, ao se levar em conta as médias alcançadas nos critérios. A média geral em cada critério é apresentada no quadro a seguir.

Tabela 2 – Médias dos participantes em cada critério

Critério	Média	Critério	Média
Critério1 – Linhas firmes	3,35	Critério 10 – Símbolos afetivos	1,59
Critério 2: União das linhas	3,53	Critério 11 – Penteado	3,99
Critério 3: Integração da figura	4,75	Critério 12 – Boca expressando sorriso	4,72
Critério 4: Proporção adequada	3,53	Critério 13 – Braços não estendidos	4,28
Critério 5 – Simetria adequada	3,54	Critério 14: roupa:	4,62
Critério 6: Limpeza	4,21	Critério 15 – Sapato:	3,22
Critério 7: Tamanho médio da figura	2,81	Critério 16 – Detalhes:	2,87
Critério 8 Figura central:	1,90	Critério 17 – Objetos:	2,08
Critério 9 – Pano de fundo:	3,00	Critério 18 – Objetos inanimados	1,62

Legenda: Números em negrito representam as 3 maiores médias alcançadas. Números em itálico representam as menores médias.

Fonte: Quadro criado pelo autor com dados obtidos através da análise do DFH.

Ao afirmar que os níveis de Bem-Estar são considerados médios, pode-se observar critérios semelhantes aos das pesquisas já realizadas e que serviram de base para este estudo como Giacomoni (2002), e colaboradores como Hutz (2009), Viapina e Bandeira (2016), Viapiana, Bandeira e Giacomoni (2016) e Barboza (2017). Deve-se levar em consideração as diferenças geográficas, sociais e psicológicas dos públicos estudados.

Encontramos as maiores médias nos critérios 3 (Integração da figura), 12 (boca expressando sorriso) e 14 (roupa). Por outro lado, as menores médias foram nos critérios 10 (símbolos afetivos), 18 (objetos inanimados) e 8 (pano de fundo).

Para a análise do item e, são levados em consideração Integração da figura: a cabeça unida ao pescoço ou topo do tronco, dois braços unidos ao limite superior do tronco, duas pernas unidas ao limite inferior. Este item obteve média 4,75 a maior entre os 18 itens avaliados. É fundamental para assegurar a validade e fidedignidade pois a análise do DFH envolve várias questões subjetivas do avaliador.

Dos desenhos avaliados, observou-se o conhecimento da figura humana como um todo, a percepção das crianças a respeito da forma do corpo humano, que proporciona clareza neste item.

As crianças não tiveram apresentação de nenhum exemplo de desenho da figura humana antes da aplicação do estudo, seus conhecimentos a respeito do corpo e de suas características vem dos seus estudos normais da instituição e conhecimento pré-adquiridos.

Se faz necessário informar que os avaliadores não tem contato uns com os outros durante a avaliação do DFH, não tem acesso as avaliações posteriores, avaliam os desenhos de forma aleatória, garantindo a fidelidade do estudo.



Figura 17 – Desenho da Figura Humana que obteve média 5,0 no item 3.

Observando o desenho acima, pode-se observar que a criança fez uso correto das linhas do corpo, obedecendo aos parâmetros de tamanho de membros inferiores e superiores, proporcionalizou o corpo, manteve a cabeça ligada ao corpo pelo pescoço, e mesmo utilizando de artifícios como roupas, não deixou desproporcional o corpo humano. Dentro da característica do item 3 a avaliação recebeu a maior média dentro da análise do DFH.

O segundo item que obteve a maior média foi o 12 que avalia Boca expressando sorriso (por exemplo: boca em forma de meia lua, com uma ou duas linhas). Este item recebeu a média de 4,72 o que caracteriza um equilíbrio entre a

vivência de afetos positivos e negativos apresentados na pesquisa de Viapiana, Bandeira e Giacomoni (2016). Na análise apenas três crianças receberam médias 2 ou inferiores neste item, o que pode caracterizar casos isolados.

Neste parâmetro podemos observar que 97% das crianças que participaram do estudo apresentam históricos de vivências positivas, o que eleva o grau de Bem-Estar subjetivo das crianças. A respeito dos 3% que apresentaram nota inferior a 2 (>2) neste item e são caracterizadas como casos isolados, apenas os caracterizamos na pesquisa e sinalizamos para a escola a fim de que uma atenção maior seja dada, porem obedecendo os critérios de idoneidade e assegurando que nenhuma informação seria revelada, os nomes foram preservados.



Figura 18 – Desenho da Figura Humana que obteve média 5,0 no item 12.

O desenho apresentado acima configura a maioria das representações do sorriso, evidenciado claramente de forma compreensível pelos juízes. A forma da boca em meia lua, característica forte nos desenhos infantis é uma forma bem clara de fazer a identificação desta característica no item em questão.

O estudo de Viapiana, Bandeira e Giacomoni (2016) já apresentava certa expectativa ao que diz respeito ao item 14 Roupas: pontua-se se há a presença de alguma peça de roupa no desenho da figura humana: calças, bermudas, saias, vestido, etc. Para as autoras, esses itens associados a “penteados” e “detalhes que

identificam o gênero da figura” evidenciam a validade proposta pelo sistema de avaliação.

Na representação a seguir a criança apresenta uma figura utilizando vestido (moda), joias (item), penteado (diferenciação sexual). Os itens em sua somatória apresentam maiores características de afetos positivos o que amparado na pesquisa de Viapiana, Bandeira e Giacomoni (2016) considera que uma pessoa se sente bem. Espera-se que uma criança que se sente bem e feliz na maior parte do tempo, expresse esse tipo de afeto em seu desenho (VIAPIANA, BANDEIRA E GIACOMONI, 2016).



Figura 19 – Desenho da Figura Humana que obteve média 5,0 no item 14.

Acredita-se que os contos infantis sempre permeiam a imaginação das crianças. A possibilidade de viver em castelos, de andar em seres alados, de possuir poderes mágicos, de poder usar roupas diferentes é algo característico em todas as gerações, lembro-me de quando tinha 5 anos de idade e já sonhava com a possibilidade de sair voando como os personagens dos desenhos animados que assistia na TV. Essa característica é forte nos desenhos das crianças avaliadas neste estudo, e une duas características de avaliação que é a roupa (moda) e a criatividade, onde a criança insere em seus desenhos aspectos incomuns dos utilizados no dia-a-dia.

Observa-se nos desenhos apresentados, um certo padrão relacionado a criatividade. Barboza (2017) utilizou esse aspecto em sua análise do DFH e apresenta em sua pesquisa a definição de criatividade ao longo do tempo. Cropley (2016) diz criatividade como um aspecto da existência humana normal que se baseia em processos cognitivos e propriedades pessoais, pode ser desenvolvida através de treinamento e prática, podendo ser transferida através de domínios.

Nakamo, Wechsler e Primi (2011), Torrance (1990), Wechsler (2004) consideram esses indicadores de criatividade dentro de dois aspectos, cognitivo e emocional, onde os indicadores cognitivos de criatividade são fluência, flexibilidade, originalidade e elaboração, por outro lado os indicadores emocionais de criatividade são expressão de sentimentos, fantasia, perspectiva incomum, perspectiva interna, movimento, uso de contextos, combinações, títulos expressivos e extensão de limites (BARBOZA, 2017).

Prosseguindo às análises do DFH foram obtidos três menores médias nos critérios 10 (símbolos afetivos), 18 (objetos inanimados) e 8 (pano de fundo). Para o item 10 são considerados os aspectos de símbolos afetivos: desenho de corações, sorrisos, escritas ou outros detalhes que representam afeto (não inclui a face da figura humana sorrindo). Para tal verificou-se um desenho cuja a média tenha sido 1, identificando média mínima pelos três juízes.

A média baixa neste item não caracteriza de forma separada que a criança possa ter ou não um alto nível de Bem-Estar Subjetivo, para tanto seria necessário utilizar outras ferramentas que pudessem reforçar este item e observar se essa característica iria permanecer nos demais desenhos.

A não utilização de outros símbolos afetivos podem ter relação com o curto período que as crianças tem para a aplicabilidade do desenho, ou mesmo da disponibilidade da criança em querer participar naquele dia. Um estudo que utiliza de técnicas de estudo da subjetividade está sempre suscetível a estes aspectos voltados ao sentimento momentâneo do participante.



Figuras 20 e 21 – Desenho da Figura Humana que obteve média 1,0 no item 10 e Desenho que obteve média 4,66 no mesmo item.

Nas ilustrações acima observa-se dois exemplos sobre o item avaliado. No primeiro desenho (Figura 20) vê-se apenas a representação da figura, sem nenhum outro item, desenho ou representação, já no segundo desenho (Figura 21) apresenta-se uma imagem onde está presente o item “escrita”.

A pesar de o primeiro desenho apresentar as características corretas do desenho da figura humana e apresentar o sorriso no rosto representado pelo sorriso em meia lua, porém para este item, as ilustrações devem fazer parte do desenho de forma a conter no cenário, ou como características extras e não como composição da feição da personagem desenhada.

Houve uma frequência de 59% de notas mínimas para este item, 11 crianças obtiveram a média 1,33; apenas uma obteve a média 1,66; 3 crianças obtiveram média 2,0 e apenas duas crianças obtiveram a média 5,0.

O item de símbolos afetivos não foi característica relevante em outras pesquisas, principalmente na pesquisa de Giacomoni que norteou esse estudo.

O item 18 de símbolos inanimados (Figuras 22 e 23) representado nas imagens a seguir, mostra diferenciação entre desenhos com características humanas e desenhos que apresenta essas características em itens não humanos.

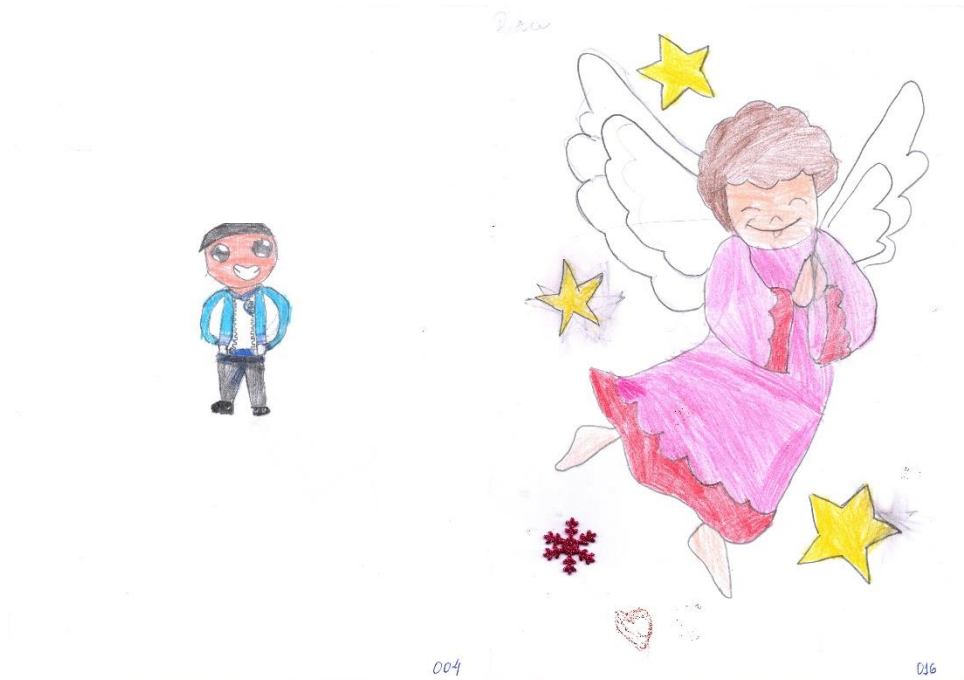


Figuras 22 e 23 – Desenho da Figura Humana que obteve média 1,0 no item 18 e Desenho que obteve média 5,0 no mesmo item.

Na figura 22, observa-se que a figura apresentada não obedece aos parâmetros de regularidade dos membros, o pescoço é apresentado como uma extensão do corpo, seguindo a mesma proporção. Já na figura 23 o sol, em destaque na ilustração apresenta uma característica humana, o rosto, o que para o item 18 de características humanas em seres inanimados é altamente avaliado, porém o mesmo desenho apresenta notas baixíssimas ao que representa a figura humana, quer assim como o 22 não apresenta os parâmetros exigidos para uma boa avaliação.

Numa frequência de 84%, observou-se uma maioria de crianças com a média 1,0 e apenas 7 crianças com média 5,0. Um total de 11 crianças apresentaram médias superiores a 1,0 ($m > 1,0$) e menores que 5,0 ($m < 5,0$), obtendo média máxima de 4,66.

Este item também não aparece como destaque nas pesquisas que nortearam esse estudo.



Figuras 24 e 25 – Desenho da Figura Humana que obteve média 1,0 no item utilização do espaço e Desenho que obteve média 5,0 no mesmo item.

Nesse item as figuras 24 e 25 apresentam a característica do uso do espaço da figura. Todas as crianças receberam a folha da mesma forma, no mesmo tamanho e com as mesmas instruções, porém tinham a liberdade de fazer a representação da pessoa feliz da forma que considerassem ser o certo para eles.

Durante a preparação para a aplicação do estudo pensou-se nas formas de dispor o papel para as crianças, no tamanho que este papel deveria ter, em que utensílios seriam disponibilizados. Foi então que obedecendo aos exemplos do estudo de Giacomoni, Viapiana e Bandeira utilizamos papel sulfite branco, tamanho A4, disponibilizado em posição retrato. Não demos nas mãos de nenhuma criança nenhum tipo de lápis ou caneta, foi deixado em cima da mesa do professor um pote contendo lápis de cores variadas e canetas também de cores variadas que podiam ser utilizadas de forma livre e as crianças também foram informadas de que podia usar seus materiais.

Durante a aplicação, algumas crianças perguntaram sobre de que forma podiam desenhar no papel, a única orientação permitida era de que eles deveriam usar da melhor forma, da forma que lhes fosse mais confortável e que eles pudessem fazer melhor o desenho, para que de forma alguma uma instrução viesse a influenciar a forma de desenhar da criança.

Para esse item, 12 crianças receberam notas inferiores a 2,0, porém apenas 3 tiveram a média mínima de 1,0. A média que mais teve repetições foi a média 3,0 com 24 crianças e 4 dos 101 desenhos receberam 5,0 dos três juizes o que diferencia este item dos demais, pois a repetição de notas baixas ($m > 1,0$) foi pequena em comparação aos demais itens da escala do DFH.

Em se tratando da variável idade, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) nos critérios 6 e 17. No critério 6 (Limpeza da figura, ausência de rasuras, borrões e linhas apagadas) as crianças de 8-9 anos tiveram médias mais baixas ($m = 3,99$, $d.p. = 0,85$) que as crianças de 10-12 anos ($m = 4,42$, $d.p. = 0,75$).

O desenvolvimento infantil é marcado por profundas transformações, refletidas em aquisições cognitivas e habilidades motoras (Silva e Dounis, 2014).

A coordenação motora de crianças entre os sete e dez anos onde apresenta as seguintes características: entre os 7 e 8 anos andam de bicicleta sem as rodinhas de suporte; podem fazer pequenas tarefas como arrumar a própria cama; conseguem amarrar os próprios cadarços e abotoar a camisa; além de vestir a roupa de forma independente. Entre 9 e 10 anos tem coordenação suficiente para a prática de atividades que envolvam esporte, como futebol ou natação. Isso pode servir como justificativa para as notas baixas nesse item, pois crianças nessas idades ainda não possuem o entendimento necessário e a compreensão referentes a sua coordenação motora, o que exige que alguns movimentos sejam mais repetidos que outros, como por exemplo o desenho.

No critério 17 (Presença de um ou mais objetos junto à figura ou segurados por ela), entre os grupos de crianças de 8 a 9 anos ($m = 1,54$, $d.p. = 1,13$) e crianças de 10 a 12 anos ($m = 2,22$, $d.p. = 1,54$). Observa-se que o grupo de 8-9 anos apresentou médias mais baixas que o grupo de crianças mais velhas nesse critério. Tal resultado não foi encontrado em outras pesquisas, o que nos leva a um novo questionamento sobre que tipos de influências as crianças mais velhas têm sob as mais novas.

Partindo desse pressuposto, elencamos como possível resposta a este questionamento que as crianças mais velhas podem possuir uma gama maior de informações acerca de objetos e suas utilizações o que poderia ser representado com mais facilidade em seus desenhos. Como essa característica não foi apresentada em outras pesquisas, não podemos fazer nenhuma afirmação.

Para averiguar as diferenças nas médias para meninos e meninas foi realizado teste T. Os resultados indicaram não haver diferenças significativas em relação a essa variável.

Por fim, os Desenhos apresentados pelas crianças nesta pesquisa trazem aspectos tecnológicos, com representações de personagens de desenhos animados e também de desenhos que caracterizam personagens de jogos como *Minicraft* e *FreeFire*, jogos estes que estão cada dia ganhando mais espaço no cotiado das crianças.

O site Originaconteudo caracteriza *Minicraft* como:

Um jogo de videogame, hoje disponível em diversas plataformas, do pc ao mobile, que consiste em minerar recursos para construir coisas. É uma espécie de Lego digital onde os ambientes são gerados aleatoriamente pelo jogo. Para as crianças, é um passatempo divertido quebrar os blocos, pra juntar recursos e construir uma casa. Para adultos, esse jogo consiste em recriar o mapa de Game of Thrones, montar a sua própria Estrela da Morte de Star Wars, construir castelos gigantescos e por aí vai. Minecraft é um ambiente para você soltar sua imaginação

Já para o termo *FreeFire* o site Techtudo diz:

Free Fire Battlegrounds é um game do gênero Battle Royale que pode ser baixado gratuitamente em dispositivos Android e iPhone (iOS). O game disponibilizado pela Garena foi considerado o melhor jogo mobile de 2018 e é um dos mais populares nas lojas virtuais, sendo sucesso na App Store e Google Play Store com mais de 100 milhões de instalações. A jogabilidade de Free Fire é simples e rápida, e oferece modos ranqueados para os jogadores mais competitivos. Veja, a seguir, cinco curiosidades sobre o Battle Royale que é febre nos smartphones.

Essas informações tecnológicas são de suma importância para futuras pesquisas, pois a existência de pelo menos um desenho com essas características mostra novos nortes para o cenário da pesquisa, incentivando possíveis criações de novas ferramentas, adaptação das existentes para uma nova realidade mais tecnológica.

O aparecimento destes dois desenhos me obrigou a conhecer um mundo novo, não tão distante da minha realidade, paralelo a minha idade, mas que ainda era desconhecido por mim, porém muito próximo e real das crianças participantes deste estudo.

Foram apresentadas também características relacionadas ao período do ano em que a coleta foi realizada, o natal. Não se encontrou na literatura algo que reforçasse esta informação ou que pudesse afirmar que o período do ano possa ter influência direta no DFH, porém, símbolos como o presépio, papai Noel e anjos foram bastante presentes nas representações das crianças.

Identificou-se também a presença de representações de princesas nos desenhos de meninas, assim como a representação de garotos com bolas, skate, personagens de desenhos animados de luta são presentes nos desenhos de meninos. Esse item quando analisado num conjunto não obteve grandes médias, nem uma avaliação significativa, porém fazendo uma análise dividindo as crianças em dois grupos obtivemos resultados significativos.

Barboza (2017) utilizou para as análises do DFH a Escala de Afeto Positivo e Negativo e através dela conseguiu identificar bons resultados nos itens apresentados acima, porém para Giacomoni e Hurtz (2006) há uma necessidade de estudos com amostras maiores de grupos clínicos e com outras realidades socioeconômicas e sociais.

Não se apresenta na literatura a respeito desses itens o porquê de crianças mais novas terem médias menores que as crianças mais velhas nos itens 6 e 17.

Foram identificados também a representação de paisagens junto aos desenhos. Jardins, praia, campo e até mesmo parque de diversão são alguns dos cenários definidos pelas crianças no desenho, além de representações próximas a casas, como se os desenhos quisessem passar a impressão da vivência cotidiana.

A cidade de Santarém apresenta belezas naturais variadas o que pode justificar a presença deste cenário em desenhos. No final do ano há a presença de um parque de diversões na cidade. Santarém é uma cidade rodeada de regiões de várzea o que para algumas pessoas é denominada de “sítio” o que também pode apresentar a justificativa do cenário do campo.

Houve também representação de seres inanimados como unicórnios o que mais uma vez levanta a questão da influência da mídia na concepção das crianças, tendo em vista que o advento da representação do unicórnio ganhou um espaço grande nas representações de roupas, acessórios, materiais escolares, produtos de higiene e beleza, dentre outros. O acesso a essas informações faz com que sua presença forte seja aceitável e justificável.

Os desenhos trazem características de figuras conhecidas pelas crianças, como parentes e amigos, que são representados por meio de nomeações nos próprios desenhos. Essas informações são reforçadas com os testemunhos das crianças durante a coleta, onde os mesmos repassavam ao pesquisado a informação *“Tio, meu primo é feliz, eu vou desenhar ele porque eu sei que ele é feliz”*.

Nas representações próprias de figuras humanas verificou-se o uso do uniforme escolar como figurino dos personagens, acrescido de alguns adornos bem particulares como jaquetas e bolsas, mas tendo o uniforme como foco principal da vestimenta do desenho.

3.3 Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Crianças

Em se tratando dos resultados dessa escala, participaram apenas 94 crianças, sendo 46 meninas e 48 meninos, de acordo com as explicações explicitadas na seção do percurso metodológico. Por conta dessa questão não foi possível realizar testes de revalidação, o que havia sido planejado a princípio.

Com o objetivo de verificar a uni ou multidimensionalidade desse conceito, foram utilizados dois testes: O KMO e o Teste de Esfericidade de Bartlett. O KMO alcançado foi de 0,47 e o teste de Esfericidade de Bartlett. $\chi^2(94) = 2214.850$ sig 0,000. Esse resultado inicial contraindicou a extração de fatores, pois segundo a literatura, o resultado deve ser acima de 0,70, ainda que existam autores, como Gouveia, Santos e Milfont (2009), que afirmem que um KMO de 0,60 seja aceitável. Ainda que se levasse em conta essa última consideração, o KMO alcançado foi considerado baixo, portanto, escolheu-se não prosseguir para uma 2ª análise fatorial. Ao invés disso, optou-se por utilizar os fatores encontrados no estudo de Giacomoni (2002) e averiguar as médias dos participantes nesses fatores. Tais resultados são apresentados abaixo.

Tabela 3 – Resultados da Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Crianças

Fatores	Self	Self comparado	Família	Amizade	Escola	Não violência
Média	3,71	2,42	3,94	3,57	4,07	1,57
Mediana	3,7	2,5	3,91	3,6	4,07	1,5
Moda	3,4	2,75		3,6	4,71	1
Desvio padrão	0,64	0,63	0,47	0,5	0,56	0,55
Mínimo	1,5	1	1,9	1,7	2,71	1
Máximo	4,9	4	4,73	4,6	5	3,25

Fonte: Quadro criado pelo autor com dados obtidos através da análise da EMSVC.

Identificou-se que “Escola” recebeu a maior média entre os fatores avaliados obtendo média de 4,07 na escala. No estudo de Giacomoni (2002) a escola apareceu como última categoria discutida pelas crianças. Neste estudo, a autora

utilizou dois instrumentos para a avaliação, onde eles podiam relatar suas experiências com a escola, e a autora pode elencar quais eram os que mais tinham fatores de relação.

Os itens relacionados a escola na EMSVC descrevem a importância da escola, do ambiente escolar, dos relacionamentos interpessoais nesse espaço e o nível de satisfação em relação a esse ambiente (GIACOMONI e HURTZ 2008).

Para tanto pode-se afirmar, ancorado na Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner (1996) que a escola é um microssistema de convivência intensa da criança, que é responsável por grande parte da formação de conceitos, concepções e principalmente por uma definição do seu perfil social e emocional.

Neste microssistema a criança recebe novas informações diariamente, convive em comunidade, troca experiências advinda de outros microssistemas como por exemplo a família. Na escola, ela está acessível ao que há de novo em informação e tecnologia sempre voltadas ao conhecimento.

Se faz de suma importância fortalecer a importância da escola na formação do ser humano em aspecto integral, de forma a evidenciar não somente sua formação enquanto conhecedor de ciências, mas enquanto ser humano pertencente a uma comunidade e que tem um papel fundamental neste meio social.

O segundo fator que recebeu a maior média foi a “família” (m=3,94). Giacomoni e Hurtz (2008) relatam que família na escala envolve itens descritores de um ambiente familiar saudável, harmônico, afetivo, de relacionamentos satisfatórios, além de indicações de satisfação quanto à diversão. Em Barboza (2017) é definida como referência ao ambiente saudável, com relações harmoniosas e afeto.

Giacomoni (2002) relata que no estudo de Huebner (1991a) “família” apresenta as mais fortes correlações com satisfação de vida global. Giacomoni (2002) continua afirmando que um ambiente familiar é caracterizado pela comunicação, pela afetividade, aceitação e desenvolvimento da autoestima.

Para os autores apresentados a família é um construto de relações saudáveis, onde a criança vai construir uma série de experiências que vão ser caracterizadas e evidenciadas para toda a sua trajetória, o que com certeza influencia no seu Bem-Estar e no seu Bem-Estar Subjetivo.

O fator *Self* que é composto por itens que descrevem o *self* como positivos com características positivas, como autoestima, bom humor, capacidade de

relacionar-se, capacidade de demonstrar afeto etc. (GIACOMONI e HURTZ, 2008). A média encontrada para *Self* foi de 3,71 onde, para esse fator leva-se em consideração as visões da criança sobre si mesmo, sobre suas relações, sobre como elas tem poder de influenciar suas escolhas e tendências, como através delas tem variantes de significado a respeito de suas vidas.

Desta forma é possível observar que há uma linha tênue entre os fatores escola, família e self neste estudo. É possível que essa variante fosse diferente se a pesquisa fosse aplicada em um bairro ou comunidade, onde existiriam crianças de diferentes escolas e realidades.

O próximo fator avaliado na EMSVC é a Amizade definida por Giacomoni e Hirtz (2008) como fator caracterizado pelos relacionamentos com pares, nível de satisfação desses relacionamentos e algumas indicações ao lazer, situações de diversão e apoio. Nesse fator, a média encontrada foi 3,57. Os estudos de Huebner (1991b; 1994a) apontaram esse fator como reflexo da importância de se ter amigos e da convivência com eles na vida infantil.

Durante a aplicação do estudo, o pesquisador observou que as crianças tinham uma boa relação umas com as outras, o que pode ser fruto da realidade reforçada pela escola, por ter um viés cristão, deve incentivar essas relações positivas entre os pares.

Self comparado foi um dos fatores a receber menor média. Para este fator a definição de Giacomoni e Hirtz (2008) diz que agrupa itens que se caracterizam por realizar avaliações comparativas com seus pares. Os itens possuem conteúdos relacionados ao lazer, à amizade e a satisfação de desejos e afetos. Os itens relacionados a esse fator geraram certa confusão na cabeça das crianças no momento de responder as perguntas. Algumas delas não sabiam inferir a respeito da vida dos outros em comparação com as suas, o que provavelmente justifica a essa média neste estudo. Talvez para um estudo futuro pode-se pensar em modificar algumas palavras nas pesquisas tornando-as mais clara e de fácil entendimento.

A categoria que recebeu menor pontuação foi a “não-violência” que Giacomoni e Hirtz (2008) definem como fator que incluem itens que possuem conteúdos associados a comportamentos agressivos. Giacomoni (2002) vincula esta categoria a viver em um ambiente harmônico, sem brigas e discussões. A autora apresenta estudos como o de Koller (2000); Caminha (2000); Oliveira e Flores (2000); Kristensen e Nicols (2000) como reforços na literatura acerca dos desejos

das crianças de não serem vítimas de violência (pelos pais), não serem atores (brigarem com os amigos) e mesmo testemunhas (presenciar brigas de rua).

Para este item existe uma satisfação muito grande em ver que sua pontuação foi baixa, o que leva a um fator positivo para este grupo, mas leva-se em consideração que a realidade deste grupo é diferente da realidade de um outro grupo que poderia apresentar resultados bem diferentes dos que encontramos aqui.

Para analisar se haviam diferenças significativas entre as médias, em relação às variáveis independentes sexo e faixa etária, foram realizados testes T para amostras independentes. Para a variável sexo, houve diferença nas médias ($p < 0,05$) para meninos e meninas, sendo que as meninas ($m=3,69$, $d.p.=0,40$) obtiveram maiores médias no fator amizade, do que os meninos ($m=3,46$, $d.p.=0,57$). Uma informação compreensível tendo em vista que pela idade das crianças deste estudo a divisão dos grupos por sexo ainda é grande, tendo a mistura de indivíduos a partir dos 13 anos.

Para a variável faixa etária não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as crianças de 8 a 9 anos e as crianças de 10 a 12 anos.

Foram realizadas análises de correlação com o objetivo de averiguar a validade concorrente do DFH. Para isso foram utilizados os resultados das médias obtidas nos fatores da Escala Multidimensional de Satisfação de vida infantil. Os resultados indicaram correlações dos critérios do DFH entre si, assim como dos fatores da Escala de Satisfação de Vida Infantil entre si. Para os critérios do DFH foram encontradas 18 correlações moderadas (COHEN, 1988; DANCEY e REIDY, 2005, citados por Filho e Junior, 2009). Para os fatores da Escala de Satisfação de Vida infantil, foram achadas 6 correlações, de moderadas a fortes, segundo os mesmos autores. Na tabela a seguir é possível visualizar as correlações referentes aos fatores da escala multidimensional de satisfação de vida infantil.

Tabela 4 – Correlações entre os fatores da Escala de Satisfação de Vida Infantil

Fatores	Self	Self comp.	Família	Escola	Amizades	N violência
Self			0,65**	0,57**	0,7**	
Self comparado						
Família						
Escola			0,55**			
Amizade			0,59**	0,46**		
Não violência						

** $P < 0,05$

Fonte: Do Autor.

Observam-se correlações positivas, de moderadas a fortes, segundo os critérios de Cohen (1988, citado por Filho e Junior, 2009) e de Dancey e Reidy (2005, citados por Filho e Junior, 2009).

Não foram encontradas correlações entre os critérios do DFH e os fatores da Escala Multidimensional de Satisfação de vida Infantil, o que impossibilitou a validação concorrente do DFH, nesse estudo e com essa amostra.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A seção final desse trabalho apresenta a retomada dos objetivos do trabalho, as limitações encontradas para sua realização, as contribuições e indicação de caminhos futuros da pesquisa. Traz ainda, as impressões do pesquisador sobre seu trabalho, em um tom mais informal e pessoal. Todos esses elementos evidenciados nessa seção objetivam fazer uma síntese do trabalho, assim como auxiliar os futuros leitores do mesmo, a vislumbrarem caminhos, nas lacunas deixadas por esse estudo.

4.1 Objetivos

Esse estudo teve como objetivo geral analisar a adequabilidade de dois instrumentos que avaliam o Bem-Estar subjetivo de crianças, para a realidade do norte do Brasil. O Brasil é um país com muitas diferenças, seja relativo à renda, hábitos de vida, cultura, escolaridade, ambiente físico e social. Nesse sentido, considerou-se relevante averiguar se os instrumentos desenvolvidos em outras partes do país para averiguar o BES infantil seriam adequados para mensurar esse construto para as crianças da região norte. Em se tratando da revalidação dos instrumentos, não foi possível realiza-las. Contudo, ainda assim foram mensurados o BES das crianças participantes mediante os dois instrumentos escolhidos.

4.2 Limitações do trabalho

Todo trabalho científico apresenta limitações. A escrita sobre essas limitações e a reflexão sobre elas auxiliam tanto o executor da pesquisa quanto os leitores que desejam enveredar pelo campo de estudo do qual o trabalho que leem se insere. Nesse sentido, essa pesquisa apresentou limitações que podem explicar, em parte, alguns dos resultados obtidos.

A primeira limitação refere-se ao número de participantes. Inicialmente estava prevista a participação de 450 crianças, o que seria uma amostra suficiente para a validação da escala multidimensional de satisfação de vida infantil. Contudo, devido a questões relativas ao tempo exíguo obtido para a coleta de dados, foi possível apenas a participação de 101 crianças, que responderam aos instrumentos de pesquisa. Na análise prévia necessária à análise dos dados da EMSVI, esse número caiu para 94 participantes. Ainda assim, tentou-se realizar uma primeira análise fatorial para explorar a fatorabilidade do instrumento, mas a medida adotada (KMO) contraindicou a continuação para a extração de fatores. Sugere-se uma ampliação da amostra.

Uma segunda limitação refere-se à análise de concordância entre as avaliadoras do DFH. No estudo de Viapiana, Bandeira e Giacomoni (2016), a concordância ficou em 91%. Nesse estudo, a concordância total entre as três avaliadoras ficou em 56,44%. Hipotetiza-se que esse índice de concordância pode ter sido insuficiente e ter influenciado nas médias do DFH. Dessa maneira, considera-se salutar a reavaliação desses resultados.

A terceira limitação refere-se à análise de validação concorrente, realizada mediante correlação bivariada entre os critérios do DFH e os fatores da EMSVI. Como observado na seção de resultados, não foram encontradas correlações entre os instrumentos, apesar de serem vistas correlações de moderadas a fortes entre os elementos de cada instrumento. Conclui-se que é preciso ampliar a amostra, reavaliar os resultados do DFH, incluindo na análise outros critérios já validados para análise do DFH, como o Compêndio de Indicadores Emocionais (ALBORNOZ, 2011) e a Escala de Avaliação Global do Desenho (SEGABINAZI, 2010).

Em se tratando da EMSVI, sugere-se, além da ampliação da amostra, a aplicação de um outro instrumento já validado que possibilita o cálculo do Bem-Estar global dos pesquisados, a exemplo do instrumento Escala de Satisfação de Vida

Global (GIACOMONI, 2002). Acredita-se que essa medida pode auxiliar na análise de validação concorrente do DFH.

4.3 Contribuições e caminhos futuros

As contribuições deram-se sobretudo nas análises do DFH, que trouxeram elementos de conteúdo não previstos nos critérios de Viapiana, Bandeira e Giacomoni (2016). Tais elementos remetem à influência da tecnologia e das mídias sobre o imaginário infantil, além da influência social de familiares que vivem próximos a essas crianças.

Os 18 critérios de Viapiana, Bandeira e Giacomoni (2016) foram validados recentemente e carecem de mais estudos que fortaleçam o uso do desenho como estratégia de mensuração de construtos com crianças.

Um desafio que fica para as próximas pesquisas é a análise desses outros elementos que aparecem nos desenhos, não previstos inicialmente na proposta dessas autoras, que tem como ponto forte a análise de aspectos tanto do traço, do aspecto, da forma e conteúdo do desenho infantil. Os resultados encontrados nessa pesquisa, e não observados no estudo das autoras, diz respeito a elementos de conteúdo. Em estudos futuros, tais elementos podem ser melhor estudados e talvez anexados aos critérios inicialmente propostos pelas autoras.

4.4 Sobre o pesquisador e suas impressões

Quando fui apresentado ao tema surgiu um certo medo pois fugia totalmente ao que eu estava habituado na minha zona de conforto. Porque alguém que é formado em música se envolveria com uma pesquisa que fala sobre Bem-Estar, Qualidade de Vida ou mesmo sobre Felicidade? Pois bem, eis os desafios da pesquisa hoje em dia.

O mundo apresenta diversos fatores que para qualquer ser humano pode evidenciar experiências positivas e negativas em sua rotina de vida e com elas apresentar diferentes modos de ver e viver essas experiências.

Do acordar ao deitar somos expostos a diferentes vivências e nossos olhares diferenciados são responsáveis pelo que será absorvido das mesmas. Para um adulto essas coisas são apresentadas de formas simples ou mesmo avassaladoras,

agora imaginemos como uma criança pode lidar com isso, e como cada uma dessas experiências tem sobre suas conceituações.

O nascimento por exemplo pode ser para um adulto um milagre, uma realização de um sonho, para as crianças existem infinitas possibilidades de representar aquele evento, assim como pode ser o atendimento às preces de ter um irmãozinho para brincar, pode ser a representação do desgosto por ter de dividir a atenção com mais uma criança.

A criança vive em um mundo todo seu, próprio de suas leis, recheado de suas vontades e sonhos. Conviver com outras crianças, experimentar novas culturas, relacionar-se com diferentes concepções do ser e do viver são fundamentais para a formação dessa criança, muito mais que como indivíduo, mas como ser humano.

Essas experimentações enriquecem a vivência desta criança de forma a ter nelas bagagem suficiente para que no futuro elas possam usar disso tudo como formas de resolver necessidades expostas ao seu cotidiano de adulto, *“uma vez quando eu era criança...”*.

A felicidade ao longo dos anos, no decorrer da história, vem sendo estudada de diferentes formas e para diversas finalidades. Conhecer o que e como cada situação pode interferir na vida de uma criança é uma necessidade real para a sociedade atual, pois através disso é possível se pensar no novo, traçar políticas públicas e metodologias de educação cada vez mais apropriadas para a criança e sua especificidade.

É muito mais do que apenas pensar em criar algo sólido e forte para que a criança tenha seus direitos respeitados, é entender e compreender a particularidade que elas têm, respeitar essa particularidade e fazer valer para que a criança pare de ser vista como um mini adulto e seja respeitada pelo que de fato ela é, uma criança.

Esta pesquisa inicialmente buscava trazer para a realidade da região norte, com este estudo inicial, instrumentos que já haviam sido testados e validados em outros estados brasileiros, para podermos traçar um diagnóstico inicial a respeito das crianças amazônicas. A região norte e a região nordeste apresentam características únicas de viver, culturas variadas e geografias específicas o que tende a ter influências diretas no bem-viver das crianças.

Observamos por fim que esses instrumentos são de suma importância, mas que precisam sim ser adaptados a uma realidade mais local, com uma linguagem mais própria, com exemplos mais reais do cotidiano de nossos pequenos.

Vimos que a influência da televisão, da internet e do mundo virtual em si trazem características diferentes para as crianças desta era. Num comparativo rápido e lembrando dos desenhos que eu fazia quando criança pude verificar uma gama de diferenças que vão desde os fundamentos que eu conheço por felicidade até o tipo de conexão vivenciada com a tecnologia.

Algumas características apresentadas pelas crianças eram de total desconhecimento da minha realidade, mesmo tendo vivência com crianças na faixa etária pesquisada, eu desconhecia alguns termos, personagens, formas que me fizeram perceber que o avanço da informação e da tecnologia tende a trazer cada vez mais rápido e mais cedo um mundo novo para essas crianças e cabe a nós adultos nos inserir cada vez mais nessas novidades.

Essa é uma realidade que só tende a ficar cada vez mais comum, as crianças passarão a ser comunicadas cada vez mais por instrumentos tecnológicos, deixando as experiências de vivência pessoal de lado ou como segundo plano.

Ao chegarmos à parte final desta pesquisa observamos que ainda nos falta muito para chegarmos a um diagnóstico aceitável do que pensamos inicialmente. Buscar novos atores, criar novas relações, buscar outros instrumentos que possam fortalecer essa busca pelo conhecimento.

Tentamos unificar instrumentos conhecidos e trazê-los para a nossa realidade e apesar de encontrar médias interessantes e que trazem um olhar inicial para nossos objetivos, ainda estamos distantes do que desejamos para encontrar as respostas que queremos.

Essa pesquisa apresenta-se como um primeiro passo rumo ao conhecimento da realidade da criança amazônica e o seu Bem-Estar subjetivo e acredito que este estudo poderá servir de anseios iniciais para novos passos em busca das respostas que ainda não encontramos e caberá aos envolvidos nesta pesquisa e as gerações futuras criar novos cenários para a pesquisa no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Anelise Salazar; TRÓCCOLI, Bartholomeu Tôrres. **Desenvolvimento de Uma Escala de Bem-Estar Subjetivo**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* Mai-Ago 2004, Vol. 20 n. 2, pp. 153-164
- ARTECHE, A. X., e BANDEIRA, D. R. (2006). **O desenho da figura humana: revisando mais de um século de controvérsias**. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 22(2), 133-155.
- BARBOZA, Chaielen M. **Indicadores Emocionais do Desenho da Figura Humana e sua relação com o Bem-Estar Subjetivo Infantil**. 2017, 151 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC Campinas, 2017.
- BRONFENBRENNER, Urie. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996
- CAMPBELL, A. (1976). **Subjective measures of well-being**. *American Psychologist*, 31, 117-124.
- CANTRIL, H. **The pattern of human concerns**. N. Brunswick: Rutgers University Press, 1965.
- CASAS, Ferran; BELLO, Armando. **Calidad de vida y bienestar infantil subjetivo en España ¿Qué afecta al bienestar de niños y niñas españoles de 1º de ESO?** – UNICEF – Espanha, 2012.
- COLEN, Matheus. **Mas afinal, o que é Minecraft?**
<https://originaconteudo.com.br/2016/06/28/mas-afinal-o-que-e-minecraft/>. Acesso em 05 jan 2020, 22:18.
- DA COSTA. Luiza Santos Moreira; PEREIRA. Carlos Américo Alves. **Bem-Estar Subjetivo: aspectos conceituais**. *Subjective Well-Being: conceptual aspects*. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 59, n. 1, 2007.
- DIENER, E., e RYAN, K. (2009). **Subjective well-being: A general overview**. *South African Journal of Psychology*, 39(4), 391-406.
- DIENER, E., DIENER, M. e DIENER, C. (1995). **Factors predicting the subjective well-being of nations**, *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 851-864.
- DIENER, E., EMMONS, R. A., LARSEN, R. J. e GRIFFIN, S. (1985). **The satisfaction with life scale**. *Journal of Personality Assessment*, 49, 71-75.
- DIENER, Ed. **Subjective Well-Being**. *Psychological Bulletin*, 1984. Vol. 95 Nº 3, 542-575.
- GALINHA, Iolanda, PAIS RIBEIRO, J.L. **História e Evolução do conceito de Bem-Estar Subjetivo**. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 2005 6 (2), 203-214.

GIACOMONI, C. H., e HUTZ, C. S. (2006). **Escala de afeto positivo e negativo para crianças**: Estudos de construção e validação. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 10(2), 235-245.

GIACOMONI, C. H., SOUZA, L. K. de, e HUTZ, C. S. (2014b). **A visão das crianças sobre a felicidade**. *Psicologia Escolar e Educacional*, 18(1), 143-150.
doi:10.1590/S1413-85572014000100015

GIACOMONI, Cladia Hofheinz, SOUZA, Luciana Karine de, HUTZ, Claudio Simon (2014). **A visão das crianças sobre a felicidade**. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, SP. Vol 18, nº 1. Janeiro/Abril 2014.

GIACOMONI, Cladia Hofheinz, SOUZA, Luciana Karine de, HUTZ, Claudio Simon (2016). **Você é feliz? A autopercepção da felicidade em crianças**. *Psic. da Ed.*, São Paulo, 43, 2º sem. 2016. Pag 13-22.

GIACOMONI, Cladia Hofheinz. **Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida**. *Temas em Psicologia da SBP—2004*, Vol. 12, no 1, 43– 50 Universidade Federal de Santa Maria.

GIACOMONI, Cladia Hofheinz. (2002). **Bem-estar subjetivo Infantil**: Conceito de felicidade e construção de instrumentos para avaliação. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GOUVEIA, V. V., ANDRADE, J. M., MILFONT, T. L., QUEIROGA, F., e SANTOS, W. S. (2003). **Dimensões normativas do individualismo e coletivismo**: É suficiente a dicotomia pessoal vs. social? *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(2), 223-234.

HUEBNER, E.S. (1991) **Initial Development of the Student's Life Satisfaction Scale**. *School Psychology International*, 12, 231-240.
<http://dx.doi.org/10.1177/0143034391123010>. Acesso em 15 fev 2019, 16:12.

LYKKEN, David , TELLEGEN, Auke **Happiness Is a Stochastic Phenomenon**. First Published May 1, 1996 Research Article. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9280.1996.tb00355.x>. Acesso em: 15 fev 2019, 16:35.

MCDOWELL, I. e PRAUGHT, E. (1982). **On the measurement of happiness**: An examination of in the Canada Health Survey. *American Journal of the Bradburn Scale Epidemiology*, 116 , 949-958

MEIRELES, Adriana Lúcia., XAVIER, César Coelho., CORTES, Marcela Guimarães., MOULIN, Zeina Soares., PROIETTI, Fernando Augusto., CAIAFFA, Waleska Teixeira. **Bem-estar da criança e do adolescente**: um construto multidirecional. *Ver Med Minas Gerais* 2012; 23(2): 138-141

NICKERSON, Amanda B.; NAGLE, Richard J. **The Influence of Parent and Peer Attachments on Life Satisfaction in Middle Childhood and Early Adolescence**. April 2004, Volume 66, Issue 1–2, pp 35–60

PAIS-RIBEIRO, J. **A importância da qualidade de vida para a psicologia da saúde.** Bem-Estar e Qualidade de Vida (pp.31-49). Alcochete: Textiverso, 2009.

PATTON, M. Q. (1990). **Qualitative evaluation and research methods** (2nd ed.). Sage Publications, Inc.

POLETTI, M. (2011). **Bem-estar subjetivo:** Um estudo longitudinal com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Tese de Doutorado não publicada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.

PREFEITURA Municipal de Santarém Dados Demográficos da Região http://www.santarem.pa.gov.br/pagina.asp?id_pagina=6. Acesso em: 17 mar 2018, 23:00.

SEGABINAZI, Joice Dickel. **Desenho da Figura Humana:** evidências de validade de escalas globais de avaliação. Dissertação de Mestrado 72 p. Porto Alegre, 2010.

SEIDL, Eliane Maria Fleury, ZANNON, Célia Maria Lana da Costa. **Qualidade de vida e saúde:** aspectos conceituais e metodológicos. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 20(2):580-588, mar-abr, 2004.

SELIGMAN, M. E. P. e CSIKSZENTMIHALYI, M. (2000) **Positive Psychology:** An introduction. American Psychologist Association. Jan. 55(1): 5-14.

SILVA, Maria Natália Santos da. DOUNIS, Alessandra Bonorandi. **Perfil do desenvolvimento motor de crianças entre 9 e 11 anos com baixo rendimento escolar da rede municipal de Maceió, AL.** Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos, v. 22, n. 1, p. 63-70, 2014

SILVA, C.T. (2015). **Manifestação do bem-estar subjetivo infantil em contexto educativo – nas perspectivas da educadora e das crianças.** Dissertação de mestrado não publicada. Mestrado Acadêmico em Educação, Universidade do Porto, Portugal.

SILVEIRA. Pablo Magno da. **Criação de um índice de satisfação com a vida por meio da teoria da resposta ao item e fatores associados em trabalhadores brasileiros.** Universidade Federal de Santa Catarina - Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Florianópolis, 2015.

SOUZA, João Gabriel S.; PAMPONET, Marcela Antunes; SOUZA, Tamirys Caroline S.; PEREIRA, Alessandra Ribeiro; SOUZA, Andrey George S.; MARTINS, Andréa Maria E. de B. L. **Instrumentos utilizados na avaliação da qualidade de vida de crianças brasileiras.** *Tools used for evaluation of Brazilian children's quality of life.* Rev. paul. pediatr. vol.32 no.2 São Paulo, 2014.

SOUZA. João Gabriel S., PAMPONET. Marcela Antunes, SOUZA. Tamirys Caroline S., PEREIRA. Alessandra Ribeiro, SOUZA. Andrey George S., MARTINS. Andréa Maria E. de B. L. **Instrumentos utilizados na avaliação da qualidade de vida de crianças brasileiras.** study. Neuropsychiatr Enfance Adolesc 1997;45:106-14.

UNICEF. **A Convenção sobre os Direitos da Criança**. Adoptada pela Assembleia Geral nas Nações Unidas em 20 de novembro de 1989 e ratificada por Portugal em 21 de Setembro de 1990.

VIAPIANA, V.F., BANDEIRA, C.M., GIACOMINI, C.H. (2016). Bem-Estar Subjetivo infantil: avaliação por meio do Desenho da Figura Humana. **Avaliação Psicológica**, 2016, 15(1), pp. 49-59.

WHO. **Officials Records of the World Health Organization**, nº 2, p. 100. United Nations, World Health Organization. Geneve, Imerim Comission.

APÊNDICES

**Apêndice I – Carta de Aceite da Instituição para realização da Pesquisa
assinada pela Direção da Escola**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
CENTRO DE FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE, AMBIENTE E QUALIDADE DE VIDA

Carta nº. 001/2018 - PPGSAQ

Santarém (PA), 30 de agosto de 2018.

À Sra. Joelita Castro
Diretora da E.E.E.F.M. São Raimundo Nonato

Prezada Senhora,

A felicidade é para muitas pessoas motivo de busca incansável. Os seres humanos buscam desde muitos anos em sua história, entender e compreender como se alcança a verdadeira felicidade, quais elementos são responsáveis e como mantê-la por muito tempo.

Percebe-se que quando se é criança o motivo de ser feliz é sempre muito simples, a criança não escolhe uma meia verdade, ou ela é ou ela não é feliz. Mas, como se pode avaliar o que de fato é felicidade para uma criança?

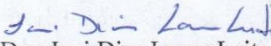
O discente João Paulo Pantoja Braga do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida, da UFOPA e está na fase final de coleta de dados de sua dissertação intitulada: **Você é feliz? Dimensões do Bem-Estar Subjetivo para crianças de uma Escola Pública Estadual de Santarém, Pará**, esse projeto objetiva: Analisar quais os fatores que influenciam o bem-estar de Crianças de uma escola da rede pública estadual de Santarém-PA.

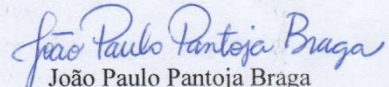
Acreditamos que esta pesquisa possa nos auxiliar a traçar esse perfil acerca da felicidade das crianças baseadas nos aspectos do Bem-Estar Subjetivo e assim podemos traçar medidas e até mesmo prever políticas públicas para este público. Estaremos fazendo coletas nas turmas de crianças com idade entre 9 e 12 anos, se assim nos for permitido, utilizando duas ferramentas autorizadas e já aplicadas em pesquisas no Brasil. Nesta perspectiva, convido a direção da escola, professores e alunos a acolherem esta pesquisa, que ora se apresenta, com o objetivo na construção do perfil da criança de nosso município, sabendo que assim esta tão honrosa instituição de ensino terá uma parcela significativa nos resultados encontrados neste estudo.

Neste sentido, solicitamos sua colaboração autorizando a participação dos alunos neste estudo. Você pode não autorizar a realização do estudo. Caso a autorização ocorra, esta ainda poderá ser interrompida a qualquer momento em decorrência de prejuízos causados às atividades institucionais, devendo somente o pesquisador ser avisado dos motivos da interrupção da pesquisa.

Esta pesquisa está sob orientação e acompanhamento direto da professora Dra. Iani Dias Lauer Leite, lotada no Centro de Formação Interdisciplinar da Universidade Federal do Oeste do Pará.

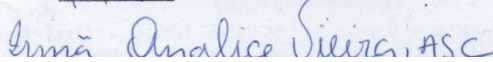
Atenciosamente,


Prof. Dra. Iani Dias Lauer Leite
SIAPE 1552900
iani.leite@ufopa.edu.br


João Paulo Pantoja Braga
Matrícula: 201621022
jppbraga@outlook.com | (93) 992353816

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa e que estou perfeitamente esclarecido(a) sobre o conteúdo da mesma, assim como os seus riscos e benefícios. Declaro ainda que por minha livre vontade autorizo a realização da pesquisa nesta instituição.

Em _____, de setembro de 2018



Apêndice II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Nº TCLE: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Deve ser assinado pelos **Responsáveis dos Menores** Matriculados na Escola

PESQUISA: PROJETO FELICIDADE: DIMENSÕES DO BEM-ESTAR SUBJETIVO PARA CRIANÇAS DE 8 A 12 ANOS EM ESCOLAS DE SANTARÉM, PARÁ.

FINALIDADE DA PESQUISA:

A felicidade é para muitas pessoas motivo de busca incansável. Os seres humanos buscam desde muitos anos em sua história, entender e compreender como se alcança a verdadeira felicidade, quais elementos são responsáveis e como mantê-la por muito tempo. Busca-se compreender o que leva as pessoas a considerarem-se felizes, quais os aspectos que podem ou não influenciar esse resultado e como se pode mensurar os níveis de felicidade principalmente em crianças. Amparados na necessidade de encontrar essas respostas, principalmente na região norte do Brasil, esta pesquisa vem se caracterizar como necessária para essa compreensão. A felicidade é uma das dimensões do bem-estar subjetivo que tem atraído a atenção de pesquisadores de várias áreas do conhecimento, pela compreensão de sua influência na saúde e no desenvolvimento humano. Para esse estudo, o bem-estar subjetivo é entendido como a avaliação que cada pessoa faz de sua própria vida e isso inclui os domínios que a compõem. Várias pesquisas realizadas têm buscado compreender, além dos domínios que fazem parte do construto, as variáveis que interferem na felicidade, principalmente de crianças. Em se tratando dessas, o direito ao bem-estar é uma dimensão estruturante da infância (SILVA, 2015), portanto, é preciso ouvir suas vivências, práticas e conceituações, para que se possa conhecê-las e às suas necessidades, de maneira a garantir o necessário para propiciar e manter o bem-estar infantil. A pesquisa sobre felicidade com crianças tem avançado em outros lugares do mundo, como nos Estados Unidos e Espanha. No Brasil, o número de estudos é reduzido e tem sido conduzidos nas regiões sul e sudeste do país. Nesse sentido, não se sabe sobre felicidade de crianças nortistas, cujas formas de vida possuem peculiaridades que as distinguem de crianças de outras regiões do país. Essa pesquisa, que faz parte de um projeto mais amplo, que tem como objetivo compreender como está o Bem-estar Subjetivo das crianças da Amazônia Brasileira, que tem como foco as dimensões do bem-estar subjetivo para crianças de 8 a 12 anos em uma escola estadual pública em Santarém, Pará. Como objetivos específicos pretende-se: descobrir como está o bem-estar subjetivo das crianças participantes, identificar os domínios que compõem o BES delas, a partir de suas falas e quais desses domínios possuem maior relevância na concepção das mesmas. Os dados serão coletados mediante múltiplos

instrumentos, de acordo com os objetivos traçados: para mensurar o BES será utilizada a técnica do Desenho da Figura Humana e a escala multidimensional de satisfação com a vida, validada por Giacomoni e Hutz (2008). Para averiguar as dimensões do BES para os participantes será aplicada a Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Crianças – GIACOMONI (2002). Pode ser que existam vários fatores e até mesmo variáveis acerca desse questionamento como por exemplo a família, os amigos, o lazer, porém é possível também que essas crianças consigam construir seus conceitos de felicidade em fatores nunca imaginados por outras pessoas. Mas para responder tal questionamento o autor buscou construir alguns objetivos que delimitam e norteiam esta pesquisa. Por objetivo geral, temos: Investigar em que níveis está a Felicidade de Crianças de uma escola da rede pública estadual de Santarém-PA. E para que se alcance esse objetivo geral definiu-se por objetivos específicos: a) Analisar por meio da Técnica do Desenho Infantil os níveis de Felicidade das crianças da amostra; b) Caracterizar esses níveis definindo um perfil da criança feliz na região norte do Brasil. Esta pesquisa trará índices sobre como está o nível de felicidade das crianças da região norte, tendo em vista que estudos como esse que já foram realizados no Brasil só apresentam dados de crianças moradoras das regiões centro-oeste, sul e sudeste, tornando este conceito algo ainda desconhecido por nossa população.

DESTINO DAS INFORMAÇÕES DOS PARTICIPANTES:

As informações obtidas com os participantes por meio das técnicas de coleta de dados citadas acima serão utilizadas exclusivamente para a presente pesquisa e serão analisadas em conjunto com os dados de todos os participantes, sendo que ninguém será identificado. O destino dos dados escritos serão o arquivamento pelo pesquisador responsável, após cinco anos de finalizada a pesquisa, os dados escritos serão queimados.

RISCOS, PREVENÇÃO E BENEFÍCIOS PARA O SUJEITO DA PESQUISA:

O risco para os participantes na presente pesquisa diz respeito ao possível constrangimento durante o procedimento de coleta de dados. Para evitar qualquer tipo de situação de risco, o pesquisador responsável terá o cuidado ao identificar pelo nome os participantes que assinarem aos dois termos, assim como a coleta de dados será realizada pelo pesquisador e equipe sob o consentimento do participante, em sala de aula.

Os benefícios esperados para a pesquisa tratam de um maior reconhecimento em matéria do tema de estudo, ao se identificar e descrever os conceitos e os fatores que interferem o Bem-estar Subjetivo Infantil. No entanto, é fato que somente ao final da pesquisa serão extraídas conclusões definitivas com relação aos objetivos deste estudo.

ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS:

O pesquisador responsável deste estudo é João Paulo Pantoja Braga, aluno do Programa de Pós-graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida da UFOPA ligado ao Centro de Formação Interdisciplinar, que pode ser encontrado na Passagem Vista Alegre, 646, Bairro Santa Clara, telefone: 93 992353816, e-mail: jppbraga@outlook.com

A orientadora do estudo é a Prof^a Dra. Iani Dias Lauer Leite, telefone 93-991946557 e e-mail:ianilauer@gmail.com, que pode ser encontrada às sextas-feiras, das 10h às 12h, na sala 449 do Campus Amazônia da UFOPA.

DECLARAÇÃO

Declaro que compreendi as informações do que li e que me foram explicadas sobre a proposta de pesquisa em questão. Discuti com o pesquisador responsável sobre a participação do menor

nesse estudo, ficando claros para mim quais são os propósitos da pesquisa, os procedimentos a serem realizados. Autorizo que utilizem, divulguem e publiquem, para fins científicos e culturais, os resultados obtidos pela participação de meu filho neste estudo. Ficou claro também que a participação de meu filho não será paga, não terá despesas, poderá desistir a qualquer momento de participar da pesquisa. Se houver danos, poderei legalmente solicitar indenizações.

Sendo assim, autorizo a realização da pesquisa com o menor

_____. O pesquisador garante que estou recebendo uma cópia deste TCLE. Assino/rubrico todas as páginas deste TCLE, assim como a testemunha e a pesquisador responsável.

Santarém, _____ de _____ de 2018.

Assinatura do Responsável

Assinatura do
Pesquisador

Assinatura da Orientadora

Apêndice III – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido



Nº TALE: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Deve ser assinado pelos **Menores** Matriculados na Escola

PESQUISA: PROJETO FELICIDADE: DIMENSÕES DO BEM-ESTAR SUBJETIVO PARA CRIANÇAS DE 8 A 12 ANOS EM ESCOLAS DE SANTARÉM, PARÁ

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **PROJETO FELICIDADE: DIMENSÕES DO BEM-ESTAR SUBJETIVO PARA CRIANÇAS DE 8 A 12 ANOS EM ESCOLAS DE SANTARÉM, PARÁ**. Seus pais permitiram que você participe.

Queremos saber investigar o conceito de felicidade através da escala de Bem-Estar Subjetivo com crianças de oito (8) a doze (12) anos de uma escola da rede estadual e identificar quais fatores influenciam o Bem-Estar Subjetivo dessas crianças, a partir da fala das mesmas sobre o assunto, averiguar o Bem-Estar Subjetivo das crianças mediante o uso da técnica Desenho da Figura Humana. As crianças que irão participar desta pesquisa têm de oito a doze anos de idade. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio São Raimundo Nonato, onde as crianças serão convidadas a responder um questionário e após, sob supervisão do pesquisador e sua equipe a aplicação do método do Desenho da Figura Humana. Para isso, será usado papel, caneta, lápis de cores, canetas coloridas. O uso do material é considerado seguro, Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelo telefone 93 992353816 do pesquisador João Paulo Pantoja Braga.

Mas há coisas boas que podem acontecer como a pesquisa trazer um maior reconhecimento em matéria do tema de estudo, ao se identificar e descrever os conceitos e os fatores que interferem o Bem-estar Subjetivo Infantil. No entanto, é fato que somente ao final da pesquisa serão extraídas conclusões definitivas com relação aos objetivos deste estudo.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas apenas para fim de pesquisa. Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar. Eu escrevi os telefones na parte de cima deste texto.

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu _____
aceito participar da pesquisa **VOCÊ É FELIZ: DIMENSÕES DA FELICIDADE PARA CRIANÇAS DE UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DE SANTARÉM, PARÁ.** Entendi os coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar furioso. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Santarém, ____ de _____ de 2018.

Assinatura do Menor

Assinatura do
Pesquisador

Assinatura da Orientadora

Apêndice IV – Escala Multidimensional de Satisfação de Vida com Crianças



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

ESCALA MULTIDIMENSIONAL DE SATISFAÇÃO DE VIDA PARA CRIANÇAS

(Giacomoni, 2002)

Gostaríamos de saber o que você pensa sobre a sua vida e coisas que fazem parte dela. Por exemplo: como você tem se sentido ultimamente? O que você gosta de fazer?

Para cada frase escrita abaixo você deve escolher um dos números que melhor representa o quanto você concorda com o que esta frase diz sobre você.

(1) Nem um pouco	(2) Um pouco	(3) Mais ou menos	(4) Bastante	(5) Muitíssimo
38. Eu me divirto com muitas coisas. (1) (2) (3) (4) (5)				49. Estou satisfeito com os amigos que eu tenho. (1) (2) (3) (4) (5)
67. As outras crianças têm mais amigos que eu. (1) (2) (3) (4) (5)				53. Meus professores gostam de mim. (1) (2) (3) (4) (5)
34. Tenho pessoas que me ajudam. (1) (2) (3) (4) (5)				42. Eu sou esperto. (1) (2) (3) (4) (5)
41. É bom brincar com meus amigos. (1) (2) (3) (4) (5)				3. As outras crianças são mais alegres do que eu. (1) (2) (3) (4) (5)
65. Eu aprendo muitas coisas na Escola. (1) (2) (3) (4) (5)				33. Gosto de brigas. (1) (2) (3) (4) (5)
45. Eu sou uma pessoa carinhosa. (1) (2) (3) (4) (5)				43. Eu me divirto com a minha família. (1) (2) (3) (4) (5)
63. Meus amigos brincam mais do que eu. (1) (2) (3) (4) (5)				68. Gosto de conversar com meus amigos. (1) (2) (3) (4) (5)
60. brigar resolve os problemas. (1) (2) (3) (4) (5)				10. Eu me sinto calmo, tranquilo. (1) (2) (3) (4) (5)
47. Eu fico feliz quando minha família se reúne. (1) (2) (3) (4) (5)				15. Procuro fazer coisas que me deixam feliz. (1) (2) (3) (4) (5)
35. Eu me relaciono bem com meus colegas. (1) (2) (3) (4) (5)				25. Meus amigos me ajudam quando eu preciso. (1) (2) (3) (4) (5)

29. Eu sou alegre. (1) (2) (3) (4) (5)	62. Eu gosto das atividades da escola. (1) (2) (3) (4) (5)	
26. Meus amigos podem fazer mais coisas do que eu (1) (2) (3) (4) (5)	5. Eu sorrio bastante. (1) (2) (3) (4) (5)	
24. Minha família se dá bem. (1) (2) (3) (4) (5)	46. Preciso receber mais atenção. (1) (2) (3) (4) (5)	
51. Eu me divirto na escola. (1) (2) (3) (4) (5)	16. Brigo muito com meus amigos. (1) (2) (3) (4) (5)	
1. Eu sou uma pessoa bem humorada. (1) (2) (3) (4) (5)	2. Minha família gosta de mim. (1) (2) (3) (4) (5)	
14. Meus amigos ganham mais presentes que eu. (1) (2) (3) (4) (5)	54. Eu me divirto com meus amigos. (1) (2) (3) (4) (5)	
20. Eu me divirto com as coisas que eu tenho. (1) (2) (3) (4) (5)	44. Eu gosto de ajudar as pessoas. (1) (2) (3) (4) (5)	
50. Mantenho a calma. (1) (2) (3) (4) (5)	56. Tenho facilidade de fazer amigos. (1) (2) (3) (4) (5)	
9. Meus amigos são mais alegres do que eu. (1) (2) (3) (4) (5)	37. Meus amigos se divertem mais do que eu. (1) (2) (3) (4) (5)	
11. Minha família me faz feliz. (1) (2) (3) (4) (5)	61. Gostaria que minha família fosse diferente. (1) (2) (3) (4) (5)	
31. Eu gostaria que meus amigos fossem diferentes. (1) (2) (3) (4) (5)	64. Sou irritado. (1) (2) (3) (4) (5)	
48. Meus amigos brigam muito comigo. (1) (2) (3) (4) (5)	58. Meus amigos gostam de mim. (1) (2) (3) (4) (5)	
12. Eu sou divertido. (1) (2) (3) (4) (5)	57. Eu me sinto bem na minha escola. (1) (2) (3) (4) (5)	
27. Meus pais são carinhosos comigo. (1) (2) (3) (4) (5)	30. minha família me ajuda quando preciso (1) (2) (3) (4) (5)	
32. Sempre encontro ajuda quando preciso. (1) (2) (3) (4) (5)	Sou:	
36. Eu gosto de ir à escola. (1) (2) (3) (4) (5)	Menino	Menina

Apêndice V – Itens de Avaliação do Desenho da Figura Humana

Desenho da Figura Humana (DFH) - Itens de Avaliação do BES através do DFH Para a atribuição de pontos ao item, considera-se uma escala de respostas do tipo Likert de cinco pontos, que variam de um (nem um pouco) a cinco (muitíssimo).

1. Linhas firmes, bem controladas, sem nenhuma ondulação (mais da metade da figura).
2. União das linhas: os pontos de união das linhas devem encontrar-se sem tendência a se cruzar, sem espaço entre as extremidades, considerando o desenho como um todo.
3. Integração da figura: a cabeça unida ao pescoço ou topo do tronco, dois braços unidos ao limite superior do tronco, duas pernas unidas ao limite inferior.
4. Proporção adequada: existe adequação dos membros (inferiores e superiores) em relação ao tamanho do corpo.
5. Simetria adequada: ambos os braços e pernas têm a mesma forma.
6. Limpeza: figura com bom aspecto, falta de rasuras, borrões e linhas apagadas.
7. Tamanho médio da figura: o tamanho total do desenho da figura humana em sua altura deve estar entre 6 cm e 22 cm.
8. Figura central: o desenho ocupa os 4 quadrantes da folha.
9. Pano de fundo: presença de elementos da natureza, animais, automóveis, construções, sol, lua, nuvens, arco-íris.
10. Símbolos afetivos: desenho de corações, sorrisos, escritas ou outros detalhes que representam afeto (não inclui a face da figura humana sorrindo).
11. Penteado: qualquer tentativa de representar um corte ou penteado dos cabelos.
12. Boca expressando sorriso (por exemplo: boca em forma de meia lua, com uma ou duas linhas)
13. Braços não estendidos: ao menos um braço afastado do tronco, em um ângulo igual ou maior que 45°.
14. Roupas: pontua-se se há a presença de alguma peça de roupa no desenho da figura humana: calças, bermudas, saias, vestido, etc.
15. Sapato: qualquer tentativa de representar um sapato.
16. Detalhes: Pontua-se se houver algum tipo de detalhe no desenho da figura humana (qualquer detalhe nas vestimentas, como botões e estampas, acessórios, joias, óculos, cadarços, artigos esportivos, brinquedos – exclui-se símbolos agressivos).
17. Objetos: quando há a presença de um ou mais objetos junto à figura ou sendo portados por ela (exclui-se símbolos agressivos).
18. Objetos inanimados: características humanas em desenhos não humanos (ex.: sol com rosto, balões com rosto, etc.)

